

Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

A IAF na Argentina



VOLUME 24

NÚMERO 1

2 0 0 3

A Fundação Interamericana (IAF) é um organismo independente do governo dos Estados Unidos, criado em 1969 como um programa experimental de ajuda externa a América Latina e o Caribe. Mediante doações diretas a organizações locais de toda a região, a Fundação trabalha para promover o desenvolvimento equitativo baseado na autoajuda, que conta com a participação das comunidades e responde a suas necessidades. Além disso, se associa com entidades dos setores público e privado com a finalidade de mobilizar recursos locais, nacionais e internacionais para o desenvolvimento de base. O orçamento operacional da Fundação consiste de fundos provenientes de atribuições do Congresso dos Estados Unidos e do Fundo Fiduciário de Progresso Social.

Frank Yturria, presidente do conselho diretor
Patricia Hill Williams, vicepresidente do conselho diretor
David Valenzuela, presidente da IAF

A Escritório de Relações Exteriores da IAF publica a revista *Desenvolvimento de Base* em inglês, espanhol e português. Se encontra no local da Fundação www.iaf.gov na internet, também em inglês, espanhol e português em formato com gráficos ou html. A menos que se indique o contrário, o material publicado na revista é do domínio público e pode ser livremente reproduzido, com a exceção da reprodução de fotografias para a qual se requer autorização específica. Solicita-se mencionar a fonte e enviar à Fundação uma cópia de qualquer reprodução. *Desenvolvimento de Base* aparece no catálogo do *Standard Periodical Directory*, o *Public Affairs Information Service Bulletin*, o *Hispanic American Periodical Index* (HAPI) e no banco de dados de *Agricultural Online Access* (WORLD). Números passados podem obter-se em microfilme de University Microfilms International, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, U.S.A. Esta publicação pode solicitar-se por correio eletrônico a publications@iaf.gov ou por escrito à seguinte endereço:

Desenvolvimento de Base
Fundação Interamericana
901 North Stuart St. 10th Floor
Arlington, VA 22203, U.S.A.

O propósito da revista é compartilhar experiências nas atividades de desenvolvimento de base com uma variedade de leitores. A editora os convida a apresentar artigos pertinentes que tratem, embora sem exclusividade, os temas seguintes:

- como se organiza e trabalha a população de baixa renda da América Latina e do Caribe para melhorar as suas condições de vida;
- problemas e tendências no mundo do desenvolvimento; e
- como cooperam as instituições para promover o desenvolvimento da região.

Para obter informações mais detalhadas, as pessoas interessadas devem dirigir-se por correio a Paula Durbin ao endereço acima indicado ou por e-mail a pdurbin@iaf.gov.

Foto da capa: Patrick Breslin. Vicente Alancay, indígena *coya*, ganha a vida nas salinas perto de Abra Pampa, Argentina. Ele e seu colega, Roberto Flores, podem, em quatro a cinco horas, colher uma tonelada de sal para vendê-la por dez pesos, menos de US\$3.00. Rosário Quispe, dirigente de Warmi Sayajunqo, organização donatária da IAF, deseja mecanizar o processo e fazer do sal o centro de uma empresa comunitária para os povoados *coyas* dos arredores.

Impresso com tinta derivada da soja em papel reciclado.



Desenvolvimento de Base
Revista da Fundação Interamericana

Editora da publicação: Paula Durbin

Editor de fotografias: Mark Caicedo

Supervisora de tradução: Leyda Appel

Assistente editorial: Adam Warfield

Desenho e impressão: Oficinas Gráficas do Governo dos Estados Unidos (GPO)

Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

VOLUME 24

NÚMERO 1

2 0 0 3



PATRICK BRESLIN

Índice

Reportagem especial

Os donatários argentinos da IAF: Presos na crise <i>Paula Durbin</i>	1
Despertar indígena	2
A auto-ajuda nas cidades	6
Nuvens densas e esperança nos pampas	12
Mobilização das redes de museus comunitários no México – e além <i>Kevin Benito Healy</i>	15

Desenvolvimento e gênero na Guatemala <i>Rosamaría Cruz</i>	25
--	----

Soluções e estratégias

Fórum sobre remessas de fundos: Protagonistas e programas em El Salvador <i>Salvador Sanabria</i>	34
Desenvolvimento da indústria de laticínios nos Andes peruanos <i>Alipio Montes Urday</i>	40
O preço da preservação florestal e dos pastos do altiplano <i>Roberto Yaguache O.</i>	44
O desafio da sustentabilidade <i>Edward Hoyt</i>	46

En la IAF

A marcha do desenvolvimento	52
Os donatários nas notícias	54
Resenha <i>Padre sol, madre luna: Cuentos del desarrollo de base pluricultural</i> <i>Olivia Cadaval</i>	57
Extrato: Vida ou dignidade <i>Charles David Kleymeyer</i>	60
Recursos	65
In memoriam	70



Antonio Berni, "Manifestación" (1934).

Os donatários argentinos da IAF:

Presos na crise

de Paula Durbin

Na Argentina a solidariedade está de pé. É a face positiva da crise. *La Nación*, editorial, 27 de outubro de 2002

Os meios internacionais de divulgação começaram a cobrir os momentos difíceis que estava atravessando a Argentina em dezembro de 2001 quando se desmoronou sua tão divulgada prosperidade sob uma dívida internacional maciça e um alto tipo de câmbio, denominado “convertibilidade”, eufemismo para descrever um peso supervalorizado em uma correspondência de “um para um” com relação ao dólar dos Estados Unidos. Os jornais, as revistas e a televisão apresentaram artigos sobre as estri-dentes manifestações que derrubaram uma série de administrações; sobre argentinos desesperados clamando pelas poupanças acumuladas durante toda a vida depositadas em contas bancárias congeladas por decretos governamentais denominados *el corralito* e *el corralón*; e sobre a má nutrição que afetava as crianças em quantidades sem precedentes. As más notícias não pararam aí, mas até que ponto era boa a situação antes do colapso? As medidas destinadas a controlar a hiperinflação de décadas anteriores tinham tido conseqüências muito duras: falências, fechamento de fábricas, desemprego em aumento vertiginoso, um sistema educacional debilitado e acesso mais limitado à assistência médica e social. Se perguntarmos aos cidadãos comuns quando começou a crise atual, ouvem-se datas que remontam a 1985; muitos vêm lutando toda a vida.

Desde a década de 1970, a IAF concedeu 210 doações a organizações argentinas dedicadas aos problemas decorrentes da pobreza. No fim do ano passado viajamos pela Argentina para ver qual era a situação dos atuais donatários.

Eram apenas seis, pouco mais que um punhado, mas seu impacto se estendia a um extenso setor do país. Começamos no extremo noroeste, o inóspito mas imponente altiplano que os argentinos denominam La Puna e continuamos pelas cidades até La Pampa e a Patagônia. Por volta de outubro, os nossos donatários já se tinham adaptado a algumas das conseqüências caóticas da inadimplência do pagamento da dívida e da desvalorização, inclusive a confusão de patações, *lecops*, *quebrachos*, *bocades* e outras quase-moedas que tanto o governo federal como os governos provinciais e municipais tinham emitido para atender aos seus pagamentos. Segundo diversos jornalistas entrevistados para este artigo, a queda do peso a apenas 3,7 com relação ao dólar dos Estados Unidos foi um motivo de alívio, inclusive otimismo, em um país temeroso da inflação.

No entanto, as dimensões sociais da crise econômica continuam sendo alarmantes. Segundo dados oficiais, em outubro 57% da população viviam abaixo do nível de pobreza, uma das estatísticas mais dolorosas da história argentina e, no momento da preparação deste artigo, as cifras não melhoraram. No entanto, o que presenciamos durante a nossa viagem confirmou uma observação do editorial mencionado anteriormente: quanto mais se agrava a necessidade, com mais vigor se mobilizam as pessoas e instituições perante o sofrimento atual. Com energia, valentia, perseverança e criatividade, os donatários da IAF e outras ONGs estão enfrentando os desafios. Seria esta batalha, possivelmente a mais difícil, o seu momento mais glorioso?

Despertar indígena

Fotos: Patrick Breslin

Jujuy, no extremo noroeste da Argentina, é uma das províncias mais pobres do país. Em agosto de 2002, aproximadamente 63% da população viviam na pobreza e o desemprego em algumas zonas não baixava de cerca de 48%. Embora as estatísticas sejam semelhantes às que atualmente se vêem em outras partes da Argentina, não podem ser atribuídas à crise atual. E não dizem muito sobre os habitantes de Jujuy, na maioria coyas originários de Puna.

As difíceis circunstâncias destes indígenas argentinos pioraram ainda mais a partir de 1985 quando as indústrias locais faliram ou reduziram os seus quadros de pessoal. O fumo e o açúcar tinham oferecido, no melhor dos casos, o único trabalho sazonal que complementava a sua renda básica, mas o fechamento das minas, dizem os juvenhos, foi como uma bomba que explode. Muitos homens desempregados procuraram encontrar trabalho no

sul, deixando as suas famílias na situação de ter de valer-se por si mesmas. Em princípios da década de 1990, as legiões de desempregados que ficavam começaram a sentir-se o suficientemente necessitados para protestar violentamente como piqueteiros, estabelecendo a sua famosa modalidade de protesto que consistia no fechamento de vias, modalidade aprovada no restante do país à medida que se foi estendendo a pobreza. Atualmente, a relação estatal se avolumou, incluindo 40.000 dos 630.000 habitantes de Jujuy e outros 60.000 recebendo um subsídio do governo. Para a maioria, isto significa 150 pesos por mês do polémico Plano Homens e Mulheres Chefes do Lar, um programa para desempregados, financiado pelo Banco Mundial, do qual dependem atualmente 2 milhões de argentinos. (Sucedeu ao Plano Trabalhar, um programa do governo federal cujo objetivo, no auge da privatização, era

tirar de dificuldades as pessoas afetadas pelos cortes de pessoal na economia de serviço da Argentina, recentemente globalizada.)

Neste ambiente pouco promissor, surgiu e tem prosperado a Asociación de Mujeres Warmi Sayajsunqo (que significa “mulheres perseverantes”), sob a direção de Rosário Quispe, cuja visão de uma vida melhor para os coyas inclui recuperar a independência econômica desfrutada por seus antepassados. “O meu avô tinha 300 vacas, 800 ovelhas e campos de alfafa e milho”, recordou Quispe. “Nunca ganhou um salário, mas ninguém podia dizer que éramos pobres”.



Ernestina Alejo tece em um tear tradicional em San Francisco Alfarcito, seu povoado.



Rosário Quispe, a carismática dirigente da associação Warmi Sayajsunqo, mostra as hortaliças cultivadas em um invernadero.

Quispe, filha de um mineiro, nasceu em Puna. Quando terminou o ensino de primeiro grau, trabalhou cuidando de crianças; mais tarde, casou-se com um mineiro e teve sete filhos. Quando seu marido perdeu o emprego em meados da década de 1980, Quispe começou a dar provas de suas aptidões como organizadora, trabalhando em projetos católicos de desenvolvimento de base. Em 1995, juntamente com outras 10 mulheres, fundou a associação Warmi em Abra Pampa, um povoado árido e açoitado pelos ventos no coração desolado de Puna. O objetivo era melhorar a renda dos *coyas* aumentando a criação de animais de granja e a produção artesanal e alimentar. A organização da comunidade, a educação e a saúde, especialmente a saúde da mulher, também se transformaram em prioridades.

Bailes e rifas financiaram as primeiras iniciativas da Warmi: uma oficina, equipamento de tecer e teares, treinamento, melhorias domésticas e distribuição de alimentos, roupa e medicamentos doados. Em seguida, em 1997, a Warmi foi a primeira organização argentina a receber o prêmio da Cúpula Mundial da

Mulher “pela criatividade na zona rural” e os meios de divulgação se concentraram em Abra Pampa. A cobertura jornalística atraiu o apoio de diversas fontes, entre elas a Fundação Bunge y Born, a instituição benéfica Casa de Ronald McDonald e empresas argentinas como Transportadora de Gas del Norte (TGN), cuja assistência inclui o financiamento de invernaderos de hortaliças que não podem crescer ao ar livre em Puna. “O projeto nos tem permitido ser parte de um investimento social de alto impacto”, explicou Taira Peña, coordenadora de ação comunitária da TGN. “O modelo administrativo da Warmi, a direção de Rosário Quispe e o nosso papel ativo nos permitem forjar uma aliança que transcende o aspecto meramente executivo de alcançar um objetivo”.

Com fundos da Fundação Avina, a Warmi pôde lançar o sistema de microcrédito rotativo cuja expansão está sendo apoiada pela IAF com uma doação no exercício financeiro de 2001. O programa concedeu 1.000 empréstimos em 74 comunidades *coyas*, unidades de talvez 30 famílias que Quispe visitou pessoalmente para explicar o conceito de crédito e implementar

o fundo comunitário. Cada fundo é administrado por uma associação de solicitantes de empréstimos entusiastas que elegem um homem e uma mulher como dirigentes, além de uma secretária e um tesoureiro. A associação determina a ordem de prioridade para receber um empréstimo; os que estão na lista de espera recebem seus empréstimos depois de os mutuários anteriores terem reembolsado o fundo, um poderoso incentivo para pagar rapidamente. Os membros reúnem-se periodicamente nos salões sociais escassamente mobiliados mas impecáveis de pequenas igrejas rústicas, algumas delas construídas há vários séculos. As paredes estão cobertas de gráficos que indicam a situação dos empréstimos atuais; a amortização é de 100%.

Devido à situação incerta da economia nacional, os coyas conscientizados vacilam atualmente em solicitar um empréstimo. No entanto Raúl Llobeta, o economista da Warmi, insiste em que a crise em geral tem atuado em favor tanto da Warmi como dos seus beneficiários, primeiro porque pôs fim ao clientelismo político—sob a forma de dádivas de dinheiro e alimento por parte do governo—que mantinha em seu lugar os distritos eleitorais pobres. “A nossa ONG permite que as pessoas transformem em realidade o seu sonho—afirmou Llobeta—de viver do próprio trabalho com dignidade, como os seus antepassados, e em conformidade com as próprias normas culturais. Tudo começa com as lembranças que Rosário tem de seu avô que não necessitava nem das minas nem do Estado, mas vivia da própria produção”.

Além disso, para estes empresários coyas que nunca tinham manejado suficiente dinheiro como para serem afetados pelo corralito, corralón ou desvalorização, o fim da paridade dólar-peso significa a oportunidade de competir no mercado mundial. Atualmente, os seus investimentos mais comuns são em equipamento de tecelagem e lhamas das quais tiram a fibra com que fazem o fio para tecer cachecóis, bolsas e suéteres e a pele para produtos de couro lavrado de qualidade excepcional. A Warmi dá ênfase a produtos de qualidade para exportação. “Com o ‘um a um’ [tipo de mudança de paridade do dólar com o peso], não fazia sentido procurar comercializar os artigos de ponto em nível internacional”, disse Llobeta. “Agora é possível”. Mesmo assim, é

otimista mas cauteloso. Os planos da Warmi de exportar carne de lhama para a Alemanha se desmoronaram devido a uma doença que impera entre os camelídeos argentinos e Llobeta critica o governo por não investir em uma vacina. “A desculpa – dijo Llobeta – foi a seguinte: ‘Nós nunca imaginamos que os coyas chegassem jamais a exportar alguma coisa”.

Cumprido notar que, em 1994, a Constituição argentina foi reformada com o objetivo de reconhecer os povos indígenas do país e a posse da terra que ocupam, possivelmente pondo fim ao mito de que a Argentina é um país sem índios. Agora Quispe quer que o título de propriedade seja transferido às comunidades *coyas* e tem um aliado poderoso. Os bispos católicos da Argentina, entre eles o mentor de Quispe, Dom Pedro Olmedo, prelado de Humahuaca, recentemente solicitaram publicamente que o governo “acelerasse o processo de reconhecimento dos direitos territoriais dos povos indígenas”. Segundo Quispe, o patrimônio coya inclui amplas extensões de terras ricas em minerais, entre elas salinas que se estendem sobre Puna até onde alcança a vista.

“Este é o trabalho mais difícil que jamais vi em minha vida”, comentou em um lugar onde dois homens coyas com picareta e pá tinham trabalhado cinco horas para colher uma tonelada de sal que venderiam por 10 pesos. Quando o sol brilha nas salinas, o resplendor é deslumbrante; a temperatura abaixo de zero em julho, o sal não pode ser colhido e não produz lucros. Quispe afirma que há mercado para 1.000 toneladas por mês e prevê uma empresa comunitária, com o processo mecanizado, para as aldeias circundantes. Também está considerando um programa de empréstimos maiores que permitam às famílias coyas comprar equipamento para extrair ouro de outras terras.

“A luta pelo título será longa”, advertiu Quispe a uma comunidade que a escutava absorta e à qual a Warmi tinha enviado um administrador e um contador para ajudar a implementar a empresa de sal. “Este será o grande negócio. Também o ouro”. Acrescentou que as províncias de Jujuy e Salta administram atualmente as terras em questão e está cansada de vê-las manipuladas em prol de interesses especiais. Quispe também culpa a classe

dirigente pelos resíduos tóxicos despejados pelas indústrias que, segundo ela, não pagam direitos de uso. Insiste em que os poluentes são as causas do índice alarmante de câncer de colo uterino entre as mulheres coyas—das 1.800 pessoas recentemente pesquisadas, 480 precisaram de criocirurgia e várias tinham câncer avançado. Embora conhecida como apolítica, Quispe considera que a justiça, tanto social como ambiental, é uma questão a ser resolvida entre os coyas e a nação argentina. E continuou: “Eu disse bem claro ao governador: ‘não se pode dizer que isto não seja nosso. Puna é nossa’”.

No início de 2003, a Warmi foi homenageada com o “Prêmio Internacional de Dubai pelas Melhores Práticas”, concedido pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos e pelo Município de

Dubai, Emirados Árabes Unidos, por melhorar o ambiente habitável. Há apenas alguns meses foi televisionada uma resenha biográfica da carismática dirigente da Warmi em um documentário de uma hora de duração intitulado *Rosário Quispe, uma mulher perseverante*, transmitido como parte da série *Visionário*. O jornal *Página 12*, de Buenos Aires, anunciou o programa com um artigo extenso na manhã do mesmo dia. Outro depoimento da eficácia tanto de Quispe como da Warmi é a crescente confiança da gente de Puna. “Estava acostumada a ser considerada como incompetente”, explicou Agustina Roca, antropóloga relacionada com a Warmi. “Agora maneja dinheiro, toma decisões e enfrenta maiores desafios. Sente que pode assumir o controle de seu destino. Creio que esse é o alcance mais importante de Rosario”.



Rosário Quispe, esquerda, com membros de uma associação de empréstimo na pequena comunidade de Tres Pozos.

A auto-ajuda nas cidades

“A pobreza mais deplorável”, assim é como Griselda Meng descreve os estragos causados pela crise argentina na Grande Buenos Aires. A frase é aplicável à grande parte das zonas urbanas da Argentina, onde vivem cerca de 20,8 milhões de habitantes que, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INDEC), no fim do ano passado não tinham dinheiro para comprar as necessidades básicas. Os números oficiais indicam que quase um quarto da força de trabalho do país estava desempregado na primavera meridional de 2002; nos bairros urbanos, aproximada-

Fundación de la Universidad Nacional de General Sarmiento (FUNAS). Sediado num novo campus situado em um dos bairros mais pobres da zona metropolitana de Buenos Aires, o programa de desenvolvimento local da FUNAS vem atendendo desde 1998 a uma clientela que inclui desde operários em circunstâncias difíceis que têm habitação própria até os indigentes marginalizados que ocupam parcelas denominadas “*villas miséria*” (favelas). O objetivo sempre foi aliviar a pobreza por meio de programas de assistência jurídica, saúde, habitação e culturais, entre outros, e

quando o desemprego aumentou de 20% a 60% o trabalho da FUNAS, como a da maioria dos donatários, adquiriu uma urgência imprevista.

San Miguel

“A situação é incomparavelmente pior”, disse Adriana Rofman, coordenadora da FUNAS, ao referir-se a San Miguel, um subúrbio a curta distância do campus. “A maioria das pessoas não tem renda estável”. Os que passam por San Miguel vêem os residentes, gente que anteriormente tinha emprego, procurando ganhar a vida com a churrasqueira familiar ou trabalhando como motorista. Em todas as partes, cartazes anunciam vendas de roupa usada a preços baratíssimos e reuniões de permuta, onde os vizinhos que têm pouco dinheiro se juntam para trocar objetos.

A Unión de Familias Obreras tem funcionado como um centro comunitário desde a década de 1950, quando San Miguel precisava de passeios públicos e um jardim da infância. “Insegurança, desemprego, as necessidades são agora mais urgentes”, disse Lidia Escalante, cuja mãe a tinha inscrito na primeira classe de jardim da infância de La Unión em 1966.



As crianças de San Miguel aprendem do Professor Jorge Olivera a estratégia do xadrez.

mente 60% vivem abaixo do nível de pobreza. A crise reduz as diferentes classes de pobres ao mesmo desespero e os leva às portas dos que se encontram em melhores circunstâncias, principalmente como *cartoneros*, gente que ao entardecer busca entre os desperdícios.

Meng é aluna universitária designada, como parte de seu plano de estudos, à

Sob a direção de outro membro de segunda geração, Francisco Arrua, empregado de uma companhia telefônica, La Unión uniu forças com entidades como FUNAS, Igreja Católica, associação de pais de uma escola local e outro centro próximo para manter um programa que as mensalidades já não cobrem. “Nós nos reunimos como vizinhos e vemos que juntos podemos encontrar soluções”, disse Arrua. Além das vendas de artigos doados e dos dias de permuta, os membros organizaram uma cooperativa que compra produtos de limpeza por atacado. Cursos e *workshops* permitem que os adultos adquiram novos conhecimentos, promovem a autoconfiança, oferecem contato social e estruturam o tempo livre excessivo.

As crianças que freqüentam os dois jardins da infância do centro, o programa de aulas particulares e as aulas extra-escolares recebem merendas todos os dias e assistem filmes duas vezes por semana. As sessões dos sábados com o professor de dança Daniel Álvarez e o professor de xadrez Jorge Olivera são um privilégio especial. Olivera, oficial reformado da marinha que doa os seus serviços, tem levado alguns de seus jogadores a torneios, porém está mais interessado na maneira como o xadrez forma o seu intelecto. “Aprendem a pensar, a analisar antes de atuar, a caminhar mais devagar”, explicou Olivera. A crise nos ensinou a solidariedade, disse ele, e acrescentou: “É importante que saibam que vocês não perderam valor como seres humanos pelo único fato de que o país está um pouco à deriva”.

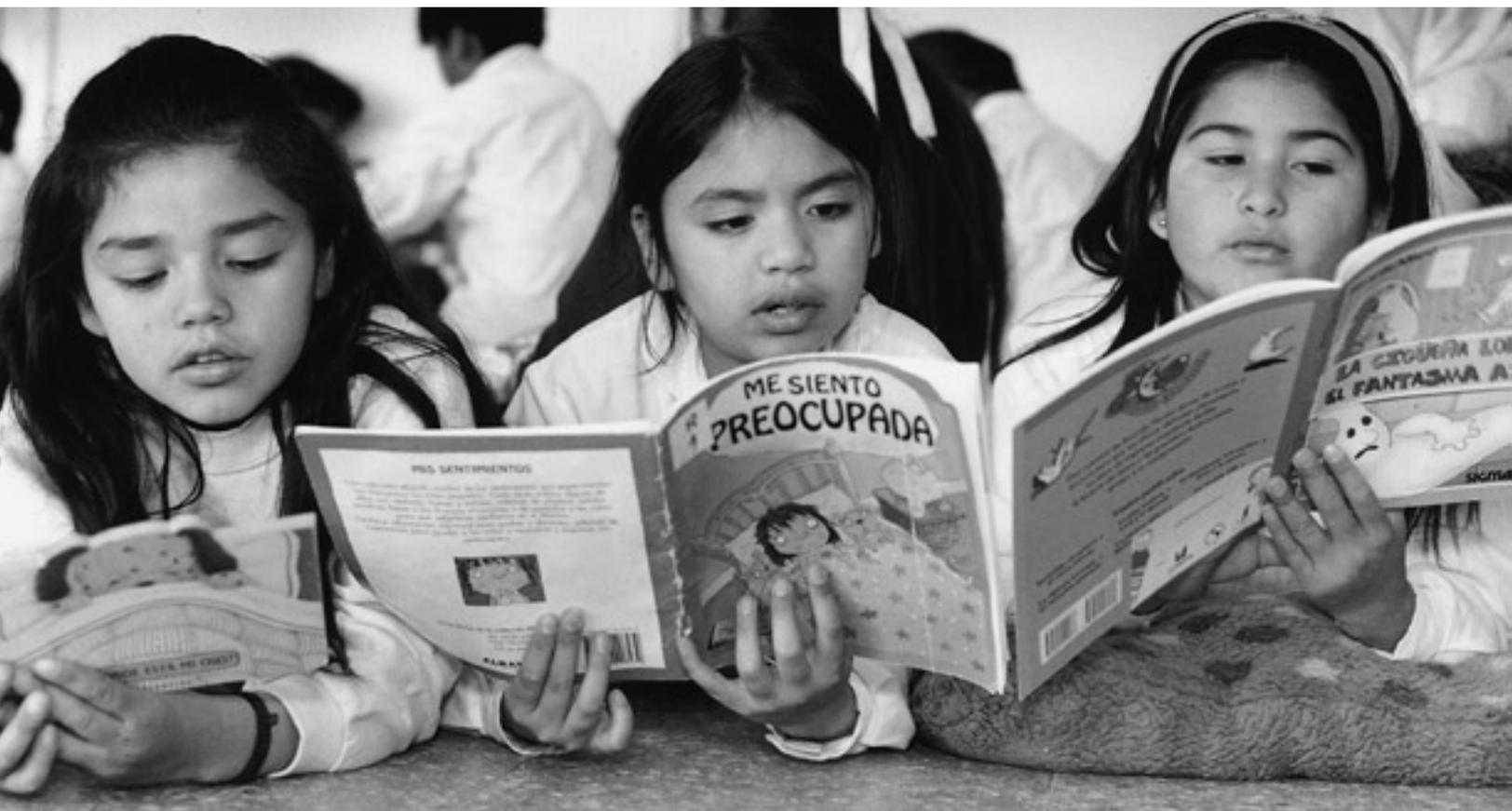
Santa Fe

Em todos lados, os donatários investem no treinamento e na educação. A crise açoitou pela primeira vez Santa Fe, uma velha cidade sobre o rio Paraná no tradicional interior da Argentina, na década de 1980, quando fechou uma planta da empresa Fiat e desapareceram cerca de 14.000 empregos. Outros milhares de empregos foram perdidos devido à privatização. Uma resposta, Los sin Techo, organização beneficiária de uma doação da IAF adjudicada na década de 1990, foi inspirada por um sacerdote enérgico e tenaz, o Padre Atílio Rosso. Para aqueles que literalmente estavam ficando sem teto, a organização Los sin Techo ofereceu projetos de construção de auto-ajuda de habitação, de ensino pré-escolar e de saúde mater-



Natalia González estuda bailes argentinos na Unión de Familias Obreras.

no-infantil que atendem a 2.500 crianças por ano. Para os jovens, o programa oferece treinamento em diferentes ofícios, desde panificação até conserto de computadores. Recentemente, a distribuição de comida passou a ser uma atividade muito mais importante para Los sin Techo, mas o pessoal da organização insiste na importância do treinamento. Raúl Mingardi, voluntário, coordena o curso de computação da organização. “As pessoas me perguntam por que ensinamos o uso de computadores quando esta gente precisa de comida”, disse Mingardi. “Mas fornecer-lhes somente comida seria condená-los à pobreza permanente. Tenho muita fé nestes jovens”.



A Fundación Leer dedica-se a promover a leitura na Patagônia.



Creche da organização Los sin Techo.

Trelew e Porto Madryn

Com o apoio da IAF, a FUNAS canaliza recursos para ajudar as escolas subfinanciadas e sobrecarregadas dos bairros pobres; também o fazem a Fundación Leer e a Fundación Minetti. Das três, a Fundación Leer é a que melhor tem conseguido ajustar-se a seu plano original de promoção da alfabetização em toda a Patagônia, uma zona em que, segundo as estatísticas, os pobres não constituem a maioria. Mas não parece assim nas escolas onde o projeto Libro Abierto da Fundación Leer procura ajudar as crianças a adquirir o hábito da leitura. Muitas fábricas de Trelew e Porto Madryn fecharam, a pesca e a construção diminuíram e as crianças menores sofrem as conseqüências. Um professor descreveu um exercício de ortografia com palavras terminadas em “-ção”. Os alunos sugeriram as palavras “desocupação”, “preocupação” e “corrupção”.

DORA CELTON

Como no restante da Argentina, as escolas da Patagônia contam com escassos recursos para atividades adicionais às matérias básicas. O litoral próximo de Chubut é uma das zonas mais importantes do mundo para a reprodução da baleia franca e as excursões à reserva para mamíferos marinhos da península de Valdés eram antes parte do plano de estudos do ensino de primeiro grau. Já deixaram de sê-lo. Algumas das crianças destas escolas somente vêem baleias por televisão. Nem mesmo as refeições escolares contam com o financiamento adequado. A Escuela Centenario de Trelew tem um orçamento mensal de 1.300 pesos para alimentar a 150 alunos. “Como podemos alimentar as crianças com isso?”, perguntou um professor. “Gastamos de 400 a 500 pesos por mês somente em pão”. Neste triste contexto, as “esquinas de leitura” da Fundación Leer, zonas onde as crianças podem escolher livros e lê-los, são oásis de tranqüilidade e cores vivas. O programa da fundação oferece aos seus beneficiários sessões de leitura, bibliotecas de empréstimo com livros para todas as idades e feiras onde as crianças podem selecionar livros oferecidos gratuitamente. Recomenda-se que as mães e, especialmente, os pais leiam para as crianças e muitos deles têm escrito notas de agradecimento. Disse uma mãe: “a imaginação, a fantasia, isso é o que os livros comunicam. A minha filha era tímida. Agora pode expressar-se bem”.

Córdoba

A Fundación Minetti, de Córdoba, a segunda cidade mais povoada da Argentina, tem tido que tomar decisões difíceis. O braço filantrópico de um conglomerado familiar de fabricação de cimento, cujo compromisso com a comunidade remonta há cerca de 15 anos, a Fundación Minetti recebe fundos da IAF em conformidade com um convênio de cooperação assinado em 1999 pelo qual é mais parceira do que donatária. Mas a sua fonte principal continua sendo uma empresa atada à economia nacional. A crise levou a Fundación Minetti, cujo objetivo principal é a educação, a canalizar assistência de emergência aos refeitórios comunitários, aos programas de distribuição de comida e às hortas comunitárias, bem como a fazer parceria com a Fundación Arcor, outra pioneira na área da filantropia empresarial.



Aulas de panificação da organização Los sin Techo.

Também se viu obrigada a fazer cortes. “Somos forçados a modificar nossos orçamentos”, disse Andrea Schettini, diretora de Projetos.

Sobreviveram aos cortes as amenas aulas da Rádio Sul para alunos da quinta série de Villa El Libertador, em Córdoba, onde vivem cerca de 40.000 pessoas em condições de aglomeração de 6,2 pessoas por metro quadrado e onde o desemprego começou a aumentar vertiginosamente há cinco anos. Os alunos da Escuela San José Obrero dedicam as tardes de quinta-feira a aperfeiçoar técnicas de comunicação oral em preparação para o programa ao vivo que pensam produzir. “Estou aprendendo tudo sobre rádio—comentou Marcelo Farías, um dos 22 jovens locutores entusiastas—como ler, escrever, ouvir e falar no microfone”. Como as aulas de xadrez de San Miguel, estas aulas impulsionam suavemente com o tipo de estímulo criativo que se poderia esperar encontrar em um ambiente privilegiado—o



Alunos vêem os pais aprendendo novos ofícios no refeitório da Escola N.º 21.

que San José é, apesar de sua infra-estrutura modesta. A escola privada mais pobre da província, com uma matrícula mensal de 10 pesos, foi fundada por uma ONG e por famílias unidas pela necessidade de dispor de mais escolas em seu bairro subatendido. Embora as aulas da Escuela San José Obrero estejam repletas de lições e risos, segundo Judith Gerbaldo, coordenadora da Rádio Sul, a crise que as rodeia se filtra nas cenas de fome e violência dos roteiros originais dos jovens. Mas, insiste, a situação é muito pior nas escolas públicas do circuito escolar da Rádio Sul.

José C. Paz

Para muitos argentinos urbanos, a escola do bairro é a única instituição pública em funcionamento e enfrenta enormes exigências. “Cada dia é uma luta feroz”, disse Nora Guzmán, diretora da Escola N.º 21, participante do programa da FUNAS em José C. Paz, um subúrbio de Buenos Aires conhecido pelos assaltos, moradias precárias e a falta de vias públicas. “Estamos constantemente ocupados com gente que tem fome, que necessita de médico, medicamentos ou muletas, que não

tem sapatos nem materiais escolares, que não sabe do Plano, que não tem quem a escute”.

Para muitas das crianças de José C. Paz, a merenda escolar é a única refeição do dia e Guzmán tem que tomar decisões difíceis todos os dias a respeito da distribuição da comida para 655 quando há 1.470 alunos a serem alimentados. Tem visto pais desempregados que levam os filhos da primeira série a mendigar de porta em porta e crianças maiores sair em busca de lixo na tentativa de encontrar comida ou, com a esperança de ajudar a manter suas famílias, materiais recicláveis. Tem ouvido confissões espontâneas de pré-adolescentes que têm arrancado metal das paredes da escola para vendê-lo e a indignação de uma mãe que defendeu o ato de vandalismo do seu filho com a réplica “todos fazem isso”. O corpo docente da Escola N.º 21 está esgotado pelas funções de trabalho social que deve realizar em detrimento do ensino e Guzmán teme que os alunos terminem a escola semi-alfabetizados. Embora aprendam um ofício, diz Guzmán, é possível que não encontrem trabalho. Mais alarmante é a possível desintegração de um sistema de valores.

Mas os princípios que impulsionam Guzmán e o seu pessoal continuam firmes. Para poder educar todas as crianças do bairro, Guzmán instalou salas de aula nas calçadas. O mais surpreendente é a presença notável de adultos. Uma visita guiada da escola foi interrompida para que Guzmán pudesse orientar Carlos Chirino e José Ferraro, ambos da cooperativa de pais; providos de caixas de ferramentas, ele vêm regularmente depois do trabalho para fazer reparos. Sem dúvida, os participantes do Plano estão em todas as partes. Quando termina o almoço, eles e muitos mais se sentam no refeitório vazio para receber aulas de alfabetização elementar, panificação e artesanato, todas elas facilitadas pela FUNAS. Mais tarde, as crianças aparecem por perto, cautelosos para não perturbar. A tarde segura e estruturada poderia continuar até a noite se Guzmán conseguisse abrir o refeitório escolar ao bairro como refeitório comunitário. “A situação nesta comunidade é muito grave”, afirma Guzmán. “Não podemos fazer tudo. Simplesmente contribuimos com o nosso grãozinho de areia a esta sociedade e a este país”.

PAULA DURBIN

Os dividendos do desastre

Quando a Asociación Civil Nortedur, donatária da IAF em 1998, estabeleceu seu consórcio pioneiro com o Instituto Internacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento-América Latina (IIED-AL) e o Centro de Estudos de População, estava assumindo um risco muito grande. Em primeiro lugar, existiam escassos precedentes para uma cooperação deste tipo na Argentina onde as ONGs eram consideradas muito territoriais. Além disso, o objetivo do consórcio era facilitar a associação entre a sociedade civil e os governos municipais de Jujuy e Entre Ríos justamente quando os 1.900 municípios da Argentina davam seus primeiros e inseguros passos para a descentralização.

A Nortedur já tinha quase esgotado os fundos recebidos da IAF quando surgiu a crise econômica, injetando novas variáveis na equação. Inicialmente, a inflação se tinha atrasado com relação à desvalorização do peso, produzindo um ganho imprevisto no câmbio do dólar pela moeda nacional. O tipo de câmbio favorável possibilitou um ano adicional de atividades, mas a vantagem para o consórcio em breve foi anulada. Ao se esgotarem os fundos federais e as receitas provenientes dos impostos, os

sócios municipais começaram a ver-se em apuros e a contrapartida de fundos corria o risco de desaparecer, pondo em grave perigo o trabalho em andamento. Para o consórcio, o efeito mais imediato foi a instantânea queda em desuso de um guia abrangente de serviços municipais, que representava diversos meses de trabalho, quando fecharam alguns escritórios municipais de Reconquista e os funcionários foram despedidos.

Porém, trabalhando em conjunto, as três ONGs tinham aberto um novo caminho e, para surpresa de todos, o contexto começou a validar os seus esforços. Dado o seu objetivo de conseguir uma distribuição mais equitativa dos recursos públicos, os êxitos, embora alcançados com dificuldade, foram contundentes: a extensão dos serviços de água e esgoto aos bairros necessitados de Gualaguaychú, por exemplo, e os programas sociais de Reconquista elaborados com o assessoramento de representantes dos seus 12 bairros mais pobres. “Como a crise não cedia—afirmou Graciela Gallo, diretora da Nortedur—os sócios perceberam que os seus beneficiários estavam mais dispostos que nunca a ouvir e a tentar alternativas”. Também atribui à criatividade das pequenas entidades governamentais e

grupos de base, recentemente conscientes de sua importância para as pessoas cujos programas de alimentação e subsídios tinham sido interrompidos tão abruptamente, o fato de ter salvado a situação mais uma vez.

“A contrapartida não era sempre a que tínhamos acordado, mas sempre alcançávamos os nossos objetivos”, explicou Gallo, citando o exemplo da mão-de-obra prometida para a construção do centro de treinamento da Nortedur e o dormitório contíguo. A mão-de-obra devia proceder do Plano Trabalhar e, quando desapareceu por falta de fundos, parecia que a construção não seria concluída. Mas o município conseguiu convencer os membros de uma cooperativa agrícola beneficiária a doar turnos de quatro e seis horas até finalizar a obra. Em todos os lados, a falta total de fundos tem concentrado a atenção em novas maneiras de mobilizar e utilizar recursos. “O município que não planejava, está planejando, que não trabalhava com a comunidade, está trabalhando com a comunidade, que nunca teve um programa com um banco de dados, tem um banco de dados seguro”, disse Adriana Clemente, que dirige o IIED-AL. “É como um valor agregado a nossas realizações”.

Nuvens densas e esperança nas pampas

A menos de uma hora de Buenos Aires encontra-se o distrito de General Belgrano, onde a riqueza da Argentina está gloriosamente à vista. Ao longo da autopista que corta a exuberante pampa úmida, o gado Jersey, Guernsey, Holstein e Aberdeen Angus de pelo negro e lustroso pasta placidamente. À distância prosperam os pomares com árvores cítricas e as prolíficas colméias que ajudam a fazer



Roberto Marsílio, professor do CEPT, com Maria Cristina Irazú em sua horta.



Diplomados e professores do CEPT.

PAULA DURBIN

da Argentina o maior exportador de mel do mundo. Os agricultores criam porcos e enormes galinhas pintadas para o mercado e o consumo doméstico. Prospera toda uma variedade de aves silvestres exóticas—flamingo, cegonha, avestruz, garça e espécies menos reconhecíveis—e animais selvagens saem dos arbustos. Mas neste panorama de aparente abundância, há algo fora de lugar: a gente pesca em açudes enormes. Dois anos de chuvas copiosas submergiram 60% da superfície de General Belgrano e permitiram o estabelecimento de vida aquática.

“As inundações alteraram os ciclos e dificultaram a agricultura. Quilômetros de caminhos são intransitáveis”, disse Norberto

Gorosito, apicultor local. Este desastre natural quase supera o colapso econômico nacional que, para os residentes rurais, significou uma redução do salário, desemprego, aumento vertiginoso dos preços e a necessidade de pagar com dinheiro líquido os escassos materiais disponíveis. O duplo golpe—chuva e recessão—produziu algumas conseqüências devastadoras, sendo o isolamento apenas uma delas.

O povoado e o hospital mais próximos estão a 100 quilômetros de distância. Alguns caminhos continuam transitáveis, mas um tanque de gasolina custa 90 pesos, um terço da renda mensal de muita gente. E o desaparecimento do cartão de crédito quase eliminou os telefones celulares, uma comodidade que todos costumavam dar por assentada.

Quando Gorosito qualifica de grave a situação, fala com muita seriedade, mas as crises não são novidade para ele. Em 1989, quando a inflação galopante cedeu perante o golpe das reformas neoliberais, foi membro fundador do Centro Educativo para la Producción Total, conhecido como o CEPT N° 1, uma escola para preparar jovens para carreiras agrícolas e promover o desenvolvimento da comunidade circundante. “Foi muito difícil”, disse Gorosito da iniciativa promovida nessa época turbulenta. “Apostávamos em um incerto absoluto e era um risco enorme. O que era o CEPT nessa época para as famílias da zona? Porém atendia a uma necessidade e hoje em dia há 21 CEPTs na província de Buenos Aires”. Os centros formam a FACEPT, uma federação cujo alcance se estende atualmente a 100.000 quilômetros quadrados e vem aumentando desde que começou a crise. Fundos fornecidos pela IAF têm apoiado esta expansão.

Cada CEPT realiza a sua função educacional captando alunos das classes das escolas de primeiro grau rurais durante os anos críticos quando os pais, tipicamente trabalhadores agrícolas, arrendatários ou pequenos agricultores e pecuaristas independentes, debatem a possibilidade de enviar os filhos à escola de segundo grau. “Era muito difícil para as famílias rurais que tinham de enviar os filhos à cidade para frequentar a escola de segundo grau”, explicou Gorosito. Os alunos do CEPT, porém, alternam a residência, passando duas semanas em casa e uma na escola durante o curso de cinco anos e os professores fazem visitas freqüentes à casa dos alunos—algo nada fácil, uma vez que as distâncias são enormes e muitas casas somente são acessíveis com veículos de tração nas quatro rodas. Por meio do contato com os alunos e pais e às vezes inclusive com o arrendador,

define-se o tão importante projeto de geração de renda exigido dos alunos da quinta série para diplomar-se.

Além disso, as visitas promovem a função de desenvolvimento da instituição, uma vez que a produção total envolve as famílias dos alunos. Mais ainda, o pessoal do CEPT fala da inscrição em função de famílias em vez de alunos. “Não poderíamos levar a cabo os projetos sem as visitas”, disse Norma Eijo, professora do CEPT. “Para trabalhar com a realidade em que vive o aluno, vamos a essa realidade e conversamos com a família durante horas para ver o que podem fazer para melhorar a sua qualidade de vida”.

A julgar pela visita do colega de Eijo, Roberto Marsílio, à casa de Cristián Simón Irazú, aluno do CEPT, a estratégia é eficaz. Cristián nem sequer estava presente, mas Marsílio falou com Maria Cristina Irazú, mãe dele, sobre o projeto de criação de suínos que o seu filho empreenderia e das hortaliças que ela tinha plantado, originalmente com a idéia de vender o excedente, uma opção eliminada pelo preço da gasolina. O marido de Irazú costumava gerar boa renda alugando equipamento pesado a grandes estâncias, mas o negócio começou a soçobrar ao começar a recessão, forçando à família a sobreviver fazendo trabalhos acidentais ou *changas* (“bicos”) como se diz popularmente. Agora, três anos mais tarde, vivem na estância de um absentista como caseiros profissionais, um emprego comum em General Belgrano. “O CEPT foi uma grande ajuda para nós também, tanto econômica como espiritualmente”, disse Irazú. “Tivemos que começar tudo de novo. Acho que é isso o que o país está fazendo, voltando a começar”.

Desde o princípio, a administração da FACEPT suspeitava que a recessão que tinha afetado tanto esta família poderia piorar. “Vimos as nuvens densas de longe”, disse Daniel Figlioli, Diretor do CEPT N° 1. As atas de uma reunião da diretoria de agosto de 2001, quatro meses antes de que a Argentina caísse de joelhos, confirmam esta premonição. O mesmo faz um documento contemporâneo advertindo à rede de escolas e famílias da FACEPT que se preparassem para tempos difíceis.

O próprio sistema escolar depende do governo provincial para o pagamento de salários dos professores e não havia nada com que

a instituição pudesse substituir essa assistência, 70% da qual são pagos atualmente em patações. Mas a administração, o pessoal, os alunos e as famílias imediatamente aumentaram a produção agrícola. “Como sabíamos que não podíamos esperar nada mais do governo nem para o refeitório esco-

lar nem para a compra de materiais, afirmou Figlioli, o nosso centro acelerou os projetos de auto-suficiência, algo que tínhamos discutido em épocas melhores mas que não tínhamos feito”. Agora, após dar de comer aos alunos e ao pessoal docente, o CEPT envia 1.500 porções por dia aos refeitórios comunitários que foram abertos nos setores urbanizados de General Belgrano após o colapso. Além disso, o pessoal docente oferece assistência técnica aos projetos agrícolas do governo que empregam chefes de família. Em associação com o município, a administração do CEPT está procurando trazer para o distrito uma sucursal de uma fábrica de alimentos congelados à qual as famílias do CEPT fornecerão frutas e verduras. Recentemente, o centro voltou a abrir a própria fábrica de queijo e doce de leite, aberta originalmente como alternativa a um grande fabricante a cujas condições técnicas os pequenos produtores não podiam atender.

A auto-suficiência transformou-se no mantra da FACEPT em seu apelo à comunidade, onde os salários oscilam, em média, de 280 a 300 pesos por mês. “O nosso trabalho era convencer as famílias das crianças a complementarem essa soma por meio de pequenos projetos, prosseguiu Figlioli, convencê-las a respeito da importância representada inclusive por 50 pesos mais, embora não parecesse muito em épocas boas. A idéia era que produzissem primeiro para a sua auto-suficiência e, mais adiante, para vender. Era fundamental melhorar a produção por meio de intercâmbios genéticos, compras grupais, associações para cultivar milho para alimentar os animais, para padronizar os



PAULA DURBIN

Rubén Loínaz com seu filho Daniel, sua esposa Aurora e suas filhas Nadia e Lucina.



produtos e combiná-los a fim de criar o volume necessário para obter um preço melhor. Foi-nos possível mitigar os efeitos da crise, embora tenham sido devastadores em alguns casos. Mas se não tivéssemos planejado em agosto, não teríamos podido fazer estas coisas”.

Toda discussão sobre a auto-suficiência invariavelmente conduz novamente à função educacional do CEPT. “As estatísticas confirmam o número de diplomados que têm permanecido no setor rural para trabalhar e aqueles que têm preferido estudos universitários orientados a atividades rurais”, disse Gorosito. “O essencial é que os alunos aprendam a realizar o trabalho, que possam voltar ao lar e começar algo verdadeiramente produtivo”. Em outubro, cinco alunos da quinta série se dedicavam a projetos tão diferentes como a colheita e comercialização de cera virgem de abelha e o assessoramento a um agricultor vizinho na maneira de tornar rentável uma parcela inundada. Não se notava se os jovens estavam temerosos do que lhes preparava o futuro. Lucrecia Gelli ajudava a mãe a aumentar a produção de mozzarella e toda a família esperava com ansiedade a independência que as vendas adicionais tornariam possível. Marcelo Ferreyra previa aumentar dez vezes o número de colméias nos cinco anos seguintes e já tinha feito um levantamento da concorrência.

“Estamos falando de 100 apicultores no distrito”, disse Eijo.

“Comigo 101”, corrigiu Ferreyra. Para complementar o que tinha começado na escola solicitava à FACEPT um empréstimo para diplomados, um novo elemento do programa, de grande necessidade em um país carente de crédito. Fabián González, apicultor diplomado do CEPT em 2000, recebeu um empréstimo deste tipo e incorporou o pai em seu negócio.

É impossível não admirar estes jovens e seus pais: o seu entusiasmo, a sua ética profissional, a sua convicção em um futuro

promissor para o campo e o fato de estarem dispostos a enfrentar as dificuldades da vida rural. Rubén Loinaz, cujo curral da família produz um queijo parmesão forte, foi proprietário de seu campo de 100 hectares de extensão durante mais de uma década e somente no ano passado começou a desfrutar da comodidade da eletricidade. “Estávamos acostumados a ajeitar-nos sem eletricidade”, disse dando de ombros como para minimizar o inconveniente, mas reconhece que agora a vida é mais fácil. Ter melhor acesso aos mercados seria ainda mais benéfico. A chuva tornou intransitável o caminho de terra a seu campo e, inclusive quando faz bom tempo, não há uma boa maneira de entrar nem sair de lá.

“Sempre tem havido crises”, disse. “O clima nos trata mal, o país perdeu o interesse na agricultura, mas tanto em épocas de seca ou como de muita água, a gente do campo produz. Isso é o que sabemos fazer”. Embora muitos argentinos considerem que a produção agrícola é a chave de um futuro melhor, Loinaz duvida que seu caminho melhore no futuro próximo. Causa-lhe preocupação o preço das importações e o fato de que os pequenos proprietários não tenham voz. No entanto deseja um futuro no campo para os filhos Daniel e Emanuel, a quem sempre acompanha a cavalo cerca de 30 quilômetros até o veículo que os transporta à escola. “As crianças da cidade terminam a escola sem expectativas. Não tenho palavras para agradecer ao CEPT”, disse das opções que oferece.

“Este é um dos poucos lugares onde restam esperanças, porque somos um centro de treinamento e temos tecnologia e recursos humanos que pomos a serviço do campo”, explicou Figlioli. “De certa forma, vemos esta crise como uma oportunidade para crescer, para redefinir o nosso papel como um centro que não se limita às aulas mas está a serviço da comunidade. Temos fé no que fazemos. Vamos superar a crise”.

Paula Durbin é redatora de Desenvolvimento de Base. Patrick Breslin é vice-presidente de Relações Externas da IAF. Contribuíram para este artigo Miguel Covas e Audra Jones da IAF, e Dora Celton da Argentina.

Mobilização das redes de museus comunitários no México—e além

de Kevin Benito Healy

Um processo centralizado na comunidade reafirma os direitos culturais indígenas no Hemisfério.

Em 10 de abril de 1985 os moradores de Santa Ana del Valle, Oaxaca, México, estavam remodelando a praça central quando suas picaretas e pás golpearam os restos mortais da cultura mais antiga da zona. Emocionados, continuaram escavando e pouco a pouco desenterraram o crânio deformado de uma mulher e diversas peças de cerâmica com um erotismo indicativo dos rituais da fecundidade. Em seguida, descobriram o esqueleto de uma criança e o de um cão, além de uma pulseira com mais de 200 conchas que aparentemente era uma oferenda religiosa.

Esta descoberta arqueológica assombrosa desencadeou uma onda de assembléias extraordinárias em que os moradores do lugar falavam animadamente desses tesouros. Perguntavam a si mesmos se o Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), segundo o procedimento habitual, se apropriaria dos artefatos, os enviaria a seus laboratórios para análise e não os devolveria nunca mais. Para Santa Ana estava em jogo não somente o controle do valioso patrimônio cultural da comunidade, mas também uma possível corrente de dólares provenientes do turismo. As intensas deliberações levaram à conclusão de que Santa Ana del Valle deveria ter seu próprio museu na praça principal, o Museu Shan-Dany que em zapoteca quer dizer “ao pé do morro”. A partir dessa decisão, os artesãos, jovens, camponeses, professores de escola e empregados municipais de Santa Ana del Valle—zapotecas e mestiços, homens e mulheres—deram seus primeiros passos em um processo de criação de redes de museus comunitá-



O assombroso braseiro em forma de efígie que data do período compreendido entre 500 e 100 anos antes de Cristo, é popularmente conhecido em San José de Mogote como o diablo enchilado por sua cor de pimenta ardida e sua expressão de desgosto.

rios de baixo para cima que, nos últimos 17 anos, se têm propagado pelos vales centrais de Oaxaca, a região ocidental da serra Mixteca e na costa do Pacífico a 17 estados mexicanos e distantes locais da América Central e do Sul e do sudoeste dos Estados Unidos.

O processo de estabelecimento de museus comunitários oferece uma interessante história às instituições de desenvolvimento que lutam por mobilizar capital social, habilitar as pessoas de baixa renda da zona rural, ampliar a função do governo local, criar parcerias duradouras entre o Estado e a sociedade civil e implantar defesas locais contra as forças homogeneizantes de globalização cultural. Além disso, floresceu

em um meio rural em crise, caracterizado por um legado de discriminação contra os povos indígenas, emigração maciça para os Estados Unidos e uma economia turística regional dinâmica, cujos benefícios raras vezes chegavam a vastos setores da população. Embora esta narrativa inclua uma ampla gama de pessoas e organizações públicas e privadas que operam de comum acordo, no centro de tudo isso há dois antropólogos determinados e talentosos, cuja visão do desenvolvimento de base se concentrou em revitalizar a herança cultural dos povos indígenas.

Financiamento de uma via de desenvolvimento cultural

Dois anos depois da fundação do Museu Shan Dany, Susan Pezzullo, representante da IAF para o



Teresa Morales e Fausto García Martínez, dirigente zapoteca, na entrada do museu pioneiro de Oaxaca fundado em 1985 em Santa Ana del Valle.

México, conseguiu US\$36.000 para financiar uma modesta doação de dois anos com a finalidade de apoiar a criação de três museus comunitários em Oaxaca. A doação custearia o montante dos salários de três promotores culturais, *workshops* de treinamento, despesas de transporte e produção e divulgação de folhetos e cartazes. O objetivo, segundo o convênio de doação entre a IAF e a Asociación para el Desarrollo Cultural de Comunidades Indígenas de Oaxaca (ADCCIO), foi “pôr à prova uma metodologia para unir as comunidades indígenas mediante a expressão e a conservação culturais, a pesquisa histórica simples e a produção de artesanato”.

A ADCCIO propôs-se mudar radicalmente a colonização realizada pela cultura ocidental mediante a mobilização das comunidades para apoiar o museu comunitário e sua união em uma força autônoma para um desenvolvimento cultural amplo. O museu de Santa Ana del Valle, assim se expressou a ADCCIO na solicitação apresentada à IAF, “capta e torna vívida a própria história da comunidade ao oferecer diversas tradições de uma forma tangível e demonstrativa. As exposições afirmam publicamente o valor das experiências da vida transmitidas de uma geração a outra, que tinham estado ocultas do mundo exterior nos confins da casa. O museu comunitário pode servir para conscientizar a respeito da própria herança, tra-

zer à luz suas preocupações, criar novos espaços para atividades culturais de vital importância e abrir um caminho para levar as tradições da comunidade ao futuro”. O apoio concedido pela IAF de 1987 a 2000, por meio de doações suplementares para ampliar a rede, elevou-se a um total de US\$482.000.

Origens de um movimento

Quando surgiu a idéia do museu de Santa Ana, Teresa Morales Lersch e Cuauhtémoc Camarena, dois antropólogos casados entre si, estavam ensinando em um programa conducente a um grau universitário para professores de escolas públicas no INAH. O compromisso dos professores com a educação bilíngüe em espanhol e a respectiva língua indígena aprofundou a compreensão do casal a respeito da diversidade cultural de Oaxaca. O apoio espontâneo do INAH colocou Morales e Camarena à frente de uma constante proclamação de assistência técnica no Museu Shan-Dany, a saber, conservadores, designers de exposições, carpinteiros e arqueólogos especializados nas culturas pré-colombianas de Oaxaca.

Embora a experiência de Morales e Camarena sobre museus se limitasse à participação em uma exposição de fotografia na Cidade do México, entendiam o campo e tinham confiança em si mesmos. Morales, filha de pai espanhol e mãe estadunidense, cresceu na Cidade do México, formou-se no Dartmouth College e recebeu uma bolsa de estudos

Fulbright para estudos superiores de antropologia no México, onde conheceu seu esposo. De seu pai, conhecido tradutor e editor, herdou uma tendência à organização meticulosa, a escritura disciplinada e a habilidade de educadora. Camarena, cuja fisionomia aprazível e freqüente sorriso refletem uma personalidade extrovertida, fora criado em Colinas, Puebla e na Cidade do México. Os sólidos valores sociais parecem ser uma característica da família; um irmão estudou para sacerdote jesuíta e outro ensina métodos de tradição oral às comunidades indígenas.

Ambos os antropólogos demonstram uma paixão por frear a ocidentalização cultural de Oaxaca. No aspecto profissional, emocionaram-se com o desafio de organizar e habilitar as comunidades indígenas e mestiças. Desde que começaram sua carreira em meados da década de 1970, tinham optado por trabalhar lado a lado aprendendo métodos modernos de mobilização dos mexicanos do setor rural para o desenvolvimento social. Em fins da década de 1970, em uma organização dirigida por jesuítas, a saber, Fomento Cultural y Educativo, no estado de Hidalgo, dedicaram-se a trabalhar em um programa de educação para adultos. Ao promover grandes cooperativas de consumidores e marketing e associações semelhantes de maneira eficaz, a Fomento Cultural y Educativo estava mudando de uma forma espetacular o papel dos camponeses indígenas no intuito de que deixassem de ser beneficiários passivos da generosidade do Estado, com seu clientelismo opressor, para se transformarem em protagonistas da mudança social.

Morales e Camarena desenvolveram uma extensa lista de métodos para conseguir a participação das pessoas de baixa renda. Esta sólida formação os levou a utilizar um método pragmático de trabalho “de pessoa a pessoa” para realizar o projeto do Museu Shan-Dany. “Nosso objetivo principal era passar tempo com a comunidade, falar com as autoridades municipais sobre o conceito dos museus comunitários e os temas que desejavam incluir, ajudar a organizar um concurso para promover a narrativa histórica local e trabalhar estreitamente com os jovens criadores do modelo do museu—o que levou a nossa participação em todos os aspectos, desde a pesquisa sobre a comunidade e a serigrafia até as instalações elétricas”, disse Morales há pouco. Ela e Camarena ficaram impres-

sionados com a decisão da assembléia municipal de Santa Ana de incorporar esta nova instituição em seu sistema de cargos. As nomeações não-remuneradas, ou cargos, em comissões que supervisionam tudo, desde as escolas públicas até os postos de saúde, festivais e manutenção viária são parte orgânica da estrutura de governo de Oaxaca. O sistema de cargos tem evoluído devido a influências indígenas, espanholas e de outra natureza. Morales e Camarena sabiam que uma comissão de museus agregada a esta estrutura daria aos museus comunitários legitimidade e poder de permanência, difíceis de ministrar de outro modo, a uma nova instituição cultural.



Exposição de artefatos do Cerro de la Campana recentemente descobertos em um túmulo, museu comunitário, Santiago Suchiliquitongo, Oaxaca.

De fato, esta estratégia de organização comunitária também oferecia ao INAH uma possibilidade diferente da orientação errada do programa de museus comunitários em outros cinco estados mexicanos, nos quais Morales e Camarena encontraram um estilo de liderança e administração de cima para baixo que deixava os membros da comunidade do lado de fora, como espectadores em vez do contrário. O sistema de cargos estabeleceu uma relação dinâmica entre o museu e os cidadãos das zonas rurais de Oaxaca que faltava ao programa anterior do INAH. Embora este último não estivesse procurando um modelo, segundo Nelly Robles do pessoal de seu escritório em Oaxaca, os diretores regionais do INAH estavam determinados a acalmar as tensões entre seu organismo e as comunidades rurais no tocante ao controle do patrimônio cultural da localidade. “A credibili-

dade de organismos governamentais como o nosso estava em um ponto baixo, porque as comunidades duvidavam de nosso trabalho no campo. Ao apoiar os museus comunitários que trabalhavam desta maneira mais participativa em Oaxaca, pensamos que podíamos ajudar a pôr fim ao motivo dessas queixas”.

Ao trabalhar com especialistas do INAH e representantes da comunidade, Morales e Camarena terminaram o Museu Shan Dany em oito meses. Durante esse tempo, San José de Mogote, um povoado de mestiços, tomou conhecimento da existência de Shan-Dany. San José de Mogote já tinha um pequeno museu arqueológico, graças à ajuda do setor acadêmico dos Estados Unidos e de um local arqueológico situado na via turística movimentada. No entanto, uma delegação do Museu Shan Dany levou uma boa impressão do inventário arqueológico e das salas de exposição inteligentemente desenhadas e montadas. O projeto do museu comunitário de San José de Mogote, lançado pouco depois, absorveu a população na composição de um relato dos conflitos pela posse da terra que tinham levado à fundação do povoado. Houve intercâmbios entre as comissões do museu de Santa Ana e os especialistas visitantes do INAH ofereceram apoio técnico ao novo museu. Em 1986, outros cinco povoados de Oaxaca pediram assistência do INAH para os museus comunitários. Todos queriam criar e proteger uma coleção arqueológica por seu potencial de geração de rendas. Uma vez a bordo, aprenderam que o museu comunitário era um veículo para ampliar o programa cultural.

Para ter uma visão polifacética era importante uma maior flexibilidade operacional juntamente com um sistema de arrecadação de fundos por meio da formação da ADCCIO, uma pequena ONG administrada por Morales e Camarena enquanto mantinham seus respectivos cargos no INAH. Iniciou-se com esse um curioso ato de malabarismo que continua até hoje como uma parceria estável entre o Governo do México e as organizações da sociedade civil no centro deste programa de revitalização cultural. A finalidade da ADCCIO era nutrir e consolidar uma rede de museus comunitários que se transformaria em um vigoroso órgão autônomo capaz de implementar projetos regionais. O apoio dado pela IAF ao pagamento dos salários dos promotores culturais permitiu que o pequeno quadro de pessoal da ADCCIO fosse ampliado e tivesse um impacto mais profundo em uma estratégia de desenvolvimento de Oaxaca. Os pro-

motores culturais coordenaram o trabalho das diversas comissões dos museus e entre eles e prestaram assistência direta a tarefas, tais como a elaboração de planos de trabalho. Os intermediários sociais que se transformaram nos eixos da ADCCIO nos processos comunitários eram estudantes de antropologia da Cidade do México e professores de escolas públicas de comunidades indígenas; mais tarde foram recrutados exclusivamente nas comissões dos museus.

Lançamento de uma rede

Os intercâmbios da ADCCIO foram institucionalizados por meio de animadas reuniões quinzenais em que os delegados das comissões de cada museu trocavam impressões sobre as dificuldades de administração, compartilhavam expressões culturais e realizavam treinamento. Já em 1991 esta estrutura especial florescia e se transformou na assembléia oficial da nova Unión de Museos Comunitarios de Oaxaca (UMCO), uma federação bem organizada com um



Cuauhtémoc Camarena realizou um workshop em Sucre, Bolívia, em 2001.

conselho de diretores rotativo cujos membros eram eleitos. As reuniões da UMCO ampliaram o número de membros da rede para incluir representantes de cada museu, mesmo dos que estavam em etapa de planejamento e dos governos municipais participantes. No fim da década de 1990, essas reuniões regionais realizadas com regularidade contavam com 77 representantes.

Este processo social de “federação” é comum no desenvolvimento de base, mas não nos projetos culturais. Jonathan Fox, politicólogo da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, que pesquisou a proliferação de cooperativas autônomas e outros tipos de pequenas associações camponesas na zona rural

do México ocorrida na década de 1970, chama isso de “aumento do capital social”. A ADCCIO vinha preparando lentamente a UMCO para assumir o comando e a direção das redes de museus comunitários em uma via de contínua expansão e consolidação em que, durante a década de 1990, a IAF investiu uma média anual de US\$34.500 (enquanto que o custo médio anual de um museu comunitário determinado se elevava a US\$40.000, excluído o valor da propriedade). Em 1998 já se tinha informado à IAF que o financiamento para infra-estrutura recebido de fontes mexicanas locais se tinha elevado a US\$780.000 para 12 museus comunitários (em 2002, o número de museus abertos ao público tinha aumentado para 15).

A constante necessidade de mobilizar recursos transformou a arrecadação de fundos em uma importante habilidade e cada comissão de museus e governo municipal adaptou sua estratégia a esta situação. A renovação, o equipamento e o material de exposição foram assegurados com capital local e as comissões de museus aprenderam a buscar fontes de financiamento para programas culturais. O depósito regional do INAH transformou-se em um local popular para recuperar material reciclável, como móveis, vasilhas de vidro, barracas, painéis e plataformas. Os municípios aprenderam a usar o museu comunitário e o compromisso com o patrimônio cultural que representava e a sobressair na concorrência por recursos públicos escassos. No entanto, a arrecadação de fundos era uma tarefa onerosa e uma comissão de museus, que se esforçara em lançar o projeto, podia prever que seriam necessários de três a cinco anos somente para conseguir o apoio financeiro, afirma Morales. Do contrário, os projetos simplesmente decairiam.

Além disso, os *workshops* de treinamento orientaram-se para as solicitações da comissão, alguns impulsionados pela rotatividade de membros devido à expiração de seu mandato e por emigração. De fato, as saídas poderiam pôr em perigo projetos interessantes. Por exemplo, a emigração causou o colapso de uma companhia teatral de 40 membros revivida pela comissão de museus de Santa Ana para sua “Dança da Pluma”, que representava a conquista de Tenochtitlán. Morales e Camarena transportaram diversas funções de treinamento e organização aos promotores culturais, membros da comissão de museus e dirigentes da UMCO. Os promotores cultu-



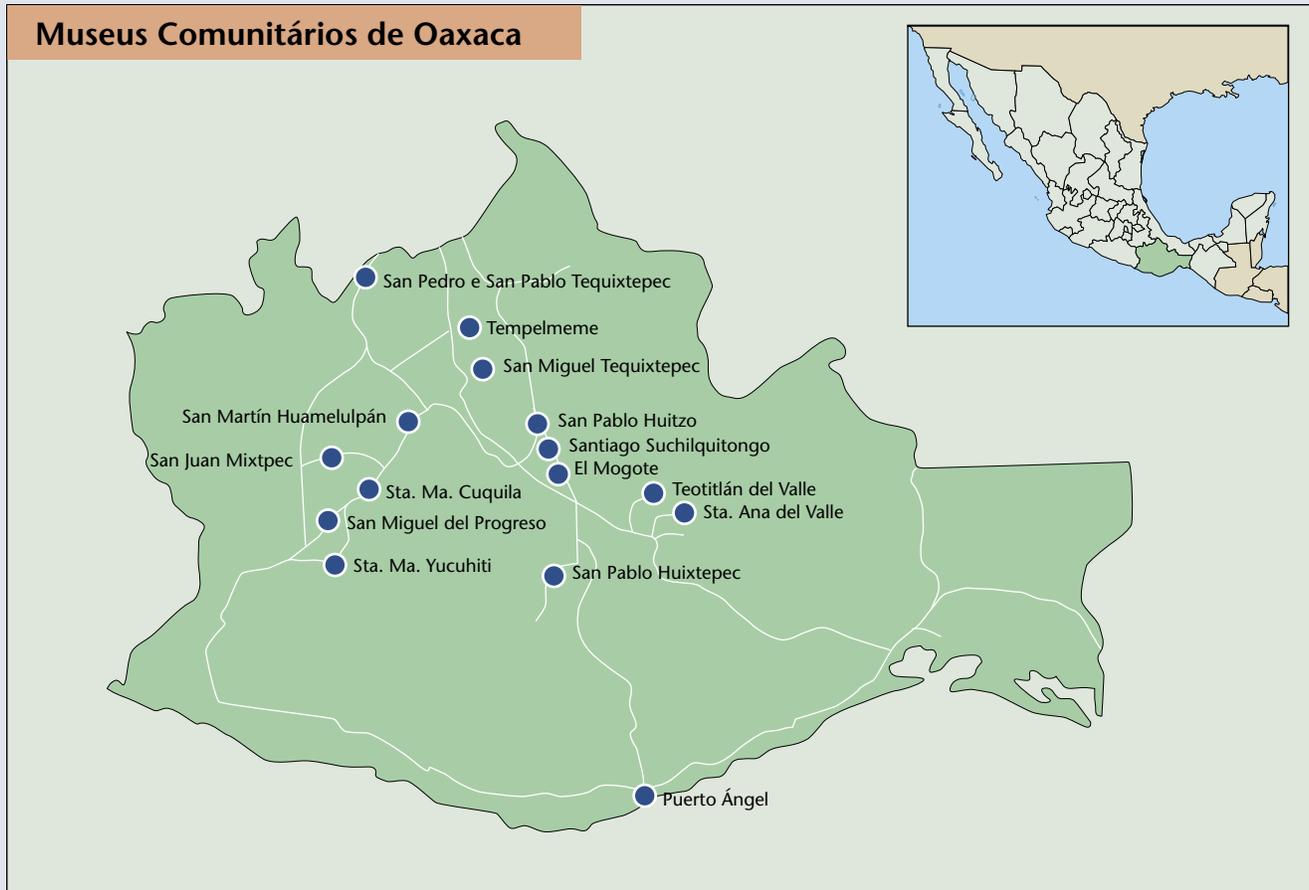
Os primeiros workshops no território kuna do Panamá se realizaram na ilha de Tigre, Comarca Kuna Yala, em 2001.

rais ministraram *workshops* sobre técnicas de pesquisa relacionadas com a tradição oral e princípios básicos de organização de museus. O apoio direto da IAF à UMCO, a partir de 1997, reconheceu o capital humano da organização e sua maturidade como federação de base autônoma capaz de formular e executar os projetos desejados por museus afiliados. A UMCO, assessorada por Morales e Camarena, assumiu muitas de suas funções na organização e expansão das redes de museus comunitários.

Os temas dos *workshops* básicos incluíram fotografia, métodos de pesquisas da tradição oral, leis sobre o patrimônio cultural, desenvolvimento, relações comunitárias e serviços turísticos, bem como formulação, planejamento, desenho e montagem de projetos. Morales e Camarena idealizaram cursos de um dia a uma semana, revisaram-nos e atualizaram-nos constantemente e os tornaram mais práticos pelo método de tentativa e erro. No fim de 1997, o então centro de treinamento formal da UMCO ofereceu um plano de estudos de desenvolvimento cultural coerente e em seqüência, seguindo estritamente as normas profissionais. Atraiu outras ONGs dedicadas ao desenvolvimento de base em Oaxaca, as quais contribuíram com a própria perícia e aprenderam da experiência da UMCO. Os *workshops*, orientados em princípio a jovens e adultos, incluíram crianças no final da década de 1990. Foram incorporados cursos de arqueologia, plantas medicinais e pintura mural.

Há pouco, Camarena indicou que o desenvolvimento de aptidões e a formação de redes de organizações nas comunidades de baixa renda estavam

Museus Comunitários de Oaxaca



forjando “um maior sentido de propriedade coletiva dos respectivos museus comunitários e uma visão comum que afirmava a herança cultural como base do desenvolvimento dos povos oaxaqueños”. Rufino Guzmán Ramírez, tesoureiro da comissão de museus de San Miguel del Progreso, indicou a forma como o movimento dos museus comunitários instilava dignidade. “Graças à minha experiência com a rede de museus comunitários, as minhas raízes culturais adquiriram maior importância para mim”, afirmou. “Antes, eu tinha uma idéia vaga delas e me sentia envergonhado. Quando ia à cidade em busca de trabalho, encontrava insultos humilhantes: “índio” ou difamações semelhantes. Agora o conhecimento de minhas origens culturais e o orgulho que sinto delas me deram um sentido de identidade cultural que promove a minha autonomia”. Outros dirigentes que surgiram do movimento de museus comunitários também têm experimentado esta mudança de conscientização.

Román Bautista Sánchez, tecelão zapoteca de Santa Ana del Valle, participou dos primeiros debates sobre os museus. Depois de participar constantemente de atividades de treinamento, realizar reuniões e

fazer intercâmbios com diferentes locais de museus, transformou-se em dedicado ativista cultural. Seu mandato como presidente da comissão de museus de Santa Ana o levou à presidência da UMCO; nas reuniões nacionais destaca-se como pioneiro do movimento de museus de Oaxaca. As remessas de seus filhos mais velhos de Los Angeles ajudam a garantir seu serviço, mas está aterrado ao ver a forma como as poderosas forças de mudança provenientes dos Estados Unidos impõem novas formas de falar, comer e vestir aos povos mexicanos. “Isso denigre a nossa natureza como povos”, afirmou. “A nossa língua zapoteca começa a desaparecer. Estamos bombardeados em casa por imagens de televisão que aproveitam nosso baixo grau de escolaridade e nosso sentido de inferioridade e muitas vezes nos deixam envergonhados de nossa cultura. Os museus comunitários transformam-se em uma força de contra-ataque, que nos educa de novo e estimula o orgulho e o interesse em nossas tradições e história. A aquisição desta consciência é uma expressão de verdadeiro desenvolvimento cultural para nossas comunidades”.

A revitalização cultural encabeçada pelos museus comunitários infundiu um propósito a uma infra-

estrutura comunitária marginalizada e a colocou no prosclênio nos pequenos povoados de 300 a 10.000 habitantes. Foram restauradas diversas estruturas na província de Oaxaca—edifícios municipais, antigas escolas e praças de mercado, uma casa de um cacique do século XVI e uma fazenda abandonada. As comissões de museus e as autoridades municipais de Oaxaca aprenderam a usar artigos descartados, como antigos documentos e fotografias, em exposições com cestas contemporâneas, esculturas em pedra e tecidos. Os temas representavam os fatos históricos e as instituições culturais: o ciclo de uma mina de ouro, as lutas pelo poder com as fazendas e os intensos conflitos pelos limites entre as comunidades vizinhas. Para a exposição de Shan Dany sobre a revolução mexicana tirou-se material de relatos de ex-combatentes e outros observadores que foram testemunhas oculares. Nas exposições sobre as tradições nupciais zapotecas e mixtecas, os festivais dos povos e os métodos de cura foram celebradas várias dimensões valorizadas da vida local. Cada museu comunitário alojou uma singular exposição arqueológica como patrimônio cultural coletivo. Às vezes, essas coleções incluíam verdadeiras jóias das primeiras culturas de Oaxaca, como as do *diablo enchilado* (diabo apimentado) de San José de Mogote, uma espantosa cabeça de cor alaranjada e intensos olhos saltados.

Por meio de apelos à comunidade, as comissões dos museus também coletaram artefatos e outros materiais para exposição. Os doadores gozaram de um momento de fama. Embora as contribuições expostas não tenham levado à identificação de nenhum deles, na abertura cada um recebeu um certificado de agradecimento do prefeito. Uma vez mais, Santa Ana assentou o precedente do reconhecimento individual para evitar que um punhado de famílias colhesse demasiada glória dentro de um âmbito estabelecido com a intenção de igualdade. No entanto, as campanhas de doação não estiveram isentas de problemas; os arqueólogos do INAH descartaram alguns artigos “pré-colombianos” por terem descoberto que eram falsificados.

Do âmbito regional ao nacional

O movimento de museus comunitários estendeu-se além dos limites de Oaxaca em 1992, quando se comemorou o 500º aniversário da chegada de Colombo às Américas e o começo do desaparecimento das culturas nativas. Morales e Camarena, agora veteranos empresários sociais e sempre alertas a novas oportunidades, responderam ao apelo da Diretoria Geral de Culturas Populares do Governo Federal, cujo diretor estava interessado no modelo de Oaxaca como influência em outros Estados. A pedido

seu, elaboraram uma proposta para responder às iniciativas da comunidade em vez de vender uma idéia. Em seu estudo de diagnóstico foram identificadas 75 comunidades que tinham criado museus ou necessitado apoio para eles. Dessas comunidades, 12 tinham sido parte do programa mal dirigido do INAH, já mencionado. De 1993 e 1995, Morales e Camarena coordenaram este programa nacional em conformidade com um novo acordo com o INAH.

Embora ainda participassem da ADCCIO e da UMCO, as estruturas sólidas de apoio em Oaxaca lhes permitiram dedicar tempo a atividades fora da região onde aplicavam seu método distintivo —*workshops* básicos e intercâmbios dentro de uma federação estatal de museus. Além disso, reuniram todas as federações em Oaxaca. Dessa reunião, a que assistiram 143 representantes comunitários de 82 povos em 16 Estados, surgiu uma nova organização, a Unión Nacional de Museos Comunitarios y Eco-Museos (UMCE). A experiência de Oaxaca manteve-se na vanguarda de sua onda de organizações. A publicação de uma série de livros de guia ajudou a divulgar nesta nova rede métodos impulsionados pela comunidade e aperfeiçoados nas províncias montanhosas de Oaxaca. Distribuiu-se ao grupo um guia de casos de diferentes estados. Morales e Camarena também implementaram intercâmbios para a apreciação direta do modelo de Oaxaca. A participação do cidadão

Desenvolvimento de Base recomenda as seguintes publicações aos interessados em outras perspectivas sobre o movimento dos museus comunitários:

So My Children Can Stay in the Pueblo, Indigenous Community Museums and Self-Determination in Oaxaca, Mexico. Patricia Pierce Erikson. *Museum Anthropology* 20, no. 1 (1996).

De Oaxaca a Washington, D.C.: El museo comunitario como recurso cultural y económico. Carlisle Levine, *Desenvolvimento de Base* 20, Nº 1 (1996).

Patrimonio cultural y museos comunitarios: La experiencia de Santa Ana del Valle, Oaxaca. Gonzalo Vásquez Rojas. Tese, Escuela Nacional de Antropología e Historia, 1993.

Los museos comunitarios: Una experiencia social. *Museos Mexicanos*, abril-maio de 1995.

umentou e criou um impulso social além do de qualquer programa oficial. Em 1996, quando Morales e Camarena deixaram sua função de coordenação, a UMCE demonstrou que poderia continuar sem patrocínio do governo. Em reuniões recentes, um contingente ativo em representação da UMCO, bem como Morales e Camarena, mantiveram uma grande visibilidade em todos os debates e exercícios de treinamento e planejamento neste foro que agora abrange 94 museus comunitários em 17 estados.

Seria um erro considerar estas reuniões nacionais como meio de transplantar uma forma pura de democracia de base para o estilo de Oaxaca. Os grupos de museus representados têm origens heterogêneas, dinâmica interna, estrutura, expectativas e metas divergentes das características das instituições municipais de Oaxaca. Morales e Camarena tiveram de adaptar seus materiais e estratégias às organizações sem usos e costumes, ou seja, sem as práticas indígenas orientadoras que funcionam como estatutos. Essas organizações têm-se visto obrigadas a buscar outras fontes de “capital social” na sociedade civil. A forte influência da política partidária foi outro inconveniente do trabalho neste cenário nacional; as federações teriam que lutar por manter seus programas livres da manipulação governamental.

As redes transnacionais como ponto de vista

Até agora, esta narrativa ressaltou as conquistas em “desenvolvimento cultural” para as comunidades participantes. No entanto, quando começou o financiamento da IAF em 1987, os objetivos do projeto incluíam uma dimensão de desenvolvimento econômico—promoção e venda de artesanato—como outra expressão do progresso dos museus comunitários. Em última análise, dispôs-se de financiamento para uma rede de armazéns de museus e de exposições itinerantes. No entanto, já em 1992, havia poucas provas de que este esforço no sentido de aproveitar o enorme mercado turístico do México tivesse avançado muito.

Depois de deliberações longas e minuciosas, os dirigentes da UMCO, juntamente com Morales e Camarena, optaram por encomendar um estudo de viabilidade sobre a forma como as cidades com museus poderiam ter acesso à economia turística da região. Com base nessa avaliação, nasceu ainda outra organização inovadora no âmbito dos museus comunitários de Oaxaca: a Cooperativa de Museos Comunitarios de Oaxaca, uma empresa independente com organização de cooperativa para pôr em prática uma estratégia de promoção do turismo. Sua vantagem comparativa era a pequena escala e o terreno acidentado que atrai turistas audazes e aventureiros em busca de pontos remotos nas montanhas longe das trilhas de caminhada. A

estrutura de governo foi formada por membros da comissão de museus e autoridades municipais na assembléia quinzenal do movimento. Foi estabelecido um escritório à parte com um pequeno quadro de pessoal e pacotes de informações sobre viagens para os consumidores interessados no turismo cultural e nas experiências da comunidade. Os contatos pessoais de Morales e Camarena ajudaram na comercialização. O trabalho de extensão focalizou estudantes universitários, professores e associações de ex-alunos interessados em locais arqueológicos, históricos e naturais e em encontros pessoais com artesãos e curandeiros tradicionais. A cooperativa treinou os guias turísticos e cozinheiros, ajudou a financiar pequenos albergues e produziu material de promoção sobre as atrações locais. A agência de turismo do Governo do México distribuiu folhetos em cores sobre a rede turística de museus comunitários.

De 1996 a 2001 estas excursões trouxeram cerca de 4.740 turistas, 60% deles estudantes dos Estados Unidos, que gastaram cerca de US\$600.000 em alojamento, transporte (frequentemente aluguel de bicicletas e cavalos) e produtos de artesanato, dinheiro que, em sua totalidade, foi parar no bolso dos moradores que faziam parte do circuito. Isto, embora reconhecidamente se trate apenas de um único ponto luminoso em toda uma tela em comparação com as forças econômicas impulsoras da emigração aos Estados Unidos, indica o potencial de desenvolvimento por meio dos museus comunitários com base no contato pessoal.

Forjou-se outro vínculo transnacional para a rede de museus comunitários com as comunidades emigrantes de Oaxaca que vivem na Costa Ocidental dos Estados Unidos. Em 1993, quando a UMCO começou a flexionar seus músculos de federação para participar de “projetos regionais” em nome dos museus comunitários afiliados, um de seus primeiros esforços foi enviar exposições itinerantes de artesanato ao Centro Cultural de la Raza em San Diego, à Plaza de la Raza em Los Angeles e a Fresno. Em parte, em Oaxaca estes esforços foram considerados como uma expressão de reciprocidade pelas doações que os emigrantes tinham feito pessoalmente aos museus comunitários de sua respectiva cidade natal. Como comentou a antropóloga Patricia Erickson em 1996, “uma das razões do envio de uma exposição itinerante a Los Angeles no verão de 1993 foi evitar que as pessoas do “outro lado” se esquecessem de seu povoado. Os residentes de Santa Ana muitas vezes usam essa denominação para referir-se às crianças e adultos jovens que regressam ao povoado anualmente para o festival de um santo patrono ou uma festa familiar, mas que têm poucos conhecimentos da história de



A galeria do Museo Comunitario Rabinal Achí na Guatemala presta homenagem aos membros da comunidade massacrados de 1980 a 1983.

Santa Ana. São incentivados a visitar o museu e, na realidade, a maior percentagem de assistência anual ao museu ocorre nesses períodos”.

Muito antes que os variáveis ventos políticos reduzissem suas funções nacionais de promoção, Morales e Camarena já estavam fixando os olhos no âmbito internacional em uma rede semelhante à de Oaxaca no Sudoeste dos Estados Unidos e na América Central e do Sul. Por meio de correspondência e visitas in loco, verificaram os contatos proporcionados pelo Escritório de Estudos sobre Costumes e Cultura Popular da Smithsonian Institution, o Museu do Indígena Estadunidense, a IAF e os Companheiros das Américas. Também elaboraram uma lista de grupos para a formação de uma rede para o processo de ajuda mútua, aprendizagem e fortalecimento institucional baseado na comunidade. Descobriram o Museu de Perquín, em comemoração do doloroso conflito ocorrido em El Salvador e um museu costarriquenho organizado pelos teribes, um povo indígena. Os contatos feitos na Nicarágua permitiram estabelecer relações com os miskitos e outros grupos indígenas, graças à inovadora intervenção da Universidad de la Región Autónoma de la Costa del Caribe.

Por meio da IAF, comunicaram-se com a Fundación ASUR, reconhecida por sua bem-sucedida

reativação do tecido nos povos jalkas e tarabucos da Bolívia, o qual foi levado para os museus comunitários em sua promoção do ecoturismo entre as comunidades de tecelões. Por meio de Companheiros das Américas e da Comissão do Arizona para as Artes, organizaram-se diversos intercâmbios frutíferos entre os museus tribais do Arizona e de Oaxaca. O casal também entrou em contato com os povos kumas que habitam em várias ilhotas e reservas nas zonas montanhosas do Panamá. Os kumas têm sido a inveja dos povos indígenas de todas as Américas pela autonomia política e cultural adquirida do Governo do Panamá para seu território, a Comarca Kuna Yala. Seus governantes, dirigentes religiosos e ativistas culturais do Instituto de Koskun Kalu estão sumamente interessados na promoção dos museus. No entanto, somente quando diversos participaram de um *workshop* realizado em Oaxaca e em seguida levaram Camarena à Isla de Porvenir tiveram a seu alcance os conhecimentos profissionais necessários. Como resposta oficial a esta preparação pioneira, o Congresso Kuna elaborou recentemente planos para montar três museus comunitários em diversas ilhas nos próximos dois anos.

Com orientação de Morales e Camarena, a primeira reunião da UMCO sobre os museus comunitários das Américas, realizada em Santa Ana em

agosto de 2000, atraiu cerca de 50 representantes de 10 países latino-americanos. Esta reunião ofereceu aos participantes treinamento introdutório sobre os elementos básicos dos museus comunitários, tanto no que diz respeito ao fortalecimento institucional no local como à formação de redes mais amplas e um fórum para compartilhar experiências de todo o continente. Depois de constituir-se como órgão coordenador para as Américas e de obter financiamento da UNESCO e da Fundação Rockefeller, os representantes começaram seu próprio intercâmbio para chegar a grupos de idéias afins. Cumpre ressaltar que Oaxaca e os museus comunitários da UMCO se transformaram no ponto central para a expansão da rede.

Talvez o capítulo mais comovedor desta saga diga respeito aos povos maya-achís de Rabinal nas montanhas ocidentais da Guatemala. Carlos Chen Osorio, dirigente dessa comunidade e ativista de direitos humanos, recebeu um conselho de um amigo dos Estados Unidos sobre uma experiência interessante de promoção das culturas indígenas por meio dos museus comunitários de Oaxaca. “Estava buscando alguma forma permanente de manter viva a lembrança de muitos membros de minha família ampliada, amigos e companheiros da comunidade que tinham perecido nos terríveis massacres cometidos pelas forças militares guatemaltecas de 1980 a 1983”, disse-me Chen Osorio. “Nas comunidades dos arredores de Rabinal, nossas casas ficaram reduzidas a escombros, roubaram o nosso gado e, segundo se estima, cerca de 3.000 a 4.000 dos 22.000 habitantes foram vítimas dos massacres. Nos mercados locais tínhamos apresentado algumas exposições itinerantes de nossos artesanatos e as imagens da violência que tinha devastado nossas comunidades, mas a idéia de um local permanente como o da rede de museus comunitários de Oaxaca me interessava muito, uma vez que os povos maias da Guatemala não têm esse tipo de instituição”.

Em 1998 Chen e outros nove membros do povo maya-achí viajaram de ônibus a Oaxaca para estabelecer contato com a UMCO e a dar uma olhada na rede de museus comunitários. Todos se alojaram em casas particulares durante seu intenso treinamento introdutório. De regresso a Rabinal, começaram a aplicar o método cunhado em Oaxaca a seu próprio museu comunitário e Morales uniu-se a eles para ministrar outro *workshop* prático. Junto à exposição de esculturas em cabaças feitas por artesãos locais, com muitos detalhes que testemunham sua aptidão, há uma sala de exposição, de parede a parede, com ampliações de fotografias dos registros municipais de centenas das vítimas do holocausto. Este museu comunitário presta homenagem à dignidade dessas

centenas de mulheres, homens, jovens e crianças do povo maya-achí cuja vida terminou brutalmente. A galeria transformou-se em uma poderosa declaração coletiva contra a violência, passada e futura, em suas comunidades e em seu país.

Carlos Chen e seus companheiros assistiram ao primeiro encontro internacional de museus comunitários de Santa Ana e, em 2002, foram anfitriões da segunda destas reuniões de quatro dias do que se transformou em um órgão de coordenação internacional. Naturalmente, na reunião houve exposições sobre métodos de pesquisa da tradição oral e outros temas especializados por profissionais do INAH, inclusive por Morales e Camarena. Reservou-se uma noite para uma reunião em um cemitério onde um sacerdote maia fez oferendas e rezou orações perto de uma imensa fogueira, enquanto a população local e os visitantes estrangeiros acendiam velas em comemoração dos mortos do povo maya. No dia seguinte, estes participantes de todo o continente assistiram às últimas sessões do *workshop* realizadas no Museo Comunitario Rabinal Achí. Formaram-se pequenas equipes e a cada uma se atribuiu uma análise do desenho, organização espacial e apresentações culturais e históricas. Aceitaram-se com prazer sugestões práticas para melhorar e serem aplicadas de imediato. Foi um final apropriado para prestar homenagem à solidariedade, ao profissionalismo, à imaginação e ao espírito de comunidade observado no movimento dos museus comunitários desde que se estabeleceu em Santa Ana del Valle em 1985.

Kevin Healy, representante da IAF para Honduras e Panamá, é autoridade de fama internacional no estudo dos povos indígenas em desenvolvimento e autor da obra intitulada Llamas, Weavings and Organic Chocolate (Notre Dame Press, 2001).



Yolanda Tesem Cuc aprende a tecer vendo sua mãe, Juliana Cuc Gil, membro do Grupo Nueva Esperanza, beneficiário da AFEDES.

Desenvolvimento e gênero na Guatemala

de Rosamaría Cruz

Fotos: Rebecca Janes

As mulheres guatemaltecas vencem obstáculos e tomam as rédeas das organizações de base.

A mulher na Guatemala tem experimentado uma longa história de exclusão da vida econômica, política, social e cultural. A mulher do setor maia rural vem sofrendo ainda mais desvantagens fundamentais: analfabetismo, acesso limitado a serviços básicos, sobretudo os relacionados com cuidados da saúde e falta de respeito com relação às capacidades e seu trabalho. Não obstante, em décadas recentes a mulher guatemalteca vem lutando por transformar esta dura realidade.

O pessoal de Serviços de Apoio Local (SAL) da IAF na Guatemala foi testemunha desses esforços e, no intuito de documentar sua riqueza, entrevistou algumas das mulheres que participam dos grupos de auto-ajuda, redes de voluntárias e ONGs, cujos projetos a IAF apóia. Variando na idade de 25 a 60 anos, essas líderes compartilham o mesmo entusiasmo por seu trabalho, o mesmo sentido de responsabilidade por suas comunidades e a mesma vontade de vencer a discriminação, seja esta dirigida à mulher, aos maias ou às pessoas de baixa renda.

No entanto, em geral, a decisão de dedicar sua vida ao serviço comunitário não foi fácil.

Embora todas as mulheres tenham apreciado seu valor como indivíduo, graças ao apoio e respeito proporcionados por alguém no lar, na escola, na comunidade ou no trabalho, entre as mulheres entrevistadas para este artigo somente uma foi apoiada sistematicamente em suas aspirações. A maioria teve de vencer a oposição na própria família ou na igreja. Para muitas, levantar-se às quatro da manhã ou mais cedo para enfrentar uma montanha esmagadora de tarefas domésticas representa o preço de um dia livre para o trabalho do desenvolvimento. Com um sacrifício considerável, custeiam muitas vezes as despesas associadas com sua participação. Não obstante, seguem em frente, confiantes em que seus esforços produzam mudanças significativas. Sua determinação, tal como se expressa aqui em suas próprias palavras, fomenta a esperança de um futuro mais equitativo para a mulher guatemalteca.

Rxiin Tnamet



Leticia Toj, enfermeira e mãe de dois filhos, dirige a Rxiin Tnamet que oferece serviços de saúde na zona ao redor do lago de Atitlán.

Desde menina, sempre me perguntava por que a divisão entre indígenas e ladinos? Por que havia escola para ladinos e escola para indígenas? Ainda hoje há igrejas para ladinos e igrejas para indígenas, cemitérios para indígenas e outros para ladinos. Fui a uma escola de primeiro grau onde se fomentava muito a participação indígena. Quando comecei minha mamãe me disse: “O estudo não é para as mulheres, o estudo é para os homens”. Mas o apoio forte de meu pai me permitiu seguir. No início, ele não me permitiu falar kaqchikel. Não queria que me discriminassem como mulher e nem como indígena. “Aprende a falar espanhol bem”, me dizia. “Quero que te desenvolvas entre gente diferente”. Mas eu queria aprender kaqchikel para aprofundar minhas raízes”.

Na capital, onde freqüentei a escola de segundo grau, houve certa união entre o ladino e o indígena, mas eu estava segura de quem eu era. “Bem, aqui você precisa trocar a roupa pelo uniforme”, recordo que me disseram, mas outra mulher e eu convencemos a diretora a nos permitir usar nossa roupa. Quando freqüentei o curso de enfermagem, fiz o mesmo e das 55 enfermeiras que se formaram eu fui a única que se formou usando a vestimenta tradicional .

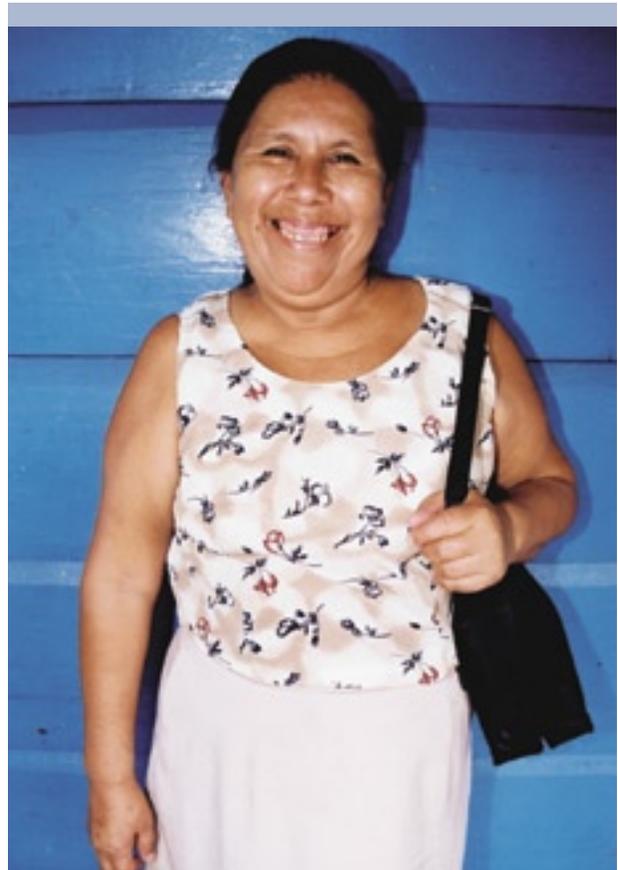
Meu sonho de estudante foi ajudar as comunidades sem acesso aos serviços e minha profissão me ajudou a conseguir o que queria. Em Santiago Atitlán, percebi que essas comunidades tinham sido esquecidas e isso me motivou. O apoio que recebi de norte-americanos e outros assessores me fez sentir que tinha valor como ser humano e como profissional. Também me permitiu crescer, me permitiu ir ao exterior, me permitiu representar a mulher indígena. O maior problema para o desempenho deste trabalho é a discriminação no nível das políticas públicas. Até haver mais pessoas capacitadas de nossa própria etnia para tomar decisões, a situação não mudará. Precisamos superar-nos, mas tanto a educação como os programas de saúde devem ser adaptados a nosso sistema cultural.

Asociación Primero de Septiembre



Magdalena Chavajay é responsável pela rede de Rxiin Tnamet de 80 promotoras de saúde voluntárias que, entre outras realizações, reduziu a zero uma alta taxa de mortalidade materna nas zonas ao redor do lago de Atitlán.

As mulheres estão cuidando melhor dos filhos de idades de zero a cinco anos, vacinando-os e detectando suas doenças.



María Leonor Granados de Ordóñez, de origem ladina, nasceu em San Felipe Retalhuleu. Mãe de cinco filhos e avó de 10 netos, começou sua participação na comunidade, a qual já conta com 29 anos, lavando roupa para o centro de saúde. Atualmente, faz parte da diretoria da Asociación Primero de Septiembre que administra empréstimos com a finalidade de ajudar os cidadãos mais idosos a estabelecerem e melhorarem suas microempresas.

Quando eu era menina, sofremos muito porque éramos muito pobres. Nunca pudemos estudar e sem dúvida, nós necessitávamos, nós queríamos estudar. Trabalho com uma comissão da Igreja Católica; em uma comissão em prol do desenvolvimento do município de Santa Cruz Mulua; em uma comissão da Hábitat, porque tantas pessoas não têm casas; em uma comissão do centro de saúde pública; e na Teletón. Além disso, colaboro com a comissão da escola para verificar as necessidades das crianças e manter o prefeito informado. Todos os nossos esforços têm tido êxito.



Asociación de Desarrollo Integral Tineco



María Sajché López, de origem mam, nascida em Quetzaltenango, faz parte da diretoria da Asociación de Desarrollo Integral Tineco (ADIT), que trabalha para melhorar a produção, a renda e os níveis de educação e saúde de agricultores e artesãos. Fundou e dirige Las Maravillas de ADIT, um projeto que concede empréstimos a empresas produtivas compostas de grupos organizados de 10 a 30 mulheres, cuja única garantia é a palavra delas. O próprio empréstimo concedido à María Sajché López financiou sua empresa pecuária.

Eu vivi a discriminação dentro de minha própria família. Minha mãe dizia que as mulheres não valiam nada. Quando se dividiu a herança, ela deu mais a seus filhos homens, uma costume aqui. As mulheres não participavam; não podíamos trabalhar; não tínhamos nenhum capital.

Meu marido me abandonou quando meus filhos eram muito pequenos. Eu era analfabeta e eu não queria isso para meus filhos. Os dois estudaram, o homem e a mulher. Eu os apoiei para que fossem em frente. Quando minha filha terminou a sexta série, eu lhe disse, “Olha, minha filha, você vai jurar que vai continuar estudando até o final de seus estudos”. Depois ela exigia muito de mim para que pudesse cumprir sua promessa.

Eu sofri quando minha filha estava estudando. Tinha de trabalhar duro no campo para ganhar uma jornada. Eu me levantava às três e meia da manhã porque tinha que estar no trabalho às seis em ponto e durante tempos difíceis não nos pagavam. Agora vejo os resultados.

Minha filha me ajudou a construir uma casa e ali temos o nosso teto. Como diz aqui o provérbio: “As raízes são amargas, mas os frutos são doces”. Eu digo às minhas vizinhas: “Não tirem das mulheres o direito de estudar. É preciso dar-lhes uma oportunidade, porque se não der certo com o marido, a mulher pode sustentar a sua família e não como aconteceu conosco”.

Eu não tinha experiência de participar com um grupo, mas ADIT teve confiança em mim. Na diretoria, eu me superei e comecei a perder o medo. Foi quando me começaram a levar em conta. Antes, só os homens importavam, mas algo mudou. A mulher agora pode participar de um grupo; pode ser até a presidente. Quero continuar participando, por meu país, pelas mulheres que nos levaram em conta, por meus filhos.

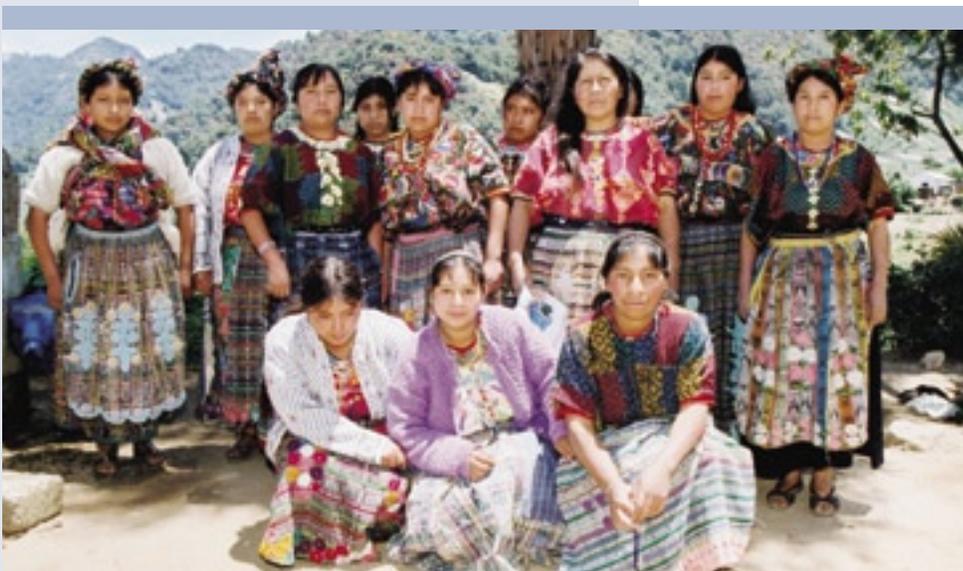


Claudia Maribel Miranda Sajché, filha de Maria Sajché, está encarregada do treinamento dos grupos de mulheres da ADIT. Foi aceita para ingressar na faculdade de medicina, mas não tinha os meios para financiar os anos de estudo requeridos. Em vez de disso, formou-se professora e agora está estudando serviço social.

Com o apoio da ADIT e da minha família, encontrei um espaço a partir do qual posso ajudar as outras pessoas.



Maria Gómez, do Grupo Amanecer, da ADIT em Toj Alic, ajuda a cuidar de um viveiro.



As mulheres de Mam Tenaco, coordenadas por Claudia Sajché, reúnem-se três vezes por semana para fazer lençóis e roupa para vender no mercado.

Consejo de Mujeres Mayas



Santos Gregoria Canastuj Gutiérrez, de origem quiché, tem 12 filhos. Segundo a cosmovisão maia, cada pessoa tem um destino; o seu seria ser promotora de saúde e servir a comunidade como instrutora auxiliar do Consejo de Mujeres Mayas que se concentra nas necessidades de saúde das mulheres e crianças da zona de San Cristóbal, Totonicapán.



Quiché e Mam em um workshop do Conselho, juntamente com as voluntárias, expõem idéias sobre a forma de melhorar a vida das mulheres. Neste caso, o exercício compreende entrar nos grupos, registrar suas idéias e debatê-las depois de reuni-las. Quase todas focalizam a discriminação.

Em minha comunidade, não há nenhuma mulher que saiba ler ou escrever. Eu sou a única que sabe, mas não muito bem. Estudei somente dois anos na escola primária; não pude continuar porque sou mulher. Mas quando uma enfermeira do posto de saúde local estava procurando alguém que soubesse ler e escrever, as pessoas diziam: “A nora de dona Chos. Ela sabe. A gente percebe que ela é rápida”. Então me pediram que fosse ao posto de saúde e isso aborreceu minha sogra. No dia seguinte eu me apresentei e a enfermeira me perguntou se eu estava disposta a receber treinamento para ser comadroneira. “Não sei” respondi. “Tenho que consultar meu marido e minha sogra”.

E assim fiz, mas eles me disseram que eu não iria e voltei para dizer que não, muito obrigada. Então fiquei doente durante 17 meses. Não vou dizer que meu marido se preocupou, mas me levou ao médico. Um dia chegou meu pai para me dizer que minha doença não era doença. Ele disse a meu marido que eu tinha um destino e isso era o que me estava fazendo mal. Eu não acreditava, mas disse a meu marido: “Pode ser que eu tenha de ser comadroneira. Vou dizer-lhes que vou fazer o curso”.

E foi assim que recebi o treinamento para ser comadroneira aos 21 anos. Minha sogra se aborreceu e brigou comigo. “Conhece o teu lugar”, dizia a meu marido. “O curso termina à noite e são homens que vêm trazê-la. Pela idade que tem não lhe convém esse trabalho”. Mas meu marido percebeu de que eu me tinha enfermado. “Trabalha”, me disse. Então meu pai veio com um sacerdote maia e este disse que era meu destino formar-me como comadroneira, pois eu apenas confiei em Deus. Depois, fui convidada a fazer o treinamento de medicina natural e comeci a convencer meu marido.

“Olha aqui, nós, as mulheres, temos direitos como vocês”, eu lhe disse. “Você sai para passear, você diz que já volta e eu fico aqui. Agora estou percebendo e vou sair com mais frequência”.

“Você não pode”, ele me respondeu. “Você é uma mulher casada”.

“Mas o que tem a o fato de ser casada? Melhor ainda, porque podemos sair os dois”.

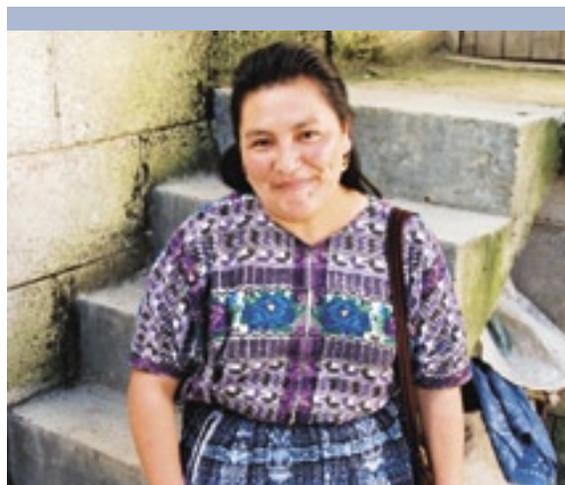
“Não, eu não me gosto porque as pessoas vão rir de mim. Já têm a impressão de que eu não sou homem porque deixo você ir, porque não posso mudar você”.

Finalmente aceitou. Quando saiu de suas dúvidas, viu os resultados do trabalho que eu estava fazendo. Agora compartilho as tarefas da casa. Tive que ensinar meu marido e meus filhos como se prepara um ovo mexido ou estrelado, como se esquentam os tamales, para se ter tempo. Sei que se meu marido está em casa, ele leva as crianças à escola e prepara o almoço. Meus dois filhos homens buscam água e lavam os pratos. Minha filha os seca e guarda. Então quando saio para trabalhar, já não penso em minha casa. Com a responsabilidade que tenho, eu me concentro só no meu trabalho.



Julia Ixcoi Juárez dirige o Consejo de Mujeres Mayas, entidade que ajudou a fundar depois de um surto de cólera. Começou a trabalhar desde muito pequena em uma clínica de religiosas canadenses e finalmente se formou em saúde comunitária na Guatemala e nos Estados Unidos. A cada passo de seu desenvolvimento profissional, pedia autorização a seu pai; e ele sempre a dava.

CODISOGUA



Dolores Chaclón, de origem quiché, supervisiona um programa de crédito, treinamento e assistência técnica para a Coordinadora de Asociaciones de Desarrollo Integral del Sur Occidente de Guatemala (CADISOGUA), em Quetzaltenango. Formou-se primeiro como secretaria bilíngüe. Atualmente, tem como meta futura desenvolver uma carreira política.

Não sofri o problema da discriminação, graças a Deus, mas convivi com as mulheres que têm sofrido discriminação. Quando se concedeu crédito às comunidades de San Miguel Ixtahuacán, por exemplo, e uns grupos de mulheres que tinham conta em um banco local foram sacar seus cheques, as caixeiros começaram a perguntar que por que essas índias podiam sacar essa quantidade de cheques, que não o mereciam, porque eram mulheres indígenas, porque andavam com caites (roupa típica), porque andavam com seus filhos nas costas. Isso me causou uma impressão tão má que fui diretamente à gerência e fiz uma queixa. A etnia e classe social não devem importar a um banco que presta serviços. O gerente pediu desculpas.

Meus pais sempre me incentivavam, dizendo-me: “Você pode conseguir”. Desde esse momento minha educação levantou vô. Na escola e depois nas organizações onde trabalhei, tomei a iniciativa de aproveitar as portas que estavam abertas para o desenvolvimento de minha pessoa. A CADISOGUA tem apoiado minha participação em eventos nacionais e internacionais. Muitas pessoas me têm dado apoio, dizendo-me que devo seguir em frente, que eu posso, que eu tenho a capacidade. Eu creio que tudo se consegue quando se tem auto-estima muito alta. As mulheres que têm sobressaído nos espaços políticos—por exemplo, Rosalina Tuyu e Manuela Alvarado—são bons exemplos para nós. Elas nos permitem dizer: “Se elas conseguiram, por que eu não posso?”

Asociación Femenina para el Desarrollo de Sacatepéquez



Maria Angelina Aspuac, de origem kaqchikel, nasceu em Santiago Sacatepéquez no altiplano rural da Guatemala. Agricultora, com estudos de secretária e mãe de dois filhos, tem a seu cargo a direção da Asociación Femenina para el Desarrollo de Sacatepéquez (AFEDES), cujo programa ajuda as mulheres a estabelecerem pequenas empresas de tecidos, agricultura e pecuária. Foi eleita recentemente para o Conselho Departamental de Desenvolvimento Urbano e Regional de Sacatepéquez.

Eu creio que todas somos iguais, mas algumas pessoas são de opinião que as indígenas não sentem. Não nos respeitam nem nos dão o devido valor. Alguns nos tratam como índias, o que é muito humilhante. Os técnicos têm procurado intimidar-nos. Insinuam que eles vão fazer melhor e nos fazem duvidar de nossas capacidades. Mas nós todas temos sentimentos e uma mente que nos faz pensar. Por isso lemos livros, nos pomos a pesquisar, porque assim é que se aprende.

Na AFEDES assisti a diversas sessões de treinamento onde aprendi o valor que nós temos como mulheres. Eu considero que, se não houvesse mulheres, não haveria desenvolvimento. A participação da mulher, o trabalho que realiza, nunca é levado em conta, mas é um fator para o desenvolvimento que temos em mente. Nós, as mulheres, somos mais da metade da população. Somos ágeis, muito capazes de realizar nossos sonhos. Temos dado muito e vamos dar muito mais, mas necessitamos a oportunidade para demonstrar a capacidade que temos. Possivelmente não podemos mudar nossos maridos, nossos avós, mas a nossos filhos não vamos ensinar o mesmo. Com o trabalho que estamos fazendo vamos ter uma sociedade mais equitativa e mais justa.



Margarita Satic Socorec, mãe de sete crianças, é tecelã.

Meus pais disseram a minhas irmãs e a mim que nós, as mulheres, íamos à escola para nos tornarmos preguiçosas. Eu lhes pedi que me deixassem aprender a tecer, mas tinha que cuidar de minhas irmãzinhas. Aos 19 anos, eu me casei. Aqui o costume é que a noiva tem de pagar as despesas das bodas e então eu fiquei quatro anos com minha sogra pagando o casamento. Depois comeci a participar de um grupo de tecelãs e fiquei sabendo que a AFEDES oferecia oportunidades e treinamento. Depois de um ano na AFEDES, fui nomeada delegada, depois terceira vogal e agora sou a presidente.

Rosamaría Cruz presta serviços de apoio local para a IAF na Guatemala.

Encontro em Sacatepéquez

Esplendorosos atavios maias e expressivas apresentações em PowerPoint constituíram o âmbito do *Encontro de Donatárias da Fundação Interamericana ou Encontro Feminino* realizado em 22 de novembro patrocinado pela donatária AFEDES, em Santiago Sacatepéquez. Cerca de 70 mulheres representaram seis línguas diversas e várias donatárias da IAF, todas elas dedicadas a superar as condições de vida que as suas comunidades têm sofrido há séculos.

A dominação e o deslocamento em nível mundial têm ameaçado destruir o modo de vida indígena e a eliminação de etnias inteiras, mas, a partir da década de 70, as populações indígenas em todas as Américas têm começado a fazer valer seus direitos. Não obstante, apesar de entre suas fileiras figurarem uma ministra de gabinete, uma deputada nacional e uma laureada do Prêmio Nobel, Rigoberta Menchu, cuja campanha por terminar a guerra civil do país de 36 anos de duração lhe obteve a concessão do prêmio de paz em 1992, muitas das mulheres de origem maia ainda se sentem subvalorizadas. “Em meu povoado”, disse uma, “pagam mais às comadronas se ajudarem no nascimento de um varão”.

O debate, que teve lugar na prefeitura gelada, focalizou o modo como a mulher pode contribuir para um mundo melhor. Muitas das que estavam presentes podiam traçar ao longo de diversas décadas seu compromisso com a solução de problemas resultantes da pobreza desesperada. Entre as líderes do programa figuravam Angelina Aspuc, da AFEDES; Dolores Chaclán, da CADISOGUA; Magdalena Chavajay, da Rxiin Tnamet; Julia Ixcoy, do Consejo de Mujeres Mayas; Glenda Sis, do Plan de Acción Forestal Maya

(IIDEMAYA), uma ONG que se trabalha com o crédito e o meio ambiente; e a convidada especial, Josefa Moncada, da ADEMISS, uma ONG de El Salvador apoiada pela IAF.

A primeira em falar foi Chavajay cujo trabalho promove medidas preventivas como vacinas, testes de Papanicolau, treinamento de *comadronas* e um sistema que tem uma voluntária supervisora por cada 25 mulheres da comunidade. O público aplaudiu entusiasticamente quando Rosamaría Cruz, organizadora da conferência mencionou que na zona ao redor do lago de Atitlán, a Rxiin Tnamet tinha reduzido a zero a alta taxa de mortalidade materna. Todas as oradoras podiam documentar a eficácia de suas organizações com provas específicas: estatísticas de crianças tratadas, postos criados e a concessão de empréstimos empresariais e de habitação.

Mas em vez de estender-se em suas realizações, as oradoras se concentraram no que restava a fazer. Segundo Glenda Sis, cerca de 66% das mulheres de sua província, Alta Verapaz, são analfabetas; cerca de 44% das mães têm menos de 20 anos; e a mulher, em média, tem sete filhos. Os obstáculos em torno da participação da mulher em sua comunidade não se limitam, porém, a uma formação escolar deficiente, obrigações familiares e falta de dinheiro desesperada. Uma cultura ferozmente machista foi mencionada constantemente como o maior desafio. Algumas começaram a participar de projetos de desenvolvimento às escondidas, inclusive a própria presidente de AFEDES. Pouco a pouco, disse Aspuc, os maridos estão começando a compreender os benefícios das atividades de suas esposas. Portanto, acrescentou, o número de membros da AFEDES aumentou de 135 para 300.

Julia Ixcoy insistiu em que a igualdade de gênero, o respeito a si mesma e uma porta-voz para a mulher na tomada de decisões são a chave para uma estratégia de desenvolvimento eficaz. Josefa Moncada compartilhou uma mensagem semelhante quando descreveu os esforços da ADEMISS no sentido de reduzir a poluição nas comunidades densamente povoadas ao redor da zona do lago de Ilopango de El Salvador, onde as mulheres constituem mais da metade da população, mas têm tido que lutar para serem ouvidas. Instou a que mais mulheres fizessem parte das diretorias das organizações de desenvolvimento. “Mas somente como presidente, vice-presidente ou tesoureira”, advertiu, “não como secretária ou como vogal”.

A sugestão de Moncada de realizar um encontro aberto à participação de toda a América Central suscitou outra ovação entusiasta. A seguir, as mulheres presentes debateram assuntos de gênero. Todas estiveram de acordo sobre a urgência de aumentar a participação da mulher na luta contra a pobreza.



Magdalena Chavajay, da Rxiin Tnamet, à esquerda, com Rosamaría Cruz, dos SEAL da IAF na Guatemala.

Fórum sobre remessas de fundos



Este artigo, o segundo emanado da discussão na revista *Desenvolvimento de Base* sobre as iniciativas que têm aprofundado o impacto das remessas de fundos no desenvolvimento, trata do dinamismo dos salvadorenhos que se têm organizado no exterior para melhorar as respectivas comunidades de origem.

Seu autor, Salvador Sanabria, é diretor de desenvolvimento de El Rescate, organização que ajudou a fundar em 1981, e coordenador do Transnational Community Remittances and Local Development Program (Remessas da Comunidade Transnacional e Programa de Desenvolvimento Local), que oferece assistência técnica, orientação normativa e financiamento para projetos sociais e produtivos iniciados por associações de emigrantes salvadorenhos para o desenvolvimento da cidade natal (*hometown associations*), sediadas no Sul da Califórnia. Como

Manuel Florentino, operário de uma empresa de construção, constrói a fábrica de tijolos financiada pela associação para o desenvolvimento da cidade natal (hometown association) de salvadorenhos de Paraíso de Osorio que residem em Los Angeles.

Protagonistas e programas em El Salvador

de Salvador Sanabria

Os salvadorenhos no exterior criaram uma comunidade transnacional organizada que contribui para o desenvolvimento de seu povoado natal.

Desde 1980, aproximadamente dois milhões de salvadorenhos tornaram-se residentes de países estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos. Em termos de desenvolvimento moderno, estes imigrantes são denominados “a diáspora”, termo definido por Peggy Levitt em seu artigo *Transnational Migration: Taking Stock and Future Directions* (Migração Transnacional: Avaliação e Direções Futuras), publicado em 2001 em *Global Networks*, como “indivíduos exilados ou deslocados a outros países devido a diferentes fatores econômicos, políticos e sociais”.

O deslocamento de muitos salvadorenhos foi atribuído ao conflito armado ocorrido de 1980 a 1992, mas a imigração salvadorenha começou antes da guerra e continua até o dia de hoje. A rede dos Estados Unidos de imigrantes salvadorenhos representa todos os níveis da sociedade salvadorenha e dos estados Unidos, inclusive funcionários eleitos, como Ana Sol Gutiérrez, membro da câmara de deputados do Estado de Maryland, e Vítor Tejada, conselheiro do Condado de Arlington, no estado de Virginia. Os imigrantes salvadorenhos mais

bem-sucedidos têm em comum a residência nos Estados Unidos antes da guerra, ao passo que os que chegaram ao país depois da guerra ainda procuram garantir-se.

No entanto, os que constituem o núcleo da rede da diáspora salvadorenha, os organizadores e voluntários da comunidade, chegaram aos Estados Unidos durante a guerra, compartilhando o desejo de mudar a sua condição de vida e a condição de vida dos que ficaram para trás. Alguns trabalham nos EUA como professores, advogados, médicos, empresários e organizadores sindicais e de movimentos de direitos civis, mas na maioria são operários que realizam as árduas tarefas diárias que permitem a cidades como Los Angeles caminharem sem contratempos. Impulsionados pelas obrigações familiares, interesse de preservar sua cultura, espírito filantrópico e nostalgia, muitos, inclusive aqueles que lutam por sobreviver, mantêm uma conexão ativa com seu povoado natal. Em termos econômicos, isso implica uma contribuição cujo volume é tal que impulsiona a economia e o desenvolvimento de El Salvador: no ano passado, as remessas de fundos a El Salvador elevaram-se oficialmente a quase US\$2 bilhões.

Coincidindo com a assinatura dos Acordos de Paz em 1992, a diáspora salvadorenha radicada no Sul de Califórnia lançou um movimento transnacional que se estendeu às cidades de Washington D.C., San Francisco, Las Vegas, Houston, Chicago, Boston e Nova Iorque. A plataforma de lançamento foram as associações de emigrantes salvadorenhos para o desenvolvimento da cidade natal (*hometown associations* ou HTA), um elemento da diáspora salvadorenha desde a década de 1980. A primeira, a Asociación Migueleña Siglo XXI, foi fundada em novembro de 1986 por emigrantes de San Miguel, um departamento situado ao leste de El Salvador. O objetivo da maioria das HTA na década de 1980 foi preservar a identidade cultural mas, com o tempo, os membros começaram a enviar auxílio social e assistência humanitária às respectivas comunidades de origem, arrecadando fundos por meio de bailes, excursões, jantares, piqueniques,

membro da Comissão Política e Diplomática da Frente de Libertação Nacional Farabundo Martí, Sanabria, habilitado pelo Harvard Negotiation Project (Projeto de Negociação Harvard), participou das negociações que envolveram o Governo dos Estados Unidos na solução da guerra civil salvadorenha. Esteve presente quando foram assinados os Acordos de Paz na sede das Nações Unidas em Nova Iorque em 31 de dezembro de 1991 à meia-noite. Ao finalizar a guerra, regressou a El Salvador e foi co-fundador da Fundación Centroamericana para el Desarrollo Humano Sostenible (FUCAD).

Os editores de *Desenvolvimento de Base* acolhem todo artigo sobre a incorporação da diáspora no processo de desenvolvimento ou outros temas correlatos.

concursos de beleza, rifas e solicitações às empresas. Cada atividade permite arrecadar uma média de US\$2.000; isto significou um esforço incessante por parte de voluntários determinados e incansáveis da comunidade.

O impulso deste movimento de assistência transnacional salvadorenha tem crescido de forma sustentada na última década. Em 1994, nove HTA salvadorenhas sediadas na Califórnia fundaram a organização Comunidades Unidas de Ayuda Directa a El Salvador (COMUNIDADES); em um período de três anos, o número de membros mais do que quadruplicou, chegando a somar 37 associações. A COMUNIDADES recebe apoio, inclusive assistência técnica, de *El Rescate*, um organismo de serviços jurídicos e humanitários fundado para prestar

de Washington, D.C. que posteriormente formaram as Comunidades Unidas Salvadoreñas (CUS).

Em junho de 2001, a COMUNIDADES e El Rescate uniram seus esforços aos da Fundación Centroamericana para el Desarrollo Humano Sostenible (FUCAD) a fim de solicitar assistência dos governos municipais de El Salvador para a iniciativa das HTA de financiar coletivamente projetos de desenvolvimento econômico e social. Como consequência desta atividade de extensão, a Corporación de Municipalidades de la República de El Salvador (COMURES), representando os 262 prefeitos do país, convidou uma delegação de dirigentes das HTA de Los Angeles a participar do XVII Congresso Nacional de Municipios realizado em outubro de 2001. Durante esse histórico acontecimento foi

aprovada uma resolução que deu lugar à aprovação unânime, por parte dos prefeitos, do Programa de Apoio Permanente aos Municipios de Origen, um acordo assinado tanto pela COMURES como pela COMUNIDADES.

Em resposta a este inovador acordo com os prefeitos, em fevereiro de 2002 o governo salvadorenho, por intermédio do Escritório do vice-presidente e do Fondo de Inversión Social para el Desarrollo Local (FISDL), assentou as bases para a cooperação com cidadãos no exterior. A idéia era facilitar certos projetos de desenvolvimento social com fundos paralelos. El Rescate e a COMUNIDADES convidaram imediatamente o vice-presidente Carlos Quintanilla

e Miguel Siman, Presidente do FISDL, a visitar o escritório de El Rescate em Los Angeles, onde a delegação do governo apresentou oficialmente a visão e os objetivos do programa aos dirigentes de 18 associações salvadorenhas e anunciou a oportunidade de concorrer por US\$114.000 do programa piloto. As HTA da Califórnia receberam US\$51.000 do governo e arrecadaram US\$24.999 em contribuições paralelas para a construção de uma fábrica de tijolos em Paraíso de Osorio, o primeiro projeto a beneficiar-se do FISDL. A empresa comercial, propriedade conjunta de ambas as partes da comunidade transnacional, doará parte de sua produção de tijolos e de seus lucros a famílias de baixa renda afetadas pelos terremotos de 2001.



KATHRYN SMITH PYLE

De esquerda para a direita: Juan Carlos Cristales, diretor de El Rescate; Miguel Brizuela, presidente do Comitê de La Laguna Chalatenango de Los Angeles; Salvador Sanabria; e Salvador Reyes López, secretário de Chalatecos Unidos de Los Angeles.

assistência a centro-americanos. El Rescate foi estabelecido em 1981 por refugiados salvadorenhos e pelo Conselho Ecumênico do Sul de Califórnia a fim de oferecer assessoramento em caso de problemas trabalhistas ou de imigração, promover o desenvolvimento econômico e oferecer treinamento em tecnologia da informação e liderança. (Como dado de interesse, cerca de 30% dos clientes de El Rescate não provêm da América Central; a maioria dos que pedem asilo é africana; os armênios dominam o programa de crédito.) Atualmente, os dados compilados por El Rescate refletem a existência de 62 HTA no Sul de Califórnia, 12 na zona de San Francisco, quatro em Las Vegas, nove em Houston e 19 na zona metropolitana da cidade



Atividades de arrecadação de fundos por membros da Fundación Arcenses incluem fazer e saborear pupusas (tipo de pastel), prato típico de El Salvador.



KATHRYN SMITH PYLE



Desde a solicitação inicial de fundos públicos em março de 2002, três solicitações adicionais geraram US\$3.704.611 em fundos paralelos diretos para o investimento em projetos de desenvolvimento, dos quais participam associações salvadorenhas das cidades de Los Angeles, Washington, D.C., San Francisco e Houston. Deste total, as associações contribuíram com US\$825.869, os governos municipais com US\$931.587 e o FISDL com US\$1.905.955. O governo salvadorenho financia seu programa com os fundos de um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Atualmente, El Rescate, a COMUNIDADES, as organizações de contrapartida em El Salvador, a FUCAD, o FISDL e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) das Nações Unidas dedicam-se a promover projetos sociais e produtivos. As HTA participantes do Sul de Califórnia representam 11 cidades salvadorenhas: Paraíso de Osorio, San Juan Tepezontes, San Miguel Tepezontes, Cacaopera, Suchitoto, San Isidro, Cojutepeque, La Laguna, Tejutla, Sesori e La Labor San Sebastián. A relação criada com o FIDA demonstra o potencial das HTA salvadorenhas de contribuir para o estabelecimento de normas de desenvolvimento internacional e transnacional. Em maio de 2002, dirigentes das HTA salvadorenhas da cidade de Washington, D.C. e dos Estados de Maryland, Virginia e Nova Iorque, juntamente com representantes da COMUNIDADES e de El Rescate, falaram da possível cooperação em projetos promovidos pelo FIDA. Em outubro de 2002, cerca de 35 associações de Los Angeles, San Francisco, Las Vegas e Houston participaram de *workshops* complementares organizados na Califórnia por El Rescate e pelo FIDA com a cooperação da COMUNIDADES e da FUCAD. Os acordos resultantes já foram aplicados

em comunidades dos departamentos salvadorenhos de San Vicente e Morazán.

É indiscutível o impacto positivo das remessas de fundos tanto familiares como das comunidades coletivamente sobre a economia e a sociedade salvadorenhas. No entanto, necessitamos mais informações sobre a maneira como as remessas são utilizadas, seja para o consumo ou para investimentos produtivos, e o grau da dependência macroeconômica das remessas por parte de El Salvador. Cumpre observar aqui que, segundo o Centro de Integración y Desarrollo Norteamericano (ou NAID na sigla em inglês) da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), ainda não se calculou o efeito multiplicador total dos US\$2 bilhões em remessas a El Salvador no ano passado, os quais constituem aproximadamente 13% do produto interno bruto. Além disso, o montante de US\$2 bilhões não inclui as remessas familiares e coletivas não captadas por instituições financeiras intermediárias; o total real das remessas a El Salvador poderia ser ainda maior. Além disso, devemos identificar estratégias seguras e possíveis de duplicar com relação ao uso produtivo das remessas que contribua para incentivar as economias locais com oportunidades de trabalho e

investimento, a fim de oferecer outras opções à emigração.

Numa tentativa de fornecer parte dessas informações, as HTA da Califórnia, as organizações de contrapartida em El Salvador, El Rescate e a FUCAD vêm trabalhando com o Centro NAID desde setembro de 2001 em um programa piloto de três anos de duração que combina a pesquisa universitária com projetos em andamento em Paraíso de Osorio, Cacaopera e diversas outras comunidades. Recentemente, a Fundação Interamericana começou a apoiar o projeto mediante uma doação à FUCAD. A Fundação Rockefeller seguiu logo seu exemplo com uma doação a El Rescate para apoiar o mesmo projeto.

Paraíso de Osorio, a menor destas comunidades, sofreu danos extensos no terremoto de 2001, problema que está sendo estudado pelo Comitê de Paraíso de Osorio em Los Angeles, uma HTA, juntamente com a organização de contrapartida em El Salvador, governo municipal de Paraíso de Osório, El Rescate, FUCAD e FISDL. Até esta data, o investimento dos participantes eleva-se a cerca de US\$100.000 em fundos, equipamento, terreno e assistência técnica, administrados pela FUCAD, a qual também coordena e supervisiona a construção. Necessita-se de um investimento semelhante para habilitar trabalhadores futuros, criar programas de contabilidade, inventário, controle de qualidade e segurança industrial, formular um plano de comercialização e fornecer o capital de exploração para implementar a fábrica. A diretoria da nova empresa incluirá representantes de todos os participantes com exceção do FISDL.

Em Cacaopera, o Instituto Salvadoreño de Formación Profesional (INSAFORP) preparou 22 mulheres jovens para empregos em microempresas no setor de confecção de roupa. O Comitê para la Paz y la Reconstrucción de Cacaopera, uma HTA de Los Angeles formada em 1992 por salvadoreños de Morazán, outro departamento ao leste de El Salvador, doou máquinas de costura e tecidos ao programa de profissionalização do INSAFORP e, com o apoio de El Rescate, conseguiu os fundos necessários para o primeiro curso de treinamento. Até agora, este investimento combinado eleva-se a US\$10.000. Para implementar uma planta fabril, necessitam-se de outros US\$100.000, fundos que se destinam ao capital de exploração, à compra de maquinaria e equipamento, à assistência técnica e ao treinamento organizacional. Como consequência de uma série de reuniões realizadas em abril de 2003 entre a cooperativa, El Rescate-NAID, funcionários do FIDA e o representante do Fundo de Investimento Multilateral do BID, se está considerando o financiamento deste e de outros projetos produtivos. Se for aprovada, a

fábrica de Cacaopera será o primeiro projeto financiado pelo FIDA-BID desde 1994.

Além destas atividades, estão sendo considerados diversos projetos de desenvolvimento para Suchitoto, declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO; a comunidade é representada pelos Suchitotenses Asociados de Los Angeles (SALA), uma HTA reconhecida como organização sem fins lucrativos em virtude da Seção 501(c)(3) do Internal Revenue Code (Código Fiscal dos Estados Unidos). O projeto selecionado também será estudado.

O Centro NAID, dirigido pelo professor Raúl Hinojosa-Ojeda, é uma importante instituição universitária dos Estados Unidos que estuda o efeito das remessas familiares e coletivas no desenvolvimento econômico e social do México e de El Salvador. No tocante ao seu programa em El Salvador, peritos em migrações internacionais, remessas de fundos e desenvolvimento humano documentarão as práticas das HTA, das organizações governamentais e não-governamentais salvadoreñas e das instituições internacionais de financiamento, com o objetivo de comunicar as lições aprendidas e identificar tanto as melhores práticas como as que devem ser evitadas. No entanto, o objetivo principal é empoderar as comunidades de emigrantes e suas HTA. O êxito alcançado pelos imigrantes salvadoreños em termos de organização, articulações e mobilização no âmbito transnacional em um período relativamente curto já os transformou em atores importantes no desenvolvimento transnacional contemporâneo.

Pedro Mojica-Pineda contribuiu para este artigo. O Senhor Mojica-Pineda é pesquisador do Centro de Integração e Desenvolvimento Norte-americano de UCLA e dirige estudos de pesquisas do Programa de Desenvolvimento Local e Remessas da Comunidade Transnacional de El Rescate.

Os Associados de Maryland entregam 1.000 pacotes de materiais escolares a alunos da escola de primeiro grau de San Agustín e San Marcos Lempa em 27 de dezembro.

As remessas e a IAF

“Vamos ao aeroporto”, diz um anúncio classificado comumente visto nos jornais de San Salvador. Fora da capital, o mesmo anúncio escrito à mão sobre cartazes poderia indicar “Pergunte por Nacho”. Ambas as promoções indicam o impacto da diáspora salvadorenha na vida diária. Nacho tem veículo próprio graças às remessas de fundos recebidas de sua filha menor que reside nos Estados Unidos. E estes dias o aeroporto é um destino popular para salvadorenhos de todos os setores sociais, não apenas os poucos ricos; em alta temporada—Semana Santa, agosto, Natal e Ano Novo—fica repleto de pessoas à espera de familiares que chegam para as festas de fim de ano, a maioria deles dos Estados Unidos. Os viajantes abrem uma nova oportunidade comercial para os salvadorenhos e as remessas fornecem o capital.

Embora o Escritório de Censos dos Estados Unidos tenha registrado 655.000 salvadorenhos nos Estados Unidos em 2000, o Ministério das Relações Exteriores de El Salvador calcula que o total poderia ser superior aos 2.000.000. Segundo uma pesquisa realizada em 1999 por Juan José García, a afluência anual média aos Estados Unidos é de 72.000 pessoas; cerca de 16% dos lares têm familiares no exterior. A emigração salvadorenha é impulsionada pela pobreza e pelas disparidades entre a cidade e o campo. A zona rural dos departamentos mais pobres são as de maior emigração: cerca de 29,8% das famílias que vivem em La Unión (aproximadamente 77% rurais), cerca de 28,2% das de Morazán (aproximadamente 67% rurais) e cerca de 23,9% das de Cabañas (aproximadamente 62% rurais) têm pelo menos um familiar no exterior.

Segundo os peritos, as remessas de fundos a El Salvador vêm aumentando em cerca de 12% ao ano, passando de menos de US\$30 milhões em meados da década de 1970 a mais de US\$1,9 bilhão em 2002—cifra que não inclui os fundos enviados por serviço de correio privado internacional (*courier*), que, segundo se calcula, se elevam a pelo menos US\$200 milhões. Por família, isso representa de US\$1.200 a US\$2.400 por ano.



DANIEL MARTÍNEZ

Aproximadamente 80% deste dinheiro (US\$1,500 bilhão) é destinado a atender às necessidades básicas da família: alimentos, atendimento médico, estudos, roupa e, de forma excepcional (porque muitas das pessoas que recebem remessas de fundos já não estão em seus anos produtivos) aluguel e manutenção de prédios. Apenas cerca de 1,5% desta cifra é investido para estabelecer ou fortalecer microempresas. Em sua publicação *Migración internacional y desarrollo microempresarial en El Salvador*, Sonia Bares afirma que aproximadamente 20% dessas microempresas, como a de Nacho acima mencionada, oferecem serviços de transporte em veículos comprados nos Estados Unidos.

As remessas coletivas, financiadas por associações de emigrantes, têm apoiado uma variedade de projetos nas comunidades de origem dos emigrantes: assistência humanitária, melhoria de estradas e autopistas, introdução de água potável, serviços de eletricidade, construção de escolas, alojamentos, centros comunitários e pequenas pontes, compra e envio de ambulâncias e distribuição de alimentos, roupa, materiais escolares e brinquedos a crianças pobres. Calcula-se que haja mais de 200 destas associações nos Estados Unidos. Com relação a esse crescente esforço de desenvolvimento de base, a IAF recentemente encarregou um estudo sobre o impacto das remessas de fundos nos projetos que apóia em El Salvador. Os resultados indicam que a IAF apóia projetos em 19 locais salvadorenhos que recebem remessas. Dos donatários da IAF que foram pesquisados, a metade considerava que as remessas não só melhoravam o poder aquisitivo de seus beneficiários e a amortização dos empréstimos concedidos para investimentos produtivos, mas também geravam microempresas. O restante expressou a preocupação de que as remessas de fundos estimulavam a emigração de indivíduos treinados por meio de seus projetos, promoviam a dependência e eliminavam o incentivo de dedicar-se a atividades produtivas.

Em um *workshop* de acompanhamento, os profissionais relacionados com o estudo ajudaram os donatários participantes a entender as oportunidades de vincular as remessas ao desenvolvimento local. Recomendaram aos participantes que se comunicassem com associações de salvadorenhos no exterior, especialmente nos Estados Unidos, no sentido de estabelecer contato com instituições ou organizações em El Salvador relacionadas com o desenvolvimento das comunidades de origem, promover o uso mais eficaz das remessas coletivas ou comunitárias nas organizações que as expedem ou recebem, bem como identificar projetos de interesse para fins de investimento e formular propostas para a coordenação e o apoio mútuo. Vários donatários já tomaram este tipo de medidas na respectiva comunidade.

—Rolando Gutiérrez, consultor da IAF, El Salvador.

Desenvolvimento da indústria de laticínios nos Andes peruanos

de Alipio Montes Urday

Fotos: Cortesia do CEDER

A rápida duplicação de uma próspera empresa de laticínios traz benefícios—e desafios.



No decorrer dos últimos 13 anos, o Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional (CEDER) tem feito experiências com o desenvolvimento

da indústria de laticínios nas zonas dos Altos Andes do sul do Peru. Essa experiência começou graças ao apoio inicial proporcionado pela Fundação Interamericana ao Projeto de Formação Camponesa Integral do CEDER na província de Condesuyos de 1986 a 1991. Desde 1992, a experiência do CEDER, apoiado pelo Fundo de Contraparte Peru-Canadá e, posteriormente, pelo Fundo Nacional de Formação Trabalhista e Promoção do Emprego (FUNDOEMPREGO), estendeu-se à província de General Sánchez Cerro (departamento de Moquegua) e à província de Castilla (departamento de Arequipa).

Condições conducentes à intervenção

As províncias de Condesuyos, Castilla e General Sánchez Cerro, situadas na vertente ocidental dos Andes no sul do Peru a uma altitude de 2.500 a 3.500 metros sobre o nível do mar, têm em comum características agroecológicas e socioeconômicas análogas. Nesta zona 80% dos residentes ganham a vida com a agricultura e a pecuária, em particular com a criação de gado em associação com o cultivo da alfafa. Cada um dos pequenos agricultores independentes tem, em média, seis cabeças de gado e 2,3 hectares de terras de irrigação e cultivadas, distribuídas em diversas parcelas. Até a intervenção do CEDER, dependiam em grande parte do único comprador de leite da região, Glória S.A., que impunha preços sumamente desfavoráveis e condições que cada um dos agricultores considerava impossíveis de contestar devido a que, individualmente, produziam quantidades muito pequenas de leite, uma média de apenas 30 litros por dia. Com o tempo, seu ressentimento levou-os a procurar outras opções.

A experiência

A intervenção do CEDER faz parte de um programa mais amplo de desenvolvimento rural iniciado em Condesuyos em 1986, em General Sánchez Cerro em 1992 e em Castilla em 2000, juntamente com o projeto de Formação Camponesa Integral mencionado mais acima. Um de seus componentes fundamentais foi o desenvolvimento de uma indústria em pequena escala para a produção de queijo, iogurte e manteiga. Este projeto teve inicialmente dois objetivos: primeiro, aumentar a renda dos produtores de leite mediante o valor agregado da fabricação destes produtos lácteos; segundo, ajudar a diversificar a economia local promovendo uma nova atividade. No momento da intervenção inicial, todo o sistema econômico local estava tão carente de diversidade que até mesmo pequenas atividades comerciais e de serviços dependiam da vitalidade da agricultura e da pecuária.

O programa de desenvolvimento rural também tem por objetivo melhorar a infra-estrutura de irrigação mediante a construção de represas, canais e comportas; promoção da pecuária de leite mediante a produção de pensos forraginosos, melhoria genética (por meio da inseminação artificial e a criação seletiva), melhor saúde do gado e práticas de gestão de alimentação do gado; introdução de novas alternativas agrícolas (plantas aromáticas); e serviços creditícios. No total, o programa beneficia cerca de 1.300 famílias camponesas das zonas participantes.

Estratégias e práticas

Duas plantas piloto de elaboração do leite em Chuquibamba—uma em Condesuyos e a outra no distrito de Puquina, província General Sánchez Encerro—foram escolhidas como centros de demonstração e formação. Tinha-se em mente que as plantas dariam um exemplo e animariam a introduzir outras instalações iguais. A infra-estrutura física de ambas as plantas foi construída em consulta com os respec-

tivos grupos de produtores que se beneficiariam do projeto. O nosso programa proporcionou os materiais de construção necessários que não estavam disponíveis localmente, entre os quais figuram cimento, chapa estriada, ferro, tijolos e majólica, bem como mão-de-obra qualificada e assistência técnica. Os produtores contribuíram com materiais locais, principalmente areia e madeira, mão-de-obra não-qualificada e terreno.

No desenho da infra-estrutura foram tomadas medidas para assegurar que os materiais utilizados, bem como a distribuição, fossem os mais apropriados para o ambiente físico e socioeconômico, de forma que outros grupos interessados pudessem reproduzir o projeto com facilidade. Cada local de trabalho incluiu uma zona de recebimento e elaboração, uma zona de maturação, uma zona administrativa e um espaço para carregar e descarregar o leite. Ambas as plantas tinham o equipamento de elaboração necessário (uma evaporadora, mesas de moldagem, estampadoras, "lira", andaimes, fornos, misturadoras, um cronômetro, balanças) e equipamento de laboratório (latodensímetro, acidômetro, higrômetro, provetas, reativos). A planta de Puquina também recebeu o equipamento para a produção de iogurte em pequena escala. Tudo isto foi totalmente financiado pelo programa sem necessidade de reembolso. Para operar essa planta, o programa proporcionou treinamento ao pessoal técnico, selecionado entre os sócios produtores que estariam encarregados de administrar cada planta e de fabricar o queijo, o iogurte e a manteiga.



Queijos do projeto CEDER expostos em uma feira.



Este queijo, produzido graças ao projeto de CEDER, está pronto para a venda.

As pessoas escolhidas visitaram diversas empresas da região em cujas plantas receberam formação na administração de todos os aspectos da tecnologia de produção. Foi constituída uma equipe mínima de seis empregados para iniciar e operar as plantas.

Organizações e operações comerciais

No âmbito de *workshops* múltiplos, a planta de Condesuyos foi organizada como uma cooperativa de 23 pequenos pecuaristas e trabalhadores agrícolas assalariados, denominada Cooperativa de Produção Especial La Campiña. A planta de Puquina foi organizada como empresa constituída por 27 sócios, todos eles pequenos pecuaristas que optaram pela forma de entidade social devido às dúvidas que despertava a viabilidade das cooperativas. Condesuyos tinha tido também muitos problemas decorrentes de certa confusão sobre os direitos dos sócios e a gestão da empresa.

Porém, o maior desafio foi a abertura do mercado para os produtos, especialmente Condesuyos onde os agricultores tinham menos experiência. A princípio, os membros e diretores da cooperativa procuraram aplicar a técnica de vendas em domicílio em Arequipa. À medida que adquiriram maior conhecimento, constituíram clientela e seus quei-

jos ficaram solidamente estabelecidos no mercado de Arequipa atraindo muitos comerciantes da zona de Chuquibamba. A tarefa foi mais simples em Puquina, uma vez que os interessados conheciam o mercado e era relativamente fácil encontrar clientes. Foram utilizados diversos tipos de promoção, tais como a entrega de amostras grátis e descontos para compras em volume e pronto pagamento ou em dinheiro. A estratégia de planta piloto prestava-se à solução dos problemas relacionados com o desenho da planta, processos tecnológicos, gestão empresarial e abertura de novos mercados para o produto. Em outras palavras, permitiu-nos criar condições favoráveis para a

Ressaltou-se a melhoria da qualidade do produto na diversificação com outras variedades de queijos, como o Andino, o Pária e o Edam, e uma gestão mais eficiente.

reprodução rápida da experiência.

A fim de assegurar ainda mais o êxito e a capacidade de duplicação da experiência, uma vez que se tornaram evidentes as realizações da planta piloto de Chuquibamba, o projeto deu ênfase ao treinamento na elaboração de laticínios e no desenvolvimento tecnológico e comercial desta atividade. Foram treinados cerca de 40 produtores de queijo na planta piloto de Chuquibamba; alguns passariam a estabelecer as próprias empresas de elaboração de leite. Numa segunda etapa, à medida que se duplicava a experiência, o projeto proporcionava serviços de assistência técnica e treinamento para as novas plantas e para outras pessoas interessadas. Ressaltou-se a melhoria da qualidade do produto na diversificação com outras variedades de queijos, como o Andino, o Pária e o Edam, e uma gestão mais eficiente. A fim de normalizar os produtos para que pudessem ser identificados facilmente por origem e fossem apropriados para os mercados de alto rendimento do Peru e de coordenar a compra de materiais para o processamento do leite, o projeto incentivou os produtores de leite a se organizarem. Lamentavelmente, as rivalidades pessoais destruíram quaisquer possibilidades de associação.

Duplicação do projeto

Seis meses após o início das operações em julho de 1989, o projeto piloto de Condesuyos tinha alcançado sua máxima capacidade de elaboração de 400 litros de leite por dia e teve de ser amplia-

do para elaborar um volume de leite quase quatro vezes maior. Muito em breve, seu produto ficou bem posicionado nos mercados regionais e de Lima e a demanda do queijo de Chuquibamba superou a oferta. Cerca de 18 meses depois de a planta ter iniciado suas operações, a experiência começou a ser duplicada por produtores particulares associados com a planta tanto na qualidade de técnicos ou como agentes de vendas, com a assistência técnica e financeira do projeto. Com o tempo, surgiram 18 microplantas para elaborar um total de 8.000 litros de leite por dia.

A planta piloto de Puquina, do CEDER, também teve êxito e começou a ser emulada. Sete microplantas foram em breve estabelecidas, cada qual com uma capacidade de elaboração de 300 a 1.200 litros por dia ou, atualmente, um total diário de 5.000 litros. Embora a planta de Puquina tenha adquirido uma clientela considerável, os conflitos entre os sócios, que antepuseram os interesses pessoais aos da empresa, a obrigaram a abandonar suas operações em 1997. Agora, em virtude de um contrato de arrendamento com um produtor privado, elabora aproximadamente 900 litros de leite por dia.

Em 1995, com a ajuda apropriada de treinamento e assistência técnica proporcionada pelo CEDER, a experiência de Condesuyos foi estendida a Pampacolca, localidade vizinha. Dois técnicos capacitados, um ex-trabalhador do projeto e um beneficiário de Pampacolca instalaram ali cada qual uma planta de fabricação de queijo, utilizando os mesmos procedimentos tecnológicos e administrativos formulados para Condesuyos e abastecendo o mesmo mercado. Outras doze microplantas de propriedade privada instaladas posteriormente nessa zona elaboram coletivamente 6.500 litros de leite por dia. Atualmente, as três zonas contam com 37 plantas pequenas e microplantas de propriedade de 55 famílias que elaboram um total diário de 19.500 litros de leite. Nas três zonas, os empréstimos proporcionaram o capital de exploração e parte do equipamento, mas a infra-estrutura e outros equipamentos foram financiados com os fundos próprios dos microempresários.

Até esta data, as microempresas de laticínios de Chuquibamba conseguiram os níveis mais altos de tecnologia. Produzem principalmente queijos maduros como o Tilset, Andino, Mozzarella e Edam e alguns queijos frescos. Em todos os demais lugares, as plantas se têm concentrado em queijos frescos e só recentemente introduziram os queijos maduros.

Principais resultados

O desenvolvimento da indústria de laticínios em pequena escala tem aumentado os níveis de emprego e de receitas da população rural. A produção de 37 microempresas e pequenas empresas industriais que

elaboram 7.117 toneladas de leite para a produção de queijo, iogurte e manteiga tem um valor bruto de US\$2.033.571 por ano, o que representa US\$5.165 de lucro para cada uma das 60 famílias proprietárias das plantas. As plantas geram 100 empregos de produção e administrativos que pagam um salário anual médio de US\$1.542. Cerca de 50% destes salários eram recebidos por membros da família, mas outros empregados da planta ganhavam o dobro do salário dos trabalhadores agrícolas assalariados. As plantas também criaram 120 novos empregos em marketing que pagam um salário anual médio de US\$1.582.

Além disso, como os produtores de queijo pagam um pouco mais por litro de leite que a firma Glória S.A., aproximadamente 800 famílias de pequenos produtores de leite aumentaram sua renda anual em US\$356. As pequenas empresas foram revitalizadas mediante o aumento das vendas de produtos alimentícios e a venda de queijo e iogurte. O uso

A experiência produziu um núcleo de microempresários e pequenos empresários dispostos a reinvestir localmente seus fundos excedentes, fator principal da economia mais vigorosa da zona.

dos resíduos da indústria de laticínios (soro) levou à promoção da criação de gado porcino para o mercado, atividade que beneficia cerca de 100 famílias. Por último, a experiência produziu um núcleo de microempresários e pequenos empresários dispostos a reinvestir localmente seus fundos excedentes, fator principal da economia mais vigorosa da zona.

Novos desafios

A proliferação de microempresas dedicadas à produção de queijo tem aumentado os desafios que se tem de enfrentar. Um deles é a crescente dependência das plantas de maior porte de um único agente de vendas. Outro é o controle da maioria dos mercados de Arequipa por parte de dois ou três agentes de vendas que começaram com a venda de pequenas quantidades de queijo produzido nas primeiras plantas e agora estão em situação de impor preços e condições muito desfavoráveis aos microempresários. Dado o rápido crescimento da indústria de produção de queijo, a saturação do mercado também se transformou em um problema, especialmente em Arequipa, reduzindo ainda mais os preços bem como as possi-

bilidades de desenvolvimento adicional da indústria. A este respeito, graças à melhoria da qualidade do produto, à organização das microempresas em grandes entidades produtoras, como Mozzarellas Arequipa e Laive, e mediante sua presença em feiras realizadas em Lima, a atual participação de CEDER tem por objetivo criar um sistema de comercialização mais favorável para o microempresário e abrir mercados novos e mais produtivos.

Alipio Montes Urday é diretor do CEDER.

Lições tiradas do projeto do CEDER

- O uso de infra-estrutura e processos apropriados ao contexto local ambiental e socioeconômico facilita a duplicação do projeto.
- O desenvolvimento técnico de recursos humanos é essencial para criar um bom produto.
- Os benefícios do projeto devem estar claros para que as partes interessadas o apoiem sem reservas.
- Os microempresários comprometem-se com mais firmeza quando investem os próprios recursos financeiros no projeto; as subvenções devem custear unicamente as despesas que o pequeno produtor simplesmente não pode pagar.
- Para assegurar o êxito é imprescindível que os microempresários recebam apoio durante o processo de estabelecimento de seus produtos no mercado.
- O individualismo e interesses pessoais de pequenos produtores podem impedir a participação de sua organização na operação de maior alcance que se necessita a fim de produzir e comercializar queijo para um consumo mais elevado de valor agregado superior.

O preço da preservação florestal e dos pastos do altiplano

de Roberto Yaguache O.

Fotografias: Cortesia da CEDERENA

A conservação tem um preço que vale a pena pagar.

Pimampiro, Imbabura, é um cantão equatoriano rico em muitos recursos naturais mas cuja população urbana recebe serviço de água só quatro horas por dia. Para solucionar este problema, a Asociación Nueva América, o município de Pimampiro e a Corporación Ecológica para el Desarrollo de los Recursos Naturales Renovables (CEDERENA) fizeram uma experiência que consistiu em promover a conservação florestal e dos pastos do altiplano, onde têm origem importantes fontes de água, mediante incentivos financeiros às famílias proprietárias. Baseando-se em um conceito relativamente novo para o Equador—o pagamento de serviços ambientais—essa experiência fez parte de um projeto destinado a manter a quantidade e a qualidade da água iniciado em agosto de 1999 com o apoio financeiro da Fundação Interamericana.

As 27 famílias que compõem a Asociación Nueva América são proprietárias coletivamente de 638 hectares, dos quais mais de 550 estão classificados como pastos do altiplano e áreas florestais a uma altitude compreendida entre 2.800 e 3.700 metros acima do nível do mar, ao pé dos Andes orientais, a uns 30 quilômetros ao sudeste da cidade de Pimampiro. Grande parte do restante da terra é dedicada à agricultura e à pecuária; alguns hectares do terreno estão degradados. Os ecossistemas das áreas florestais e dos pastos do altiplano da Asociación Nueva América sempre estiveram sob a ameaça constante de uma crescente pressão das atividades agrícolas e pecuárias que os proprietários, em sua luta por conseguir melhores condições de vida, consideram o único uso proveitoso que podem dar à sua terra.

Em janeiro de 2001, foi redigido e aprovado o decreto municipal de Pimampiro que prevê um “fundo para custear serviços ambientais de proteção e preservação de áreas florestais e de pastos do altiplano para regulamentação da água”. Em conformidade com este decreto, 1.331 famílias que utilizam a água potável da cidade devem pagar uma taxa de 20% adicional pela água que consomem. As famílias que utilizam os recursos hídricos estão dispostas a

fazê-lo com a finalidade de preservar a bacia hidro-lógica, vital para a economia local. Essa taxa serve para financiar um fundo de serviços ambientais com o qual são indenizados os proprietários dos pastos do altiplano e das áreas florestais, fonte de 60 litros de água por segundo para consumo humano e irrigação. O valor da indenização baseia-se na classificação dos hectares que possuem. A taxa de indenização pelas áreas florestais e pastos virgens é a mais elevada; pela terra lavrada, dedicada ao pasto ou degradada não se paga nada. É óbvio o benefício que representa para os proprietários manter seus hectares de terreno em um estado prístino.

O município assinou um acordo com cada um dos proprietários, mediante o qual se estabelece um pagamento trimestral e são especificadas as responsabilidades dos proprietários no tocante à conservação. De setembro a dezembro de 2001, as cotas cobradas elevaram-se a US\$1.300, mas se pode razoavelmente esperar que excedam o desembolso anual feito a 20 famílias da Asociación Nueva América, o qual atual-



Fruta produzida sem invadir o bosque.

O treinamento é indispensável para manter o abastecimento de água e evitar a erosão e a desertificação.

mente é da ordem de US\$4.271. Portanto, o fundo parece economicamente sustentável e, à medida que se acumula o saldo, o pagamento poderá aumentar.

Entre os fatores essenciais que contribuíram para o êxito da experiência da Asociación Nueva América figuram os seguintes: o desejo das famílias camponesas de participar deste processo inovador; a decisão política do município de Pimampiro orientada ao fortalecimento da gestão ambiental do cantão mediante dois decretos que estabelecem a Unidade de Meio Ambiente e Turismo e o fundo para custear os serviços ambientais; e o sólido apoio da CEDERENA e do projeto Desenvolvimento Florestal Comunitário, que prestaram assistência técnica básica ao longo de todo o processo.

Seria necessário encontrar outras fontes de financiamento para se estender a proposta a outras áreas florestais. A importância que se paga pelas diversas categorias de terra foi estabelecida com a comunidade. Não se baseia em critérios muito científicos, mas foi iniciado um estudo para determinar o valor da água no canal de irrigação de Pimampiro, a fim de formular uma proposta metodológica. Neste ponto, deveria lançar-se uma campanha de educação ambiental destinada a familiarizar os residentes da cidade com o que está acontecendo entre a população urbana e as famílias proprietárias das terras florestais.

O processo que se está desenvolvendo em Pimampiro é experimental e não está isento de erros. Não se oferece seu exemplo como uma fórmula, mas como um primeiro passo pioneiro no caminho para



O cultivo eficiente da borda do bosque deixa seu interior intacto.



Sem prejudicar o ecossistema, as famílias proprietárias recolhem plantas medicinais em lugares afastados do bosque.

a conservação florestal no Equador. Esta duplicação requereria o apoio de diversas autoridades públicas e privadas. Cada município tem suas próprias características humanas e biofísicas que podem contribuir com o valor agregado a seus recursos naturais. A descentralização permitirá aos interessados adotar políticas e decretos apropriados e adaptar sua experiência a seu contexto particular.

Roberto Yaguache O. é agrônomo e representante de CEDERENA em Imbabura, Equador.

O desafio da sustentabilidade

de Edward Hoyt

Um estudo de 27 organizações patrocinadas pela IAF esclarece os requisitos da sustentabilidade.

Colocação de San Martín no mapa

“Agora existimos. Estamos no mapa”, disse Don Anacris, Prefeito de San Martín de León Cortés, uma comunidade situada nas alturas das montanhas da região meridional da Costa Rica. Na realidade, os seus compatriotas indicaram com orgulho que preferiam permanecer em San Martín do que mudar-se a outro lugar em busca de trabalho. A julgar pelas casas cômodas e cuidadosamente mantidas, número de veículos que transitam pelas ruas asfaltadas e o sistema de iluminação pública, San Martín é obviamente um lugar agradável de se morar. Por tradição, quase todos os moradores trabalham sempre em propriedades agrícolas vizinhas, em São José e em cafezais de lugares longínquos, posto que o café cultivado localmente não pode concorrer com a produção de outras zonas. No entanto, os baixos preços internacionais da década de 1990 reduziram ainda mais as oportunidades de trabalho fora da região e obrigaram os moradores de San Martín e de outros lugares a procurar alternativas.

Por ironia, a base da atualmente sólida economia de San Martín sempre esteve aí. As amoras que saem de San Martín para embalagem e remessa diária aos Estados Unidos, Canadá e Europa, sempre passaram pelas estradas e vias que atravessam a cordilheira em cujas alturas se situa o povoado. Mas os povoadores nunca pensaram que as amoras, que crescem sem fertilizantes e não precisam de cultivo extenso, poderiam proporcionar algo mais além de um pouco de dinheiro adicional proveniente das vendas nos mercados dos camponeses. Agora, uma família pode ganhar tanto dinheiro com a venda de amoras como o gerado por outras fontes.

A idéia da Asociación de Productores/Exportadores de Mora y Frutales de Altura (APROCAM) ocorreu a Bernardo Rojas durante uma visita de estudo aos Estados Unidos patrocinada pela USAID em 1988. “Ao ver uma cestinha de pouco menos de 250 gramas (meia libra) de amoras do Chile com um preço de venda de US\$1,50 nos supermercados de Washington, D.C., percebi que

RESULTADOS RESUMIDOS DO ESTUDO DE SUSTENTABILIDADE

Sustentabilidade por tipo de organização

	Sustentável		Não-sustentável		Total
	Forte	Débil	Latente	Extinta	
Produção	2	1	1	0	4
Microcrédito	4	0	0	0	4
Serviços	3	3	0	0	6
Produção/ Microcrédito	3	0	0	0	3
Produção/ Serviços	2	1	0	1	4
Microcrédito/Serviços	3	1	0	0	4
Produção/ Microcrédito/Serviços	0	0	1	0	1
Totais*	17	6	2	1	26

Fonte: Hoyt, E. *Sustainability of Grassroots Development Organizations and Projects in Latin America*

*No estudo, duas organizações foram agrupadas em uma, o que explica o total de 26.

podíamos fazer o mesmo com as amoras das montanhas de minha terra natal”, disse Rojas, agrônomo e Presidente da APROCAM.

Avaliação da sustentabilidade

A história da forma como as amoras chegaram da Costa Rica à mesa dos consumidores dos Estados Unidos e europeus e de seu emprego em uma popular linha de bebidas de frutas na Costa Rica tem origem definitivamente na sustentabilidade das organizações de desenvolvimento de base, nos projetos pertinentes e nas comunidades a que ajudam. Como mostra um recente estudo patrocinado pela IAF, a sustentabilidade significa continuidade e para isso é preciso que as organizações acumulem capital financeiro, social e até mesmo ambiental. Conseguir crescer em cada um desses campos é vital para assegurar que uma organização e suas comunidades beneficiárias possam fazer frente a mercados flutuantes, fontes diversificadas de financiamento, rodízio do pessoal de direção, conflitos internos, incerteza política e outras dificuldades imprevisíveis. Os projetos eficazes podem proporcionar aos beneficiários o capital econômico e social necessário para conseguir sustentabilidade por si mesmos. Inevitavelmente, as circunstâncias que levaram a criar a organização mudam e, quando chegar o momento, esta última poderá adaptar a sua missão ou até mesmo fechar as portas.

Há pouco tempo a IAF encarregou a Econergy International Corporation de procurar 27 donatários em três países e averiguar o que tinha acontecido uma vez expirados os respectivos convênios de financiamento. As organizações selecionadas pela IAF nas zonas rurais e urbanas do Brasil, da Costa Rica e do México ofereceram uma amostra representativa de serviços sociais produtivos e projetos de microcrédito em várias etapas de desenvolvimento. Os projetos produtivos incluíram atividades dedicadas à fabricação, ao processamento ou à elaboração de bens, matéria-prima ou produtos básicos, como tapetes, fibra de sisal, materiais reciclados ou café. Os serviços sociais abrangem orientação, grupos

de apoio e atividades educacionais realizadas com a finalidade de combater os efeitos dos padrões de comportamento destrutivo (como maus tratos à esposa ou aos filhos) e de permitir que as pessoas recuperem a sua vida e se transformem em membros produtivos da sociedade. Os projetos de microcrédito incluem a concessão de pequenos empréstimos para facilitar o investimento na capacidade produtiva por



Em San Martín, Costa Rica, a APROCAM produz amoras para exportação.

DANIEL CIMBA

parte das pessoas e comunidades carentes de acesso ao financiamento bancário. Com frequência, uma organização podia participar de um projeto de propósito múltiplo com atividades de mais de um tipo. Os projetos foram implementados durante mais de um decênio; seis doações foram programadas para terminar em 2002, outras seis já tinham terminado há cinco anos ou mais e o restante terminou de 1996 a 2001.

A equipe da Econergy observou que as organizações mostravam sustentabilidade em um de dois níveis: sustentabilidade forte, caracterizada por suficiente acumulação de capital financeiro, social e ambiental para assegurar a continuação sem mudança desfavorável significativa durante um ano; ou sustentabilidade débil, nos casos em que a continuação no ano seguinte permanece uma interrogativa. Às vezes, uma organização deixa de funcionar porque está latente ou extinta, mas os projetos subjacentes continuam a beneficiar a comunidade. A equipe da Econergy observou que havia participantes em

cada uma das 27 organizações e que, com exceção de quatro, todas ainda trabalhavam ativamente. Das quatro, somente uma estava realmente extinta. Com base nas entrevistas, visitas aos locais pertinentes e análise de documentos, a Econergy atribuiu a 17 organizações a qualificação de sustentabilidade forte.

Os questionários, sessões de grupos de enfoque e entrevistas também mostraram uma distinção entre a sustentabilidade forte e a débil no grupo de beneficiários. Nas 26 avaliações (duas organizações foram consideradas como uma) observou-se que os beneficiários diretos dos programas eram pessoas particulares em 22 casos e organizações em 4 casos. A equipe pôde avaliar a situação dos beneficiários (tanto organizações como pessoas particulares) em todos os casos, exceto em dois, devido a limitações na coleta de dados. Além disso, são incentivos os resultados deste aspecto do trabalho de campo. Aparentemente, a sustentabilidade das comunidades ou das organizações beneficiárias se viu ameaçada (por ter-se classificado como débil) somente em seis casos.

Os atributos de sustentabilidade observados incluíram liderança firme, administração acertada, apoio comunitário, estratégias de diversificação das fontes de financiamento ou de receitas, proteção contra a volatilidade dos preços, resposta à concorrência, prevenção de atos de deserção do projeto e administração de questões políticas e culturais. Os relatos existentes em todas as organizações proporcionaram exemplos do modus operandi da IAF como fonte de capital de risco para a formação de capital social, centrando as suas apostas em idéias promissoras e na visão de empresários sociais dedicados de toda a América Latina—com resultados interessantes. No meio econômico interno cada vez mais competitivo da América Latina e da economia mundial de ritmo acelerado, a sustentabilidade das organizações apoiadas pela IAF e de outros doadores dependerá da incorporação bem-sucedida desses atributos.

Muitos dos mesmos atributos são aplicáveis às pessoas. Quando a sustentabilidade dos beneficiários se viu ameaçada, as dificuldades nos campos de promoção da comunicação e do diálogo, diversificação da renda familiar, solução do conflito político ou fortalecimento da capacidade da comunidade têm impedido o desenvolvimento. Nos casos em que tanto os beneficiários como a organização têm registrado uma sustentabilidade forte, os esforços de investimento na capacidade produtiva e administrativa das comunidades foram críticos.

O mercado como fonte de aprendizagem

No início, a APROCAM encontrou enormes obstáculos. Com pouca experiência em comércio

internacional, poucos contatos e uma infra-estrutura limitada para efeitos de transporte, embalagem e refrigeração das amoras para envio, a empresa da APROCAM parecia estar destinada ao fracasso, não somente por preocupações dos compradores pela qualidade, pontualidade e confiabilidade, mas também pela concorrência. Não obstante, em 1993, recebeu uma doação de US\$228.000 da IAF para compra de equipamento, treinamento e capital de giro a fim de atender a certas necessidades, tais como aluguel de caminhões mais modernos. A APROCAM precisava de apoio para custear as despesas de transporte que eram um obstáculo para melhorar a entrega com a finalidade de agilizá-la e de evitar o dano da fruta. A melhoria do sistema de entrega ajudou a apoiar o aumento das vendas da APROCAM e esta pôde atrair mais apoio internacional para sustentar a expansão e ajudar as comunidades a financiar a sua infra-estrutura de produção. Hoje em dia, 12 comunidades têm os próprios centros de coleta, onde se inspeciona, lava e embala a fruta antes de refrigerá-la para o envio. O modelo de organização da APROCAM tem delegado às comunidades a responsabilidade da qualidade, pontualidade e confiabilidade. Os moradores têm triunfado, embora Rojas tenha indicado que foi preciso tempo para que a insistência da APROCAM nos procedimentos de higiene e controle da qualidade produziu resultado.

Os projetos e beneficiários duram mais que as organizações

Em muitos casos, as novas organizações ficam expostas a condições macroeconômicas cambiantes, baixas de preços e dificuldades políticas à medida que crescem. As que estão equipadas para fazer frente a estas e a outras dificuldades têm mais probabilidades de demonstrar uma sustentabilidade forte no longo prazo. Outras podem passar de uma sustentabilidade forte a uma débil e decair mais ou recuperar-se. Os Servicios de Educación de Adultos A.C. (SEDAC) e a Unión de Comunidades del Valle A.C. (COVAC), formada posteriormente, oferecem um exemplo da forma em que podem decair as organizações. A COVAC alcançou êxito nas comunidades indígenas de baixa renda do Estado de Hidalgo no México. A assistência prestada pela IAF aos SEDAC e posteriormente à COVAC por mais de 10 anos a partir de 1987 custou um total de US\$425.000 e ajudou a apoiar uma série de empresas produtivas e de microcrédito, incluindo um programa de produção pecuária, um programa de construção de habitações e de empréstimo pertinente e outras atividades.

A queda do peso ocorrida em dezembro de 1994 desencadeou uma crise financeira no programa de empréstimos hipotecários da COVAC em 1995 e deu

lugar a uma luta pela direção. No início de 1996 isso provocou a queda de Salvador García, fundador dos SEDAC e formulador de diversos programas da COVAC. Uma facção dissidente dentro da COVAC pediu um embargo dos pagamentos feitos pelos beneficiários de um programa de empréstimo hipotecário, confiscou os ativos da COVAC e até ameaçou a vida de García, de sua esposa e de uma colaboradora (Oralia). Em meados de 2002, nem os SEDAC nem a COVAC tinham pessoal de dedicação exclusiva e o orçamento elevava-se a apenas a um total de US\$15.000 proporcionados por um organismo governamental para cursos sobre questões relativas às culturas indígenas. Apesar do acusado enfraquecimento, fica o legado do trabalho de García em Ixmiquilpán realizado com uma visão do futuro. Juan González, secretário da COVAC e dissidente na crise de 1995-1996, afirmou que gostaria de ver a COVAC recuperar parte de sua antiga glória “porque fez muito bem à comunidade, mas muito mais resta a ser feito”.

Houve experiência semelhante no coração do Estado de Mato Grosso no Brasil. Na reserva xavante de Pimentel Barbosa, zona especialmente destinada a residentes do povo indígena xavante desse Estado, a capa florestal de matas autóctones sofreu devido à transformação indiscriminada da terra para exploração agrícola e pecuária. No decênio de 1970, um grupo de pecuaristas brancos invadiu as terras reservadas para o povo xavante. Com o tempo, os guerreiros da tribo expulsaram os pecuaristas, mas não sem dano considerável aos 330.000 hectares da reserva de Pimentel Barbosa. Nos anos seguintes, os povoadores próximos às zonas desmatadas notaram uma diminuição das espécies de vida silvestre que tradicionalmente caçavam. Na década de 1990, a IAF, em trabalho conjunto com o escritório brasileiro do Fundo Mundial para a Natureza, apoiou a Associação Xavante de Pimentel Barbosa com US\$175.000 para restaurar as zonas desmatadas e melhorar a capacidade de caça e coleta que o povo xavante pratica há séculos. Outro componente do projeto incluiu a produção de fruta seca colhida do bosque para a venda nos mercados locais e nacionais. Em um prazo de sete anos, as zonas reflorestadas têm crescido muito e a mata voltou a tecer o tapete inconsútil que outrora cobria toda a região. Segundo Supitó Xavante, o jovem dirigente do povoado de Pimentel Barbosa, o qual, com uma população de 500 habitantes, é a maior na reserva que conta com cerca de 1.500, os resultados são evidentes. “Há mais fruta e mais animais de caça”, afirmou Supitó em perfeito português, “e o povo xavante ganhou o respeito dos vaqueiros de Água Boa [a cidade mais próxima de maior importância]”. Não obstante, a idéia de vender fruta seca, “embora fosse boa, era prematura”. Esse aspecto

do projeto foi posto de lado depois de apenas alguns meses e deixou uma lição sobre a eficácia da visão panorâmica e a necessidade de comunicação. Depois de algumas remessas de frutas aos mercados, muitos moradores perderam interesse porque a falta de informação indicou que o esforço tinha fracassado.

Gestão de um ambiente em processo de mudança

Nos casos da COVAC e da Associação Xavante, a decadência de organizações bem estabelecidas foi desencadeada por fatores que incluíram transição das instâncias diretivas, gestão débil, comunicação deficiente, falta de apoio comunitário, concorrência e redução da renda. A medida segundo a qual as organizações introduziram mecanismos de mitigação influenciou a sua sustentabilidade.

Nas organizações que apresentam sustentabilidade forte, a diversificação do financiamento foi uma estratégia importante. A APROCAM deixou de concentrar-se nos mercados internacionais, onde há uma comprovada demanda, para concentrar-se no fortalecimento das vendas no mercado interno, onde tradicionalmente não havia amoras. A Associação também tem procurado a forma de aproveitar a fruta que carece de qualidade de exportação. Por meio de parcerias com grandes companhias, a APROCAM tem encontrado um mercado para um maior volume de fruta como matéria-prima para a fabricação de suco. Esta diversidade de vendas coloca a APROCAM em posição de resistir às flutuações da demanda e dos preços e às restrições causadas à importação por problemas de qualidade ou ainda de higiene. A impossibilidade de assegurar uma qualidade uniforme no que diz respeito a este último critério poderia ter conseqüências desastrosas. Rojas citou o exemplo da fruta guatemalteca que não tinha passado a inspeção fitossanitária, o que provocou a proibição da sua venda nos mercados dos Estados Unidos por muitos anos e causou um enorme prejuízo econômico.

A diversificação é um imperativo para qualquer organização de desenvolvimento rural que dependa de um único produto, uma vez que os preços baixos podem ser desastrosos. Os benefícios da diversificação e a dificuldade que cria em certos meios são especialmente claros no caso da Cooperativa de Caficultores de Tilarán, R.L. (COOPETILA), de Guanacaste, Costa Rica. Apesar do êxito de um projeto para diversificar a produção da Cooperativa com nozes de macadame para exportação, financiado com US\$50.000 da IAF de 1994 a 1997, a situação financeira da organização tem deteriorado. Segundo os membros da junta de COOPETILA, o problema tem sido uma administração débil desde 1997,

somada à impossibilidade de compensar com o projeto de exportação de nozes de macadame as perdas contínuas causadas pelas exportações de café.

No Brasil o Instituto Brasileiro de Análise Sociais e Econômicas (IBASE) recebeu US\$550.000 por um período de sete anos a partir de 1991 para a realização de diversos projetos, inclusive microcrédito e atividades de organização de executivos do setor público brasileiro para promover iniciativas de desenvolvimento comunitário. A transição das instâncias diretivas foi uma das principais dificuldades que enfrentou o IBASE em matéria de sustentabilidade. Herbert de Souza, o carismático fundador do IBASE, identificou-se muito com a organização. Esta poderia sobreviver ao seu desaparecimento? O IBASE viu-se forçado a responder a esta pergunta quando Hebert de Souza revelou em 1997 que tinha uma doença terminal.

Herbert de Souza preparou o IBASE para uma ordenada transição nos meses anteriores à sua morte. Cândido Grzybowski, seu sucessor, dirigiu um processo de “remarcação” que transformou a organização na contínua personificação da imagem, dos ideais e da visão de Herbert de Souza. O IBASE também tomou medidas de redução de seu próprio tamanho e de diversificação das fontes de receitas. Vendeu duas empresas produtivas; diversificou as suas fontes de apoio institucional com um programa de afiliação para coletar doações públicas; fortaleceu as suas atividades de estabelecimento de honorários por serviços; e ampliou a sua base de entidades governamentais e sociedades de financiamento interno e o acesso ao crédito. Como consequência, a cooperação internacional como proporção das receitas totais sofreu redução no período de 1997 a 2000, embora, ao situar-se atualmente em 40%, ainda seja importante. Essas atividades são cada vez mais importantes para os doadores internacionais preocupados pela dependência.

Os donatários sabem que os fundos doados pela IAF são concedidos por um período determinado. Por exemplo, no caso do Centro de Apoyo al Movimiento Popular de Oaxaca AC (CAMPO), a perspectiva da terminação do apoio da IAF “tem sido boa para nós porque [nos] tem forçado a procurar a forma de gerar receitas”, afirmou Eduardo Torres, presidente do CAMPO. Embora o CAMPO tenha feito sempre algum trabalho na base de honorários por serviços, desde 2000 vem incentivando as rendas não provenientes de doações mediante o estabelecimento de explorações caprinas para produção de carne, leite e couros e projetos de produção de adubo com a técnica de lombricultura tendo como fonte minhocas e adubo orgânico, disse César Moraes, Diretor de Desenvolvimento Sustentável do CAMPO.

O desafio do mercado mundial

A urgente necessidade de eficaz administração das empresas beneficiárias, em contraposição às organizações donatárias, tem sido o ponto de enfoque das atividades realizadas pela Asesoría Técnica de Comunidades Oaxaqueñas A.C. (ASETECO), pertencente a um grupo de várias entidades apoiadas pela IAF que têm trabalhado com as comunidades rurais em Oaxaca, um dos estados mais pobres do México. Sob a direção de Rodolfo López, a ASETECO tem desempenhado uma importante função no estabelecimento e na profissionalização da gestão nas empresas florestais comunitárias (EFCs), negócios de propriedade coletiva das comunidades para gerenciar o trabalho de corte de árvores, elaboração de madeira e comercialização dos recursos florestais dos seus terrenos.

As EFCs são companhias diversificadas. Entre os seus negócios concentrados em produtos florestais básicos figuram serragem, fornos de secagem e móveis. Outras divisões elaboram produtos florestais não-madereiros aproveitados de uma forma sustentável, como água de fonte engarrafada e cogumelos, e até prestam serviços de ecoturismo ou organizam viagens arriscadas. Em um estudo realizado pela ASETECO em 1998 observou-se que 33 comunidades da associação de empresas florestais comunitárias declararam lucros de US\$1,8 milhão, que produziram uma renda proveniente de dividendos de US\$130 per capita além da renda dos empregos gerados pelas EFCs e do desenvolvimento da infraestrutura que financiam.

Desde 1989 a ASETECO tem servido como uma espécie de organização de consultoria em administração para as EFCs e para outras empresas. As doações da IAF no início da década de 1990 foram indispensáveis para estabelecer a base das atividades da ASETECO com as EFCs. Entre outras realizações, a ASETECO ajudou a formar a associação de EFCs que promoveu com êxito o reembolso de certos impostos federais às EFCs que financiavam em suas comunidades o mesmo tipo de obras públicas aparentemente custeadas com o dinheiro arrecadado dos impostos. Uma segunda doação da IAF de US\$356.000, de 1997 a 2000, apoiou o trabalho contínuo da ASETECO em outros assuntos relacionados com o setor florestal e ajudou as empresas em campos diversos do setor de produtos florestais, por exemplo, uma cooperativa para produção de chocolate.

À medida que o setor de produtos florestais no México e em outros importantes mercados de exportação adquirem cada vez mais competitividade, as EFC necessitam de toda a assistência que possam conseguir para melhorar a eficiência, desenvolver



MARCELO DE OLIVEIRA

Herbert de Souza, o legendário dirigente do IBASE, afetosamente conhecido em todo o Brasil como Betinho, planejou uma transição ordenada ao interar-se de sua doença terminal.

mercados e aumentar o valor agregado. No entanto, a dificuldade para as comunidades está em equilibrar a necessidade de administração profissional com a idéia profundamente arraigada de que se deveria dar aos moradores fisicamente aptos a oportunidade de ter emprego nas empresas comunitárias. Embora este sistema de “rodízio” tenha aumentado a necessidade de treinamento proporcionada pela ASETECO e outras organizações, também tem prejudicado o rendimento das EFCs. Como o apoio dos doadores começa a esgotar-se, as EFCs se têm mostrado cada vez mais renitentes em pagar o custo completo dos serviços da ASETECO. Como consequência, as empresas até agora rentáveis têm menos possibilidades de receber o apoio necessário, dado o seu sistema de administração, para enfrentar a concorrência cada vez mais forte dos produtores estrangeiros. A sustentabilidade da ASETECO se tem debilitado juntamente com a das EFCs.

A análise de um pequeno segmento da carteira de projetos da IAF realizada pela Eenergy mostra resultados favoráveis em matéria de sustentabilidade das organizações e ainda mais favoráveis no que diz

respeito à comunidade. Os resultados da pesquisa destacam a importância da administração eficaz, da diversificação de receitas e da participação da comunidade na execução dos projetos. No futuro, a globalização apresentará grandes dificuldades para as comunidades em que trabalham as organizações apoiadas pela IAF e, ao mesmo tempo, oferecerá oportunidades. As organizações bem equipadas para navegar nas águas turbulentas e propensas à mudança rápida do meio ambiente mundial e atrair mais recursos de doações e de outra natureza para fortalecer a sua capacidade e base de capital continuarão funcionando por muito tempo.

Edward Hoyt é vice-presidente de Eenergy International Corporation, firma consultora de Washington, D.C. especializada em assuntos de desenvolvimento, energia e meio ambiente.

A Alianza aborda o tema da pobreza na fronteira

“Como um dos nove membros fundadores da Alianza Fronteriza de Filantropía México-Estados Unidos, a Fundação Interamericana espera que os protagonistas locais, regionais e nacionais intensifiquem seus esforços no sentido de eliminar a pobreza e apoiar as fundações comunitárias ao longo da fronteira”, afirmou David Valenzuela a respeito da nova coalizão de financiamento criada no início de 2002.

A *Alianza* é formada pelas Fundações Anie E. Casei, Ford, Gonzalo Rio-Arronte, William and Flora Hewlett, Meadows and Mott, Fundação de Beneficência McCune e Houston Endowment, bem como por 20 fundações comunitárias de ambos os lados da fronteira. O Instituto Synergos foi contratado como parceiro administrativo da iniciativa.

A fim de melhorar a qualidade de vida das comunidades fronteiriças desfavorecidas, a Associação promove e fortalece a liderança institucional, os programas de doações e a constituição de recursos institucionais de seus membros fundadores comunitários locais, que ofereceram como contrapartida do compromisso de US\$10 milhões da coalizão um montante análogo proveniente de seus próprios recursos. A Associação já canalizou aproximadamente um terço de seu financiamento por meio de doações diretas para períodos trienais. Sua meta: basear as atividades de desenvolvimento na participação local, constituir capital social e incentivar a cooperação transfronteiriça.

“Esta associação é um acontecimento histórico”, afirmou Enrique Suárez, da Fundación Comunitaria de la Frontera Norte em Ciudad Juárez (do outro lado de El Paso, Texas), associação membro e donatária da IAF. “Dois países diversos unem forças para atender às necessidades vitais comuns mediante uma rede filantrópica. O México e os Estados Unidos assumem uma responsabilidade compartilhada”. Além da Fundación Comunitaria de la Frontera Norte em Ciudad Juárez, outras seis fundações mexicanas são membros da Associação: Fundación Comunitaria Matamoros, Fundación Comunitaria Tecate, Fundación del Empresariado Chihuahuense-Juárez, Fundación del Empresariado Chihuahuense-Ojinaga, Fundación del Empresariado Sonorense-Nogales (limítrofe com Arizona) e Fundación Internacional de la Comunidad (em Baja California).

Três delas implementaram projetos com apoio da IAF. A Fundación Comunitaria de la Frontera Norte utiliza os US\$315.000 provenientes de uma doação da IAF e US\$1.072.100 de seus próprios recursos para apoiar projetos de desenvolvimento formulados e administrados por grupos e ONGs da comunidade. Mediante uma doação da IAF de US\$372.500 e US\$631.090 por conta de seus próprios recursos, a Fundación del Empresariado Sonorense apóia dois projetos administrados por ONGs locais em Hermosillo e Nogales e realiza programas ampliados de arrecadação de fundos. A Fundação do Empresariado Chihuahuense destinou a doação de US\$272.514 recebida da IAF e US\$574.147 de seus próprios recursos a um programa de crédito para microempresas —85% das quais são propriedades de mulheres—em todo o estado de Chihuahua.

Entre as participantes do lado da fronteira dos Estados Unidos figuram a Fundación Comunitaria de Arizona, Fundación Comunitaria de Brownsville, Brush Country and South Texas Foundation/Laredo, Fundación Comunitaria de Cochise (sudeste do Arizona), Fundación Comunitaria de El Paso, Fundación Comunitaria de Nuevo México, Fundación de San Diego, Fundación Comunitaria de Santa Cruz (sudoeste do Arizona), Fundación Comunitaria del Valle de Texas, Border Women’s Development Fund e Fundación Comunitaria Yuma. Entre outras organizações radicadas nos Estados Unidos e pertencentes à Associação podem-se mencionar a Fundación Mascareñas (El Paso) e a Fundación Comunitaria Internacional (San Diego). Ambas concedem doações a comunidades mexicanas do outro lado da fronteira.

“A cooperação de organismos de financiamento internacionais, nacionais e regionais com fundações comunitárias locais permite abrigar grandes esperanças de que sejam elaborados e aplicados planos estratégicos que contribuam para conseguir transformações sistêmicas na região fronteiriça. Os recursos da Associação ajudarão a criar e estabelecer um acordo de colaboração de longo prazo entre organizações privadas e públicas, tanto ao longo da fronteira dos Estados Unidos e México como do outro lado”, indicou Estelle Wick, do Conselho Assessor da Fundación Comunitaria Cochise em Sierra Vista, Arizona.

Para maior informação, visite o site www.borderpartnership.org. — *Robert J. Sogge, representante principal da IAF para o México e o Caribe*

O Quadro de Desenvolvimento de Base da IAF chega até o Chifre da África

O uso do Quadro de Desenvolvimento de Base (QDB), instrumento da IAF para medir os resultados tangíveis e intangíveis de seu investimento, tornou-se generalizado e, mais recentemente, tem sido utilizado pela Oxfam Canadá na África. Raymond Genesse, da Oxfam Canadá, teve seu primeiro contato com o QDB em novembro de 1997 no Institute of Development Studies (IDS) de Brighton, Inglaterra. A caminho da Etiópia, Genesse visitou o IDS a fim de analisar a forma como poderia aperfeiçoar o programa bilateral de criação de capacidade (CBP) no Chifre da África promovendo novas relações entre os cidadãos, suas organizações e os governos.

O programa CBP da Oxfam inspira-se nos trabalhos de Goran Hyden, professor de Ciências Políticas da Universidade da Flórida e autor de *No Shortcuts to Progress* (O progresso sem atalhos) e de Michael Bratton, *Governance and Politics in Africa* (Governança e política na África). O conceito de domínio público cívico desenvolvido por Hyden esboça três eixos inter-relacionados: influência do cidadão, interações sociais e governos responsáveis e sensíveis aos problemas da cidadania. Quando estes interagem construtivamente, materializa-se o domínio público cívico. A Oxfam transformou cada eixo em um menu de aptidões e atitudes essenciais para atualizar o domínio público cívico.

Há cinco anos, quando foi lançado o programa CBP, o pessoal percebeu que os indicadores formulados para acompanhar o progresso do programa não estavam à altura de sua base teórica; daí a necessidade de fazer uma maior pesquisa no IDS. Uma análise cuidadosa do QDB permitiu observar que as suas percepções e perspectivas justificavam ampliar o conceito de Hyden e facilitar e monitorar sua aplicação no Chifre da África. Duas consultas ao Escritório de Avaliação da IAF permitiram tomar conhecimento da experiência e pesquisas realizadas pela IAF no tocante a medir a incipiente sociedade civil da América Latina. O QDB, produto de 30 anos de projetos de financiamento da IAF, está graficamente

configurado como um cone de três níveis que representa um âmbito do efeito que surte o desenvolvimento a partir da base: nas pessoas, nas organizações e na sociedade. Ao conectar os segmentos médio e superior do cone, *cultura/capacidade organizacional e ambiente normativo/de políticas da comunidade*, os três eixos de Hyden enriqueceram consideravelmente a metodologia do programa CBP. O pessoal do programa CBP selecionou e contextualizou 15 dos 45 indicadores da IAF a fim de monitorar seus seis resultados gerais e os resultados de cada um dos projetos com seus parceiros em todo o Chifre da África.

O QDB proporcionou uma plataforma para um diálogo mais bem informado e mais estruturado com os interessados da África e do Canadá, permitindo-lhes documentar com clareza os progressos

alcançados ou a falta de progresso. Indicadores como a mobilização de recursos locais, a adaptabilidade, as relações organizacionais e a influência legislativa foram uma grande revelação para muitas organizações da sociedade civil e

O QDB proporcionou uma plataforma para um diálogo mais bem informado e mais estruturado com os interessados da África e do Canadá.

incentivaram tanto um processo de aprendizado como mudanças de comportamento. Organizações de Djibouti, Etiópia, Somália e Sudão solicitaram fotocópias dos indicadores de resultados da IAF e incorporaram um certo número deles em processos de auto-avaliação. Algumas organizações locais, por exemplo, começaram a monitorar o resultado de suas atividades destinadas a mobilizar os recursos locais recorrendo ao indicador *sustentabilidade*.

A sinergia criada entre o conceito de domínio público cívico colocado por Hyden e o QDB formulado pela IAF se contextualizou em função da realidade do Chifre da África. Agora desperta interesse no trabalho de outras organizações internacionais de desenvolvimento como Care International e o Instituto Internacional de Reconstrução Rural. Para maior informação sobre o QDB, visite o site www.iaf.gov. —Raymond Genesse, gerente de programas de HOACBP, Oxfam Canadá; e Ephrem Tadesse, estudante de pós-graduação, ex funcionário da Oxfam Canadá, Addis Abeba.

Rede de promoção do desenvolvimento de base

A Rede de Fundações Empresariais das Américas foi lançada em 21 de setembro em Miami para aumentar a visibilidade do desenvolvimento de base e canalizar mais fundos aos projetos de desenvolvimento de auto-ajuda nas Américas. Com base nas diversas associações da IAF com fundações individuais no decorrer da última década, Walter Price, Diretor de Extensão Empresarial da IAF, tinha proposto o conceito um ano antes.

Na reunião de Miami estiveram representadas 27 fundações com anos de experiência em financiamento e acompanhamento de projetos de desenvolvimento de base: Fundación Arcor, Fundación Juan Minetti e Fundación Telefónica da Argentina; Fundação Acesita para o Desenvolvimento Social, Fundação Odebrecht, Fundação Otacílio Coser e GIFE do Brasil; Fundación Inti Raymi da Bolívia; Fundación Pehuén, Fundación Prehumana e Fundación Telefónica do Chile; Fundación Corona, Asociación Colombiana de Fundaciones Petroleras, Fundación Restrepo Barco, Fundación EPSA e Fundación Smurfit-Carton da Colômbia; la Fundación Esquel e Fundación LANN do Ecuador; CEMEFI, Fundación Coca-Cola, Fundación Dibujando un Mañana, Fundación Merced, Fundación Wal-Mart México e Industrias Peñoles do México; Levi Strauss Foundation e Avina Foundation dos Estados Unidos; Fundación ACAC do Uruguai e Fundación Polar da Venezuela.

Em sua primeira reunião, a Assembléia Geral elegeu uma comissão coordenadora de 11 membros, na qual a IAF atuou como observadora sem direito a voto. A CEMEFI exerce atualmente o mandato de um ano como secretaria e colabora com a Fundação ACAC no desenho de um local virtual; a Fundación Corona dirige um programa de treinamento para novos membros. Em virtude de seu convênio de cooperação com a IAF, a Fundación Juan Minetti está preparando um modelo de desenvolvimento de base e identificando as melhores práticas como parte de sua iniciativa de aprendizagem. Toda a rede espera adotar um sistema comum para medir os resultados do financiamento de base, o qual servirá de fundamento para avaliar o investimento filantrópico de seus membros em todas as Américas.

A IAF na conferência da CSR

Os participantes em projetos financiados pela IAF representaram quase uma quarta parte do grupo de peritos da Conferência das Américas sobre Responsabilidade Social Empresarial (CSR) realizada em Miami, Flórida, de 22 a 24 de setembro. O Banco Interamericano de Desenvolvimento, a Organização dos Estados Americanos e o Banco Mundial organizaram a conferência da qual participaram mais de 500 executivos de empresas, bem como representantes de ONGs, de fundações empresariais e do governo, inclusive 50 patrocinados pela IAF. Audra Jones, representante da IAF para a Argentina e a Venezuela, atuou como moderadora do grupo de peritos que apresentou os pontos mais destacados das iniciativas de colaboração empresarial da IAF:

- Vicente Fenoll, Diretor do FinComún, projeto de microcrédito na Cidade do México, e Santiago Mariscal, Gerente de Projetos do Grupo Bimbo, o terceiro produtor de pão mais importante do mundo, descreveram a associação que, entre outras coisas, permite aos agentes de empréstimos do FinComún ir nos caminhões



PAULA DURBIN

Fundación Minetti, fundada por uma empresa multinacional de produção de cimento de Córdoba, Argentina, participou da Conferência das Américas sobre Responsabilidade Social Empresarial e do lançamento da Rede de Fundações Empresariais. Entre outros projetos, esta parceira da IAF apóia as Estratégias Pedagógicas Inovadoras da Radio Sur para la Educación en la Escuela San José Obrero, onde Rodrigo Aguayo, acima, e Marcelo Fárias, acima à direita, ensaiam para uma transmissão ao vivo enquanto os seus companheiros aguardam sua vez. Para obter informações mais detalhadas sobre as atividades da Minetti, ver página 9.

de distribuição de pão para chegar a novos clientes nos bairros de baixa renda.

- Judith Morrison, representante da IAF para o Brasil e a Colômbia, e Ceres Lois Bertelli Gabardo, da Fundação O Boticário, ramo filantrópico de um gigante industrial brasileiro, informaram que esta empresa de cosméticos destina 1% de seus lucros brutos a projetos de desenvolvimento de base que incidem no meio ambiente da Amazônia.

- Andrea Schettini, da Fundação Minetti, fundada por uma empresa multinacional produtora de cimento, explicou suas subdoações a mais de 200 grupos comunitários de Córdoba, Argentina.



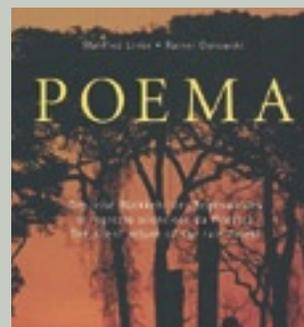
PAULA DURBIN

Entre os membros do grupo de peritos da conferência vinculados a projetos da IAF figuraram também Joachim Zahn, presidente de DaimlerChrysler do Brasil; Vicky Schreiber, da POEMA do Brasil; Jesús Moreno, presidente das Empresas Bon da República Dominicana; Evaydée Pérez, da Alianza ONG da República Dominicana; Richard Jones, da Community Tourism Foundation, de Barbados; Felipe Cajiga, do Centro Mexicano de Filantropia; Henry Day, da Peru 2021; Humberto Rada, da empresa de mineração boliviana Inti Raimi; Ralph Edmond, presidente da Farmatriz e da Socios Haitianos para el Desarrollo Cristiano; e Helio Mattar, presidente do Instituto Akatu e também filiado ao Instituto Ethos do Brasil. As apresentações podem ser consultadas no website www.csramericas.org.

Publicação da POEMA

Uma recepção de gala, realizada na Embaixada do Brasil em Washington, D.C. em 25 de outubro, marcou o lançamento de *The Silent Return of the Forest (O Retorno Silencioso da Floresta)*, da Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (POEMA), donatária da IAF. Situada no Pará, Brasil, a POEMA concentra-se em reduzir a pobreza mediante o uso racional da biodiversidade e dos recursos naturais. Com fotos de Manfred Linke e texto de Rainer Osnowski, o livro relata uma década de atividades da POEMA dedicada a promover o desenvolvimento sustentável na Amazônia, inclusive a colaboração-chave com a DaimlerChrysler. De 2000 a 2002, a Fundação Interamericana concedeu US\$262.208 à POEMA.

Uma contribuição adicional do donatário e de sua filial, a Universidade do Pará, ascendeu a um total de US\$186.000; a contribuição da DaimlerChrysler já ultrapassou US\$1 milhão em instalações, equipamento e fundos.



A relação da POEMA com o fabricante de automóveis começou com a decisão da DaimlerChrysler de utilizar material fabricado com fibra de coco na tapeçaria de seus automóveis. A POEMA treinou moradores locais em tecnologia, administração e comercialização, bem como em práticas agroflorestais inovadoras que permitiram mais do que quadruplicar a colheita de cocos por árvore. A POEMA também resolveu os desafios do transporte e os prazos de produção. Embora a DaimlerChrysler continue sendo um cliente primordial, a clientela da POEMA inclui agora a General Motors e a Honda e a empresa gerou 4.000 empregos. Para maior informação, consultar o website www.iaf.gov e selecionar a opção *grants* (doações), *corporate outreach* (extensão empresarial) e *case studies* (estudos de casos).

Preparação para uma carreira nas artes gráficas

A Riso, Inc., importante fabricante de sistemas de impressão, uniu-se à Fundação Interamericana e à Association Nationale des Scouts d'Haïti (Associação Nacional de Escoteiros do Haiti) em um programa inovador de formação profissional.

Agora, como parte do programa, os escoteiros de todo o Haiti estão aprendendo a manter e reparar o equipamento fabricado pela Riso. Isso complementa uma atividade educacional existente que já transformou a sede dos escoteiros de Port-au-Prince em uma gráfica profissional capaz de produzir e vender manuais dos escoteiros e textos de formação básica.

Uma doação da IAF de US\$100.300, concedida a esta associação em 2001, contribui para a instrução em energia solar e em informática, bem como em gráfica. A Riso tem complementado essa doação enviando ao Haiti instrutores especializados de seu centro empresarial de Miami. Para otimizar o benefício de trabalhar com os técnicos da Riso, a doação da

IAF também inclui o custo da interpretação do inglês ao *créole* para os cursos.

José Fernández, instrutor técnico da Riso procedente de Miami, passou duas semanas em Port-au-Prince em abril de 2002 ensinando os princípios básicos da eletrônica e da mecânica à classe inicial de nove jovens escoteiros de ambos os sexos. “O intenso desejo e a curiosidade dos estudantes ajudou a superar a barreira do idioma e a tornar esta atividade uma experiência docente muito positiva”, declarou Fernández. Depois de um período de estágio, os educandos são colocados em empresas que mantêm e reparam o equipamento de impressão de cinco cidades: Port-au-Prince, Port-au-Pais, Les Cayes, Cap-Haïtien, Gonaïves e Jacmel.

“A Riso considera que a sua participação nesta doação promove o seu interesse em proporcionar treinamento técnico integral e apoio na formação do pessoal técnico dos seus concessionários”, declarou Sonia Michel, da Riso. Ela indicou que os sistemas de imprensa da Riso produzem confiavelmente milhões de exemplares utilizando um desenho relativamente simples que os jovens escoteiros podem dominar com rapidez. Os produtos não geram emissões que prejudicam a capa de ozônio, emanções tóxicas, líquidos inflamáveis, nem luz ultravioleta, o que denota o firme compromisso da Riso com a preservação do meio ambiente e a educação. Cada impressora consome a mesma quantidade de eletricidade que uma luz elétrica ordinária de uma casa, o que representa uma vantagem no Haiti onde a energia elétrica é escassa e custosa.



CARLO DADE

Os escoteiros aprendem a manter e reparar impressoras de José Fernández, da Riso, Inc.



Padre sol, madre luna: Cuentos del desarrollo de base pluricultural

de Charles David Kleymeyer

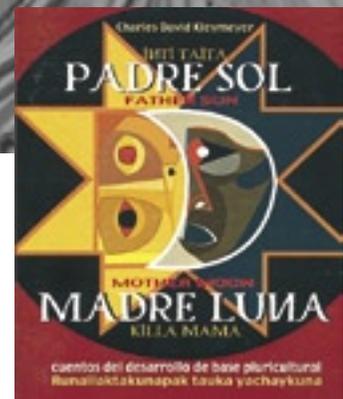
Quito, Ecuador: Abya Yala, 2000

Resenha de Olivia Cadaval

Escrever esta resenha é como manter uma longa conversa com Charles Kleymeyer, a quem conheço melhor como Chuck nos Estados Unidos e como Carlos David na América Latina. Nós nos conhecemos há anos em Washington, D.C. contando histórias nas reuniões de um grupo local de narradores. Mais tarde tive a oportunidade de conhecer Chuck melhor enquanto ele desempenhava o cargo de representante para o Equador na Fundação Interamericana (IAF). Na década de 1980, ele me convidou para participar de um Encontro, um intercâmbio de projetos culturais entre organizações de base da serra, da costa e da região amazônica do Equador, as três regiões que definem *Padre sol, madre luna*. O Encontro concentrou-se no conceito que mais tarde Chuck descreveria como “energia cultural” em seu livro de 1994 intitulado *La expresión*

cultural y el desarrollo de base: Casos de América Latina y el Caribe (A expressão cultural e o desenvolvimento de base: Casos da América Latina e do Caribe):

A energia cultural é uma força primordial que promove a ação social entre as pessoas, grupos, comunidades e até no país. As pessoas comuns a geram por meio da expressão criativa cotidiana, no trabalho e no “entretenimento”, atividades que muitas vezes coincidem. Também é galvanizada por meio da ação concertada de ativistas culturais que a utilizam conscientemente como uma ferramenta do desenvolvimento. Percebem que a presença ou ausência da energia cultural pode determinar se um projeto se inicia, se sustenta e se amplia. A energia cultural é uma força poderosa para a





PATRICK BRESLIN

criação e o fortalecimento da solidariedade do grupo, eficácia da organização, participação e espírito voluntário, todos estes elementos fundamentais de iniciativas eficazes de desenvolvimento de base.

A energia cultural, a que as “pessoas comuns geram por meio da expressão criativa cotidiana”, marcou a vida profissional de Chuck; além disso, foi a inspiração para um programa sobre a cultura e o desenvolvimento sustentável que organizamos em colaboração com Kevin Healey, seu colega da IAF, para o Festival Anual de Tradições Populares Americanas da Instituição Smithsonian em 1994, com a finalidade de comemorar os 25 anos de existência da IAF. Organizações de base latino-americanas participantes do evento mostraram as diversas

expressões de energia cultural que tinham sustentado seus projetos de desenvolvimento.

Em seu livro trilingüe *Padre sol, madre luna: Cuentos del desarrollo de base pluricultural* (Pai sol, mãe lua: Contos de desenvolvimento de base pluricultural), Chuck utiliza seu talento como narrador, sua formação em ciências sociais e a experiência adquirida como profissional na zona rural do Equador para oferecer ainda outra perspectiva da energia cultural. O pai sol e a mãe lua são personagens centrais na cosmologia andina cuja importância se pode apreciar na canção inicial desta homenagem trilingüe ao povo equatoriano e à sua paisagem cultural diversificada. O essencial deste pequeno tomo, que inclui adivinhações e poesia da tradição oral do Equador, é um conjunto de quatro contos que nos envolve nas vidas das pessoas com as quais o autor trabalhou e na herança colonialista que ambos enfrentaram com dignidade, humildade e determinação.

O primeiro e o terceiro conto narram as respectivas lutas de Anselmo Chumbi, um camponês andino e líder comunitário, e Marcelino Montañón, conhecido como El Toro, um pescador afro-equatoriano. A história sobre a vida familiar de Chumbi e a reforma agrária desenvolve-se no ambiente severo da serra e no contexto dos conflitos classistas que ameaçam a estrutura social da região rural do Equador. A história de El Toro se desenvolve na costa tropical em um contexto de exploração comercial. Os detalhes sobre os estilos de vida regional e tradições conferem a cada narrativa uma energia cultural que, como explica o autor, “ajuda as pessoas a encontrar dentro de si mesmas uma reserva de força e resolução anteriormente submersa, a qual desperta a imaginação e uma ânsia de transformar a vida, bem como reforça a sua confiança e coragem para fazer frente aos desafios que surgem”.

No segundo conto, Carlos David é o protagonista. Como representante da IAF, deve falar perante uma cooperativa agrícola que acaba de receber uma doação para cultivar a terra de uma fazenda expropriada pelo organismo de reforma agrária do governo. Em pé em cima de um tablado no pátio de uma fazenda, de onde pode ver embaixo uma praça de touros, a repressão do passado transforma-se em algo demasiadamente real. Em um estado de assombro profundo, “esmagado pelo peso da história”, perde a voz. Uma anciã com muita sabedoria o conduz



Fotos: Afro-equatorianos em atuação durante o Encontro Cultural em Quito, Equador em 1996.

amazônica do Equador. Contém referências sobre o Primeiro Festival Folclórico Amazônico; o Encontro mencionado acima; uma década de outros festivais, *workshops* e eventos que destacam a relação entre a revitalização cultural e o desenvolvimento econômico; o programa de Cultura e Desenvolvimento do Festival de Tradições Populares Americanas da Instituição Smithsonian; e o festival nacional realizado no Equador em 1996. Esta narrativa celebra acertadamente a longa viagem empreendida pelas comunidades tanto indígenas como afro-equatorianas para conseguir a participação plena numa sociedade pluricultural, oferecendo “una visão de harmonia e tolerância interétnica”.

Não posso comentar sobre o quéchua, mas posso afirmar que dá gosto ler tanto o inglês como o espanhol. A meu ver, a editora desempenhou um papel importante no processo de redação e esta contribuição deveria ter sido reconhecida explicitamente. Não obstante, é uma omissão de pouca importância. Os contos de Chuck Kleymeyer conseguem expor uma visão diversa do Equador, mas não deixa de ser compreensível para leitores não-familiarizados com as ricas tradições étnicas do país. Além disso, esta valiosa coleção de material contém uma mensagem de agradecimento e respeito profundos para os equatorianos que abriram

as portas ao autor e com ele compartilharam a sua energia cultural.

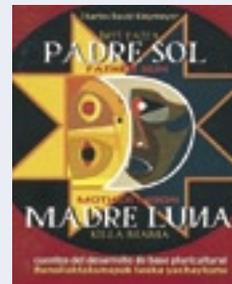
Olivia Cadaval é encarregada de programas e presidente de Pesquisas e Educação Cultural do Centro de Tradições Populares Americanas e Herança Cultural da Instituição Smithsonian. Para obter um exemplar deste livro, favor contactar a editora por meio de seu website www.abyaiala.org ou atepicabooks@epica.org.

pela mão até entrar na praça de touros, repleta de gente da comunidade reunida ali para ouvi-lo, e ele se recupera. A energia da mulher é esclarecedora para Carlos David e inverte a relação típica existente com muita frequência entre o doador e o donatário. Eu escolheria este conto como o primeiro a figurar numa lista de leituras para qualquer especialista de fora, seja etnógrafo, especialista em desenvolvimento ou ativista, que enfrenta uma comunidade dele desconhecida.

O conto final, de fato, começa com uma viagem de Carlos David com Juan García, narrador e folclorista afro-equatoriano, da serra até a selva tropical

Vida ou dignidade: Sonhos de El Toro

Extraído de *Padre Sol, Madre Luna* de Charles David Kley Meyer



El Toro

Pouco antes do amanhecer, Marcelino Montañós se levantou lentamente da cama. Olhando pela janela aberta de sua choça de palha, apenas pôde ver o rio coberto pela neblina matinal. Olhou sua esposa que dormia abraçada a seu filho recém nascido e decidiu ir pescar com suas redes esse dia e tentar a sorte em alta mar.

Quase ninguém no povoado de El Cuerval o conhecia pelo nome de Marcelino. Todos o chamavam de *El Toro* devido à sua baixa estatura e seus ombros musculosos e costas largas. O seu cabelo era uma grande afro e seu tom de voz era suave. A mansidão e gentileza de seus modos ocultavam uma grande firmeza de espírito. Estava orgulhoso de ser negro, neto de um homem que nasceu escravo e de outro, descendente de quilombolas, escravos naufragados que fugiram para os bosques tropicais a fim de formar as próprias comunidades livres e sobreviver. Até hoje em dia se pode viajar rio acima no Rio Santiago e no Rio Onzole e encontrar aldeias afro-equatorianas onde as pessoas ainda usam palavras africanas como *tunda e riviél, cununo, cotroco e cachimba* (para demônio, tambor, alçapão para a pesca e cachimbo).

Era sempre Marcelino—El Toro—a quem os ativas da região, como Juan García que também nasceu e cresceu em El Cuerval, sempre procuravam para reunir os pescadores da aldeia. Ele ia de casa em casa, amavelmente falando e falando até que cada homem ou mulher promettesse deixar de lado o que tinham pensado fazer para participar das discussões sobre como organizar as comunidades da zona e transformá-las em uma força capaz de lutar eficazmente contra a pobreza e a injustiça na região: formando uma cooperativa pesqueira, estabelecendo um armazém comunitário ou procurando a maneira de deter a destruição dos mangues.

Saindo da casa

Marcelino, El Toro, esfregou o rosto com as mãos e se levantou da cama de palha de bambu. Do lado de fora com uma cuia tirou água de chuva do barril e bebeu tudo o que pôde, encheu uma garrafa de

plástico para o dia e tirou as redes das tranqueiras onde tinham estado secando desde meados da semana. A seguir, arrancou uma penca de banana de um grande cacho pendurando no portal e colocou-a numa sacola de tecido para o seu almoço.

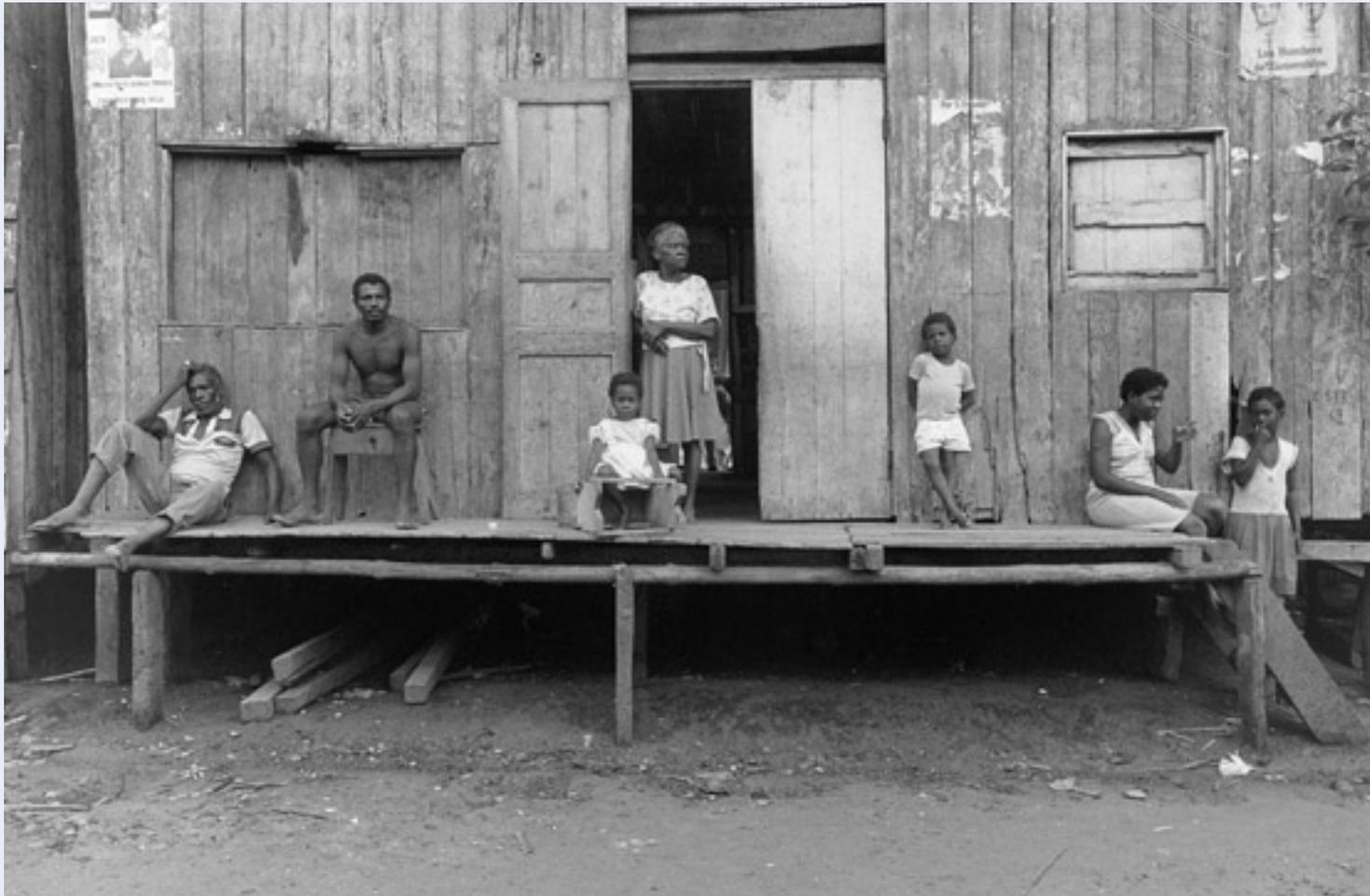
No momento não tinha nenhuma vontade de comer. Em Limones tomaria uma boa cuia de mingau de banana se tivesse tempo suficiente. Aquele pensamento o levou a tirar duas notas de mil sucres de um vaso próximo à imagem da Virgem do Carmo e a colocá-las no bolso da bermuda que vestia. Agarrando um remo que estava encostado num canto, recolheu as redes, a garrafa de água, a bolsa e a cuia redonda para tirar água da canoa e caminhou para a beira do rio.

O Rio Santiago é tão largo na altura de El Cuerval que quase não se vêem os mangues da outra margem. O povoado está suficientemente perto do mar e o rio retrocede quando sobe a maré e suas águas se tornam demasiadamente salgadas para ferver e beber. Quando El Toro era jovem, os golfinhos subiam o rio dando saltos e mergulhando em frente de sua casa, mas isso já não acontece mais. Uma vez um golfinho agonizante foi levado pela corrente à praia na frente de El Cuerval, talvez enfermo de tanto óleo e gasolina lançados pelos motores de bordo, quem sabe? Naquela tarde, antes do crepúsculo, meia dúzia de golfinhos chegou muito próximo da margem a nadou para cima e para baixo, lentamente, até o cair da noite. Nunca mais regressaram.

Justamente no momento em que o sol nascente fazia sua aparição sobre a copa das árvores distantes, El Toro jogou suas coisas na canoa e a arrastou pela praia úmida e arenosa, depois sobre o lodo e por fim no rio. Quanto a ponta da canoa girou, caminhou na água e, levantando uma perna sobre a borda, subiu. Ainda de pé, inclinou-se para pegar o remo e começou a empurrar a canoa para a corrente. Em uma hora estaria em Limones.

Caminho a Limones

Quando criança, El Toro não precisava sair de barco. Podia ficar parado na praia de frente a El



MIGUEL SAYAGO

Cuerval e lançar seu rede e em três ou quatro horas colhia peixe suficiente para alimentar a sua família durante dois dias e ainda sobrava alguma coisa para sua avó e suas quatro tias. Mas quando chegaram os barcos pesqueiros comerciais em busca de atum, camarão e enchova, o peixe logo escasseou. Segundo um técnico do Fundo Mundial para a Natureza, estes grandes barcos com suas redes de quilômetros inteiros jogam de volta ao mar nove quilos (20 libras) de peixe que não lhes serve por cada meio quilo (uma libra) de camarão pescado. E ninguém sabe quantos golfinhos se afogam nas redes de arrasto dos barcos atuneiros. Esta é outra razão por que raramente se vêem golfinhos.

Por causa dos barcos comerciais, os homens precisam afastar-se cada vez mais da costa, dez e até quinze quilômetros mar adentro e pescar todo o dia, às vezes só para conseguir o suficiente para o próximo almoço e café da manhã. Quando havia tempestade ou o mar estava muito agitado ou quando

as correntes mudavam de direção dificultando encontrar os peixes, as mulheres se metiam em suas canoas e remavam pelos estuários até os mangues para pegar caranguejo, conchas e outros mariscos. Os mangues eram as contas bancárias das mulheres, sempre disponíveis para o saque nos dias difíceis.

Mas chegaram grandes companhias camaroneras para criar camarão e enviá-lo diariamente aos Estados Unidos e à Europa. Trouxeram grandes máquinas de terraplenagem amarelas e dizimaram as centenárias árvores do mangue para abrir filas e filas de grandes piscinas retangulares onde semeavam as suas larvas de camarão, recolhidas nas águas dos estuários. As mulheres tinham de ir cada vez mais longe para encontrar mangues e muitas vezes encontravam com mulheres de outras comunidades que tinham chegado primeiro.

É por esta razão que Marcelino, El Toro, se viu forçado a sair ao alto mar em busca de alimentos para a família. Nesse dia, por exemplo, decidiu remar uma

hora até Limones para em seguida tomar um barco com destino à cidade de Esmeraldas. Mais ou menos a um terço da viagem de um dia inteiro daria um sinal ao capitão para que se detivesse e o baixassem pela borda com sua canoa. Assim ele poderia pescar e regressar a El Cuerval remando com a maré.

Enquanto remava para Limones, passaram umas gigantescas balsas flutuantes feitas com milhares de árvores recém-cortadas que iam às churrascarias e às fábricas de trípex, rumo ao Japão. Fez uma senha com a mão saudando aos homens que conduziam as balsas, enquanto eles cozinhavam seu café da manhã em pequenas fogareiros feitos em panelas de barro, junto às coberturas que tinham construído com folhas de palmeira. Eles permaneceriam naquelas balsas enquanto durasse a viagem, não importava o tempo. Ele também passou por Punto Venado, um assentamento funerário dos índios chachi, abandonado de propósito exceto por uma ou outra mulher que de vez em quando o visitava levando alimentos para as

almas partidas que viviam ali embaixo das choças silenciosas de palha levantadas sobre pilotis.

A maioria das comunidades tão próximas ao mar eram habitadas por negros, embora rio acima também houvesse assentamentos indígenas, como os índios awá que tinham fugido dos massacres na Colômbia no início do século e ainda temiam regressar. Mas agora, tendo encontrado um novo torrão, nunca mais voltariam.

Abordando o barco

Quando chegou a Limones, El Toro encontrou o barco que buscava, subiu pela rampa de madeira com seus pertences e os jogou num canto. A seguir, foi buscar a canoa, agarrou-a pela bordas com ambas as mãos, colocou-a sobre a cabeça e deu meia-volta, apoiando-a em seus largos ombros para ir com ela pela rampa e colocá-la em cima de um montão de barris.



MIGUEL SAVAGO

Como um dos trabalhadores do ancoradouro lhe informou que o capitão ainda não tinha chegado, desceu pela rampa ao ancoradouro e entrou em uma loja cooperativa administrada por várias mulheres do local. Ali tomou uma cuia grande de mingau de banana morno que uma senhora idosa de cabelo branco lhe serviu de um tacho. Ela continuava mexendo e remexendo o tacho sobre um fogo moribundo de carvão colocado em um barril de azeite descartado. “Fica aqui conversando comigo, jovem simpático”, murmurou, levantando a vista de sua posição inclinada e estirou a mão para procurar algo no bolso de sua bermuda. “Hoje não pescarás nada, só o riviél. E tu sabes...ele pode ser até pior que a *tunda*”.

El Toro sorriu e lhe apertou o ombro com a mão que tinha livre. “Sou demasiado rápido para o riviél, vovozinha. Só leva pescadores perdidos e depois que cai a noite, certo? E hoje não vou pescar até muito tarde, vovó, só umas horas em alto mar”.

Ela se pôs de pé mas suas costas continuaram encurvadas. “Já sei tudo isso”, disse, sacudindo a cabeça. “Mas esse meu sobrinho, traquinas como um coelho, me disse que a *tunda* já não podia encontrar mais crianças na selva, porque o bosque está todo cortado. Assim é que a *tunda* decidiu ir nadando ao mar em busca de qualquer coisa que possa encontrar”.

“Eu creio que teu sobrinho coelho te está enganando, vovó. Quem sabe se a *tunda* passou de dieta a peixe agora que seu pedaço de monte não passa de uma grande piscina de camarões!” Tirou do bolso uma das notas de mil sures e a pôs na mão da velhinha.

“Não, não, isso é muito”, disse ela.

“Não para ti, vovó”, respondeu El Toro. “Isso é pela sopa e tua preocupação”. Voltou-se e subiu a rampa rapidamente logo atrás do capitão, colocando a outra nota de mil sures na mão queimada de sol do homem.

No mar

Logo o barco saiu do ancoradouro. Depois de uma hora o céu começou a escurecer e o mar se enfunou. El Toro olhou a água e o horizonte e sacudiu a cabeça. No momento de chegar ao ponto onde devia ficar, o mar estava pior. O capitão e a tripulação lhe rogaram que continuasse com eles até a cidade de Esmeraldas.

“Amanhã eu te mando a canoa de volta a Limones”, prometeu-lhe o capitão, “no primeiro barco. Podes pegá-la amanhã ou no dia seguinte e



tentar outra vez. Enquanto isso podes voltar para casa esta noite de ônibus”.

El Toro olhava fixamente a cobertura enquanto eles falavam. Viu seus pés descalços, sua bermuda e sua velha camiseta. Como podia chegar a Esmeraldas vestido assim? As pessoas o tomariam por vagabundo sem-teto. E com que dinheiro pagaria a comida e a passagem para as seis horas de ônibus a El Cuerval? Porém o pior seria chegar tarde à casa, sem canoa, sem redes e sem comida para a família que certamente o esperava na margem, olhando atentamente. Agradeceu ao capitão e à tripulação, mas disse que não. Pescaria e voltaria para casa com seu peixe mesmo que tivesse de sentar-se na canoa para remar e lançar as redes, em vez de ficar em pé como era o normal. Com má vontade a tripulação ajudou El Toro a baixar pela borda da embarcação, colocando-o sobre as ondulantes ondas do mar.

Um pouco antes do amanhecer no dia seguinte, um grupo de pescadores do povoado despertou Juan García em casa de sua tia Maria em El Cuerval. “Juan, Juan! Venha, venha conosco. El Toro desapareceu!”

Durante dois dias o procuraram. Finalmente acharam seu corpo em uma praia remota e a uma centena de metros sua canoa com as redes. Em procissão solene e cabisbaixos, os amigos de El Toro colocaram seu corpo na canoa e o levaram em procissão à rodovia costeira. Todos os ônibus que passavam se negavam a levar os restos na canoa até El Cuerval. Por fim conseguiram convencer um caminhoneiro que buscava peixe para comprar a lhes permitir viajar no reboque do veículo.

O funeral

No dia seguinte fizeram o funeral. Não havia um único sacerdote em muitos quilômetros, mas realmente não importava pois a maioria da gente era católica só de nome. E como sempre fizeram o ente-

ro a seu modo. Só que desta vez foi a decisão dos amigos de El Toro dar-lhe as despedidas com todo o repertório tradicional que recordavam.

Os homens trouxeram tambores (cununos) e as mulheres ramos de flores e folhas de banana. Baixaram no túmulo o caixão onde ele jazia e o encheram de terra formando um montículo que cobriram com folhas e nenúfares. Logo os homens arrastaram seus tambores sobre o túmulo de terra e, enquanto as mulheres cantavam, eles tocaram e tocaram a noite inteira, até as mãos sangrarem.

E quanto mais doía, menos doía.

Por fim, o velho Eusebio se levantou do tronco onde estava sentado sob um abacateiro. Ajeitou sua camisa branca e voltou a acender o cachimbo. Don Eusebio era o melhor poeta negro de décimas da região, recitando os velhos poemas, alguns com origens na Espanha há vários séculos que recordavam eventos de um passado longínquo. Outros eram compostos no momento para comemorar, criticar ou lamentar um sucesso local. Todas as décimas começavam da mesma forma: uma estrofe de quatro versos e quatro de dez. As pessoas gostavam muito delas e decoravam as suas favoritas.

Don Eusebio caminhou a passo lento até o túmulo e entrou no círculo dos cantores e *cununos*. Tirou o cachimbo que estava entre os dentes manchados pelo fumo, apontou para a multidão com a boca e com um amplo movimento de seu braço como formando um arco, disse: “Agora escutem todos com atenção. . . . Acabo de compor uma décima para El Toro”. Fez uma breve pausa e coçou a barba branca com os dedos da mão livre.

“O título de minha décima é o seguinte: *O dia em que o grande Toro morreu no mar*”.

Don Eusebio começou a recitar seu poema com voz áspera, mas suficientemente forte para que as pessoas que estavam na parte de trás pudessem ouvi-lo perfeitamente. Sua décima contava toda a história tal como sucedeu: como El Toro fora a Limones e porque teve de ir até lá, como entrou na barca e pediu para baixar a canoa nas águas ondulantes. Contou também por que ele não fez caso ao capitão e à tripulação quando lhe rogaram que continuasse com eles até a cidade de Esmeraldas e porque ele simplesmente não pôde fazer isso.

E se a memória não me traiçoa, assim termina a décima: “Irmãos e irmãs, acabo esta história do dia em que morreu o grande Toro no mar, com esta simples pergunta para cada um de vocês . . . e para mim: El Toro perdeu a vida . . . mas manteve sua dignidade. Quando, em nome de Deus, um negro ou uma negra

poderá ter ambas? Quando poderemos escolher a vida e a dignidade?”

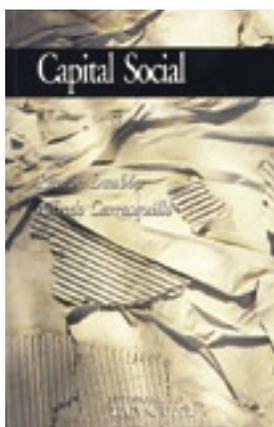
Tempos depois

Agora querem saber de uma coisa? Esta história também tem um final feliz. A partir daquele dia, conta Juan García, os moradores de El Cuerval e as comunidades próximas começaram a mudar. Assombrados com a história de El Toro que morreu por manter seu auto-respeito—uma história que foi levada muito longe pela décima de don Eusebio—começaram a voltar às suas antigas raízes. Os jovens recolhiam contos e décimas e a sabedoria tradicional dos anciãos, os imprimiam em folhetos e os distribuíam aos professores para que os usassem nas aulas. E o que aconteceu com os homens que tocaram os tambores naquela noite e as mulheres que cantaram? Formaram um grupo que agora viaja por toda a região tocando música e relatando contos e décimas, ensinando as pessoas como evitar o cólera e a malária e convencendo-as a que se unam na construção de barcos maiores e mais seguros para numa única canoa seis homens poderem pescar ao mesmo tempo.

Um grupo mais numeroso, composto de homens e mulheres procedentes de mais de 20 comunidades, trabalhou durante anos, escrevendo cartas e enviando projetos a Esmeraldas e Quito no intuito de estabelecer uma reserva de mangues na costa da província de Esmeraldas. Por último, em frustração, uma tarde fretaram vários ônibus para viajar 12 horas até Quito, onde se sentaram no chão do escritório do Diretor do Programa Florestal Nacional. Esperaram ali dois dias e duas noites, até que ele assinou um decreto que criou a reserva. E embora esta reserva de mangues tenha um nome extravagante nos mapas oficiais, a gente do lugar simplesmente a conhece como Sonhos de El Toro.

E aqui termina a minha história.

Charles David Kleymeyer, sociólogo do desenvolvimento e pesquisador principal do Center for the Support of Native Lands (Centro de Apoio a Terras Indígenas), trabalhou 21 anos na IAF como representante da Fundação em seis países, principalmente no Equador, e escreveu extensamente sobre a cultura e o desenvolvimento. Seu livro Vida e Dignidad (Vida ou Dignidade) foi publicado pela primeira vez em Southern Indiana Review 6, Nº 1, (1999).



Capital Social

de Ramón Daubón e Alfredo Carrasquillo

Tal Qual: San Juan, 2002

Disponível em espanhol

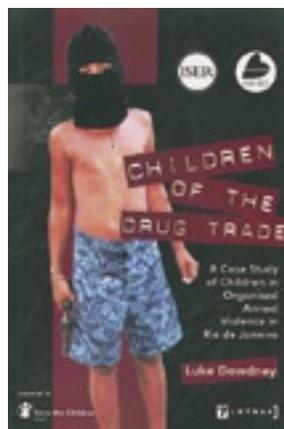
Um dos aspectos mais interessantes da obra intitulada *Capital Social* radica em que seus dois ensaios foram redigidos por dois autores porto-

riquenhos com antecedentes sumamente diversos: Ramón Daubón, vice-presidente de Programas da IAF, é economista e especialista em cooperação e desenvolvimento socioeconômicos; Alfredo Carrasquillo tem uma visão do mundo própria de um psicanalista, mas com ampla experiência em desenvolvimento comunitário. O ensaio de Daubón começa com uma definição de capital social: “um acúmulo de entendidos que normalizam a relação entre as pessoas e as instituições que elas criam para relacionar-se e dotar de fluidez a interação entre si”. Ao longo do texto, enriquece esta definição, matizando a reflexão teórica com divertidos exemplos e comparações. Carrasquillo, por sua vez, concentra-se na complexidade intrínseca do conceito. Ambos os exercícios são sumamente valiosos e revestem interesse particular para as pessoas que não se sintam à vontade com a aparente ambigüidade do conceito.

Os autores apresentam três formas de capital social, a saber, o “capital social de ligação” que se refere às relações e aos valores que nos unem dentro de uma comunidade ou um grupo, mas também nos distinguem uns dos outros; o “capital social de ponte” definido como as relações que nos unem com outras comunidades ou outros grupos; e o “capital social de acesso” ou de “hierarquias” que nos permite relacionar-nos com as estruturas de poder. Daubón considera que estes dois últimos são a chave para o processo de desenvolvimento econômico e social de uma sociedade. O capital social de ligação pode ser prejudicial para este processo, como afirma Carrasquillo, e operar contra o capital social de ponte.

Ramón Daubón usa o conceito do capital social para analisar os processos de mudança institucional e de participação dos cidadãos e vincular a democratização das sociedades com seu desenvolvimento

socioeconômico. Identifica o capital social como o fator-chave nos processos de desenvolvimento e não teme o desafio de buscar fórmulas para construí-lo e ampliá-lo. O seu ensaio termina com 13 apelos muito diretos, claros e aconselháveis a todos os participantes na cooperação para o desenvolvimento.—*Manuel Lobato Vico, professor, Universidade de Puerto Rico.*



Crianças no tráfico: Um Estudo de Caso de Crianças em Violência Armada Organizada no Rio de Janeiro

de Luke Dowdney

7 Letras: Rio de Janeiro, 2003

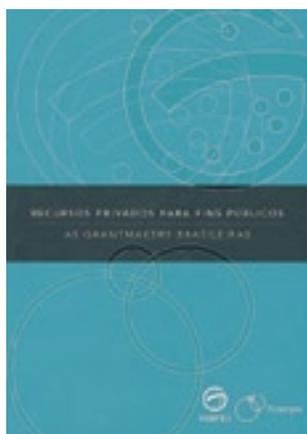
Disponível em português, inglês e espanhol.

La obra intitulada “Crianças no tráfico de drogas: Um estudo de caso de crianças envolvidas na violência armada organizada no Rio de Janeiro” concentra-se na participação de jovens em facções vinculadas ao narcotráfico nas favelas da cidade, local onde se comete grande parte dos delitos violentos registrados no Rio de Janeiro, e chega à conclusão de que as armas de fogo são a principal causa externa da morte dos menores de 18 anos nessa cidade. Segundo as investigações realizadas por Viva Rio, donatária da IAF, e pelo Instituto de Estudos de Religião (ISER), ambas ONGs brasileiras, de fato os jovens têm mais possibilidades de morrer por arma de fogo no Rio do que na Colômbia, Serra Leoa, Uganda, Iugoslávia, Afeganistão, Israel e Palestina, regiões atualmente em guerra. Por exemplo, de 1987 a 2001, as lesões causadas por armas de fogo deixaram um saldo de 3.937 jovens mortos no Rio, número oito vezes superior ao das 467 crianças israelenses e palestinas mortas nos territórios ocupados durante o mesmo período.

Em 1997 Luke Dowdney, antropólogo britânico e autor da obra, começou a trabalhar como voluntário na Viva Rio nos problemas de juventude e violência. O seu trabalho neste campo nos últimos cinco anos levou ao estabelecimento de projetos sociais inovadores, tais como Luta pela Paz, um clube de boxe que oferece aos adolescentes alternativas à delinquência

e ao emprego no narcotráfico. O seu livro descreve a organização e a história das facções vinculadas ao narcotráfico no Rio de Janeiro e investiga as razões da crescente utilização das crianças em confrontações armadas. Entre elas cita o uso de armas de fogo pequenas e leves facilmente manejadas pelas crianças e a crescente aceitação do narcotráfico como alternativa econômica e social para os jovens marginalizados com poucas possibilidades.

As pesquisas para o relatório incluíram entrevistas com ex-narcotraficantes, crianças dedicadas ao narcotráfico residentes das favelas. As comprovações levaram algumas organizações internacionais a exigir uma reclassificação das crianças que trabalham no narcotráfico no Rio de Janeiro como “crianças em violência armada organizada”, porque os termos “delinquentes criminais” ou “crianças combatentes” não refletem a sua realidade. Para pedidos por e-mail dirigir-se a monicavalcanti@vivario.org.br ou a mariana@vivario.org.br. O texto completo pode ser consultado no website do projeto www.desarme.org na Internet.—*Jessica Galeri, coordenadora, Desarme.org, um projeto da Viva Rio.*



**Recursos Privados
para Fins Públicos: As
Grantmakers Brasileiras**

*de Andrés Pablo Falconer e
Roberto Vilela*

*Editora Fundação Peirópolis
Ltda: São Paulo, 2001*

Disponível em português

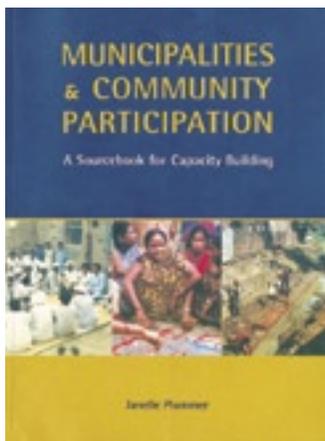
Na obra intitulada *Recursos Privados para Fins Públicos: As Grantmakers Brasileiras* são examinadas as origens do terceiro setor do Brasil e, em particular, as organizações donatárias deste setor. A parte central deste livro é um estudo realizado pelo Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), uma instituição brasileira sem fins lucrativos, e pelo Instituto Synergos de Nova Iorque, que os autores analisam no âmbito do legado histórico do terceiro setor brasileiro e do meio jurídico que o envolve hoje em dia. (Andrés Falconer, ex-bolsista da IAF, trabalhou com Lester Salamon, perito de destaque em matéria

do terceiro setor.) Este labirinto desconcertante é apropriadamente descrito como um “mosaico de leis de diversas épocas, implementadas por diferentes motivos, criadas por várias razões, em constante processo de modificação, e que constitui um conjunto incoerente, incompreensível e inacessível para as pessoas não muito versadas no assunto”.

Das 31 organizações estudadas, 19 afirmam estar afiliadas a empresas e o restante é identificado como organizações sem fins lucrativos, famílias, pessoas naturais ou entidades religiosas. Ao criar um perfil dos participantes no estudo, os autores destacam amplas estatísticas e tendências. É notável que tenham escolhido o uso da palavra inglesa *grantmaker* em lugar do termo português “doador”, que evoca uma relação paternalista e uma ação social ineficaz com resultados insustentáveis.

Cumprir indicar que nenhum dos participantes do estudo se classifica unicamente como doador: 65% afirmam que a doação é uma de várias atividades principais e 35% indicam que a sua doação não é um objetivo básico. Também é digno de menção que 77% manejam os próprios projetos e programas, além de concessão de doações. No entanto, esta função contribui para a influência das organizações estudadas, porque as ONGs e os grupos de base comunitários tendem a adaptar as propostas de projetos a diretrizes dos programas para ampliar ao máximo suas possibilidades de obter financiamento. A manutenção das prioridades de investimento dos doadores de acordo com as necessidades da comunidade e o aproveitamento da capacidade de intervenção social dos grupos da sociedade civil serão dois dos maiores desafios e oportunidades para o terceiro setor brasileiro à medida que amadurecer.

Os autores abordam abertamente os mitos culturais que envolvem o terceiro setor brasileiro e apresentam conclusões bem pensadas sobre a função das fundações constituídas como sociedades, recursos internacionais e outras forças de consolidação. O que é mais importante, aborda-se amplamente a questão fundamental da sustentabilidade. Embora seja limitada a amostra de organizações objeto de análise, o livro cumpre plenamente a sua meta de introduzir um possível âmbito para o futuro estudo dos doadores brasileiros. Favor dirigir por e-mail a vendas@editora.peiropolis.com.br.—*Megan Savage, estagiária da IAF.*



**Municipalities
and Community
Participation: A
Sourcebook for
Capacity Building**

de Janelle Plummer

Earthscan Publications
Ltd.: Londres, 2000

Disponível em inglês

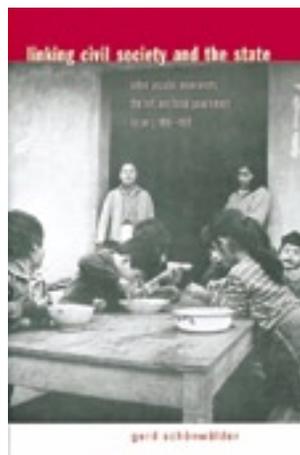
O livro de Janelle Plummer intitulado *Municipalities and Community Participation: A Sourcebook of Capacity Building* (Municipalidades e Participação Comunitária: Livro-Fonte de Reforço Institucional), apresenta um âmbito estratégico mediante o qual os municípios podem executar processos participativos e estabelecer parcerias com as comunidades. Mas, por que as unidades municipais devem sequer preocupar-se com os processos participativos? Segundo Plummer, simplesmente porque, juntamente com as parcerias entre as organizações municipais, a sociedade civil e o setor privado, oferecem soluções inovadoras e rentáveis aos problemas de desenvolvimento.

Plummer não diminui a importância das dificuldades de introduzir processos participativos. Adverte que “a comunidade de desenvolvimento muitas vezes não entende nem reconhece que a própria natureza do município convencional está no conflito com o conceito de participação e que a idéia geral de parceria entre a comunidade e os municípios é algo incongruente”. A tarefa pendente consiste em ajudar os municípios a se tornarem organizações mais sensíveis, flexíveis e responsáveis que trabalhem em harmonia com as comunidades. Plummer vê uma melhor qualidade de vida para os pobres com base em formas de participação comunitária sólidas e sustentáveis, mas também ressalta “a efetiva gestão e a liderança [que] fornecerão a força motriz para a mudança e o estímulo para o processo de fortalecimento da capacidade e apoiarão as iniciativas de execução”.

Obviamente, a IAF não questionaria este ponto, uma vez que as parcerias entre a comunidade e os municípios ocupam lugar de destaque em sua carteira de projetos. Por exemplo, no Equador, a Asociación de Parroquias Rurales de Cuenca estabeleceu uma

parceria bem-sucedida com o município local em um processo participativo de elaboração de orçamentos que determina as prioridades para projetos de infraestrutura e desenvolvimento. Na Bolívia, o município de Choquecota e o Conselho de Jilakatas, ou dirigentes tradicionais, trabalham juntos para manejar os assuntos locais e melhorar a qualidade de vida da comunidade. Em El Salvador, o município de Nejapa toma medidas deliberadas para instituir mudanças por meio da boa governança, do diálogo e da cooperação entre um notável grupo de ex-adversários. O desenvolvimento desses municípios tem demonstrado a importância de dar expressão aos cidadãos.

Os argumentos de Plummer também provêm da experiência. Os seus estudos de casos bem-sucedidos (e fracassados) de parcerias entre os municípios e a comunidade na Índia, Paquistão, Sri Lanka e Egito oferecem às pessoas que trabalham na América Latina uma visão instantânea do processo em uma região diferente. Este livro é um útil recurso para as autoridades municipais e os profissionais do desenvolvimento interessados em incorporar em seu trabalho um dos componentes mais importantes da boa governança: um compromisso estável, inclusivo e participativo entre os municípios e os seus cidadãos. —Ana Tenorio, estagiária da IAF.



**Linking Civil Society
and the State: Urban
Popular Movements,
the Left, and Local
Government in Peru,
1980-1992**

de Gerd Schönwälder

Pennsylvania State
University Press: University
Park, 2002

Disponível em inglês

Na obra intitulada *Linking Civil Society and the State: Urban Popular Movements, the Left, and Local Government in Peru, 1980-1982* (Vinculação da Sociedade Civil com o Estado: Movimentos Populares Urbanos, a Esquerda e o Governo Municipal no Peru), Gerd Schönwälder oferece uma análise acadêmica das organizações de base urbanas: seu surgimento, desenvolvimento e interação com as autori-

dades centrais e locais. No centro da análise está a capacidade desses movimentos urbanos de moldar políticas sem serem absorvidos pelas pessoas que procuram influenciar. No entanto, ficamos somente com um vago sentido da possibilidade desses movimentos urbanos de fortalecer a democracia na realização desse processo.

Os movimentos de Schönwälder surgem em favelas e bairros pobres ao redor de exigências particulares de moradia, infra-estrutura e outras comodidades feitas às autoridades governamentais. Isso significa que os movimentos urbanos devem forjar relações com o aparato do Estado, geralmente por meio de parcerias com o governo e com os partidos políticos ou participação política direta dos dirigentes do movimento, opções que devem ser ponderadas frente ao risco de se transformarem em instrumentos do programa de trabalho de outros e de serem manipulados por estruturas clientelistas. A independência, apesar de ser uma alternativa existente, limitaria a capacidade dos grupos de promover a mudança. Conforme indica Schönwälder, uma melhor estratégia poderia consistir em coalizões entre movimentos urbanos, ONGs, partidos políticos e autoridades governamentais que permitam mais autonomia porém queiram muita aptidão.

Schönwälder descreve os movimentos urbanos do Peru desde a emigração em massa aos *pueblos jóvenes* (favelas) de Lima na década de 1940 até as tentativas dos governos militares na década de 1970 de solidificar sua base política. Posteriormente, aprofunda-se na relação entre os movimentos urbanos e os governos locais de esquerda durante a década chamada de descentralização que seguiu ao regime militar. Citando estudos de casos e entrevistas com funcionários públicos e ativistas urbanos, Schönwälder detalha como os residentes das favelas adaptaram as estratégias de participação para alcançar as suas metas no novo espaço político. No entanto, em vez de passar por uma evolução teleológica, os movimentos urbanos oscilaram entre manter sua independência e responder à crise econômica da década de 1980 como organizações de serviço assistencialista que ofereciam, por exemplo, refeitórios populares.

A imagem favorável porém objetiva dos movimentos urbanos de Lima projetada pelo autor baseia-se em suas pesquisas sobre êxito e fracasso. Conforme nos indica, a descentralização imperfeita, as culturas

do populismo e do clientelismo e as práticas políticas de exclusão reduziram a possibilidade de promover a democracia participativa nas zonas urbanas do Peru. No entanto, Schönwälder tem uma certa esperança pelo fato de que o movimento urbano como força política e a democracia como ideal político, apesar de estarem debilitados, sobreviveram ao governo de Fujimori altamente centralizado (e progressivamente corrupto). Não recomenda formas em que os movimentos urbanos possam forçar a que haja uma abertura mais ampla agora e nem oferece incentivos nem condições que influenciem as pessoas que exercem o poder a removerem os obstáculos a essa abertura. Ao contrário, insta-nos a aprender dos acontecimentos passados e a continuar buscando condições propícias para a viabilidade da plena participação social.—
Eduardo Rodríguez-Frías, assistente de programas da IAF.



Gender, Development, and Money

Ed. Caroline Sweetman

Oxfam GB: Oxford, 2001

Disponível em inglês

Os nove artigos obra intitulada *Gender, Development, and Money* (Gênero, Desenvolvimento e Dinheiro), parte da Série de Enfoque no Gênero da Oxfam, explora vários aspectos de um assunto que é motivo de profunda preocupação no estudo do gênero e do desenvolvimento: a conexão do dinheiro com o poder e o seu efeito nos homens e mulheres.

Todo mundo sabe que as mulheres têm menos possibilidades do que os homens de ter dinheiro. Segundo o “Relatório sobre o Desenvolvimento Humano” do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), publicado em 1995, as mulheres representam até 70% das pessoas de baixa renda do mundo. Qual é a probabilidade de melhoria que existe graças às três formas de adquirir riqueza legalmente, a saber, herança, trabalho remunerado

e empréstimos? As práticas tradicionais no tocante à herança tendem a favorecer os homens e as leis contemporâneas sobre o direito de sucessão podem ser burladas com facilidade. Ao longo da história, a remuneração do trabalho da mulher tem sido nula ou insuficiente. Os prestamistas mostram-se muitas vezes renitentes em conceder crédito às mulheres. As duas últimas possibilidades são discutidas nesta obra com mais detalhe.

Qualquer pessoa que veja esperanças para as mulheres no desaparecimento das indústrias tradicionais deve ler a discussão de Daphne Jaisinghe sobre as empregadas de fábricas de Santa Lúcia, Barbados e Trinidad. À medida que o trabalho na linha de montagem, de baixo custo e com mão-de-obra intensiva, cede o passo a métodos de produção muito especializados, as perspectivas das mulheres são sombrias, afirma Jaisinghe, a menos que se lhes ofereça treinamento, mais flexibilidade nos horários e nos lugares de trabalho e uma divisão imparcial do trabalho.

Nos últimos 20 anos, o emprego autônomo tem sido anunciado como a chave para uma vida melhor e tem levado muitas organizações de desenvolvimento a se concentrarem na necessidade de capital de investimento que têm as mulheres. Em dois artigos dessa coleção (um de Joyce B. Endeley e o outro de Juliet Hunt e Nalini Kasynathan) esses programas de crédito são abordados como instrumentos para o desenvolvimento. Cada autora reconhece que as mulheres e suas famílias podem receber benefícios tangíveis por meio do crédito (ou seja, entra mais dinheiro em casa para artigos essenciais), mas as três alegam que o crédito não confere automaticamente mais poder às mulheres. Nada garante que as mulheres controlem o dinheiro adquirido ou que sequer se expressem sobre a forma de utilizá-lo. Além disso, nos lugares em que a aquisição de dinheiro de uma fonte externa por uma mulher for considerada como um desafio ao Estado e aos privilégios dos homens na família, poderá surgir ressentimento ou até mesmo violência. Mais favorável é a opinião expressa com relação ao problema das empresárias no artigo de Lilliane Ploumen sobre o trabalho de Mama Cash, uma organização de financiamento fundada por uma cidadã holandesa que pôs a sua vasta herança a trabalhar para apoiar empresas femininas e projetos de estudo e desenvolvimento nos Países Baixos e no exterior. Segundo

Ploumen, os ricos podem questionar a discriminação sexual ao investirem na transformação social.

Obviamente, a principal meta econômica dos investigadores e profissionais que trabalham em questões de gênero e desenvolvimento está acabando com a desigualdade entre os sexos. Mas isso será suficiente? Todos os autores desta obra parecem estar de acordo em que, definitivamente, o empoderamento das mulheres não significa apenas ter mais dinheiro; tem também dimensões políticas e sociais.—*Marieannette Otero, assistente de programas da IAF.*

O longo caminho de uma pequena doação

— ELIZABETH MAYER: 1916–2002 —

A gente nunca pode estar certo a respeito do lugar a que levará o caminho de uma pequena doação, especialmente quando é longo.

Nas homenagens funerárias a Elizabeth Mayer em Vilcacoto, Peru, em agosto de 2002, diversos representantes das comunidades vizinhas da serra peruana elogiaram seus infatigáveis esforços por promover, com veemência e eficácia, as bibliotecas escolares e as atividades de leitura das crianças pobres de suas aldeias. A fonte de inspiração de Elizabeth Mayer foi *El Mundo de Santiago* (O Mundo de Santiago), um conto infantil em dois volumes sobre uma criança pequena escrito por sua filha, Ana Mayer, artista e professora voluntária de jardim da infância que morreu de câncer em 1973 com a idade de 24 anos. Vários anos depois da morte de Ana, Elizabeth Mayer descobriu a IAF. Em 1979 a IAF concedeu ao Grupo Yanapai, fundado por Elizabeth e sediado em Lima, uma doação de US\$12.000 para a publicação do manuscrito que Ana tinha terminado alguns dias antes de morrer, à guisa de presente para crianças como aquelas a quem ensinara e amara.

Muitos tinham emigrado das montanhas para os bairros baixos das zonas urbanas. Ana, fascinada por suas experiências, comemorou sua existência em uma descrição perceptiva de uma criança e da vida rural andina. Tanto o texto como as ilustrações em cores de Elizabeth Zumbuhl mostram cenas do assombro de Santiago, comodamente envolvido no manto colorido no qual sua mãe o levava às costas, enquanto observava o mundo ou olhava sua mãe fiando e tecendo, pastoreando ovelhas e cozinhando em sua choça de adobe em panelas de barro. Mais tarde, Santiago juntou-se a seu pai para arar os campos de batata, cuidar dos rebanhos de lhamas, aventurar-se nos campos de mineração, caminhar pelo escarpado terreno dos Andes a pé e observar a revelação da vida da janela de um ônibus. Como livro de leitura, *El Mundo de Santiago* mostra às crianças pobres dos Andes de um ângulo mais preciso —e favorável— que as imagens estereotípicas estilizadas da literatura infantil do Peru de finais da década de 1970, inclusive dois textos das escolas públicas.

A primeira edição do livro coincidiu com o Ano Internacional da Criança, circunstância que aumentou o volume de vendas e o interesse. O Ministério de

Educação do Peru autorizou imediatamente seu uso como texto suplementar de leitura para as crianças da segunda série do ensino. Em 1981 já se tinha esgotado uma tiragem de 10.000 exemplares; as sete edições seguintes incluíram, desde o início, versões em quéchua e francês. Entre os promotores do livro figura uma federação de sindicatos de mineiros. Várias ONGs peruanas doaram exemplares desta obra às bibliotecas escolares demasiadamente pobres para comprá-las. Uma vez parei para ver uma edição patrocinada pelo UNICEF, a quinta, em exibição na vitrina de uma livraria de Santa Cruz, Bolívia. Mais de dois decênios de validação desse tipo obviamente serviram de estímulo a Elizabeth Mayer ao procurar transmitir às crianças peruanas a alegria de ler.

Mayer chegou a Buenos Aires em 1940, sem um centavo, como refugiada da Alemanha nazista, de onde ela e seus pais tinham fugido. Seu noivo prometido a esperava em La Paz e, pela Rodovia Pan-Americana, naquela época apenas um caminho de cavalos no meio da areia, chegaram a Lima onde

contraíram matrimônio. Com o tempo, o casal se estabeleceu em Huancaio e abriu uma loja de ferragens. Vilcacoto é um povoado próximo situado nas margens do Rio Shulcas, que corre das montanhas nevadas de Huaitapallan a Huancaio. A escola tem o nome de Ana Mayer. Antes de morrer, pediu para ser sepultada no cemitério do povoado de onde se avistam campos de milho e batata, pradarias, árvores de eucalipto e, ao longe, o extenso vale de Mantaro. As cinzas de Elizabeth Mayer também estão enterradas ali, perto dos arbustos de *kantuta roja*, a flor nacional do Peru natural dos Andes, que tinha semeado para marcar o lugar onde descansa sua filha e onde estão as cinzas do pai de Ana, falecido em 1993.

Da mesma forma que a palavra escrita de Ana Mayer, o impulso desencadeado por sua mãe perdura e *El Mundo de Santiago* continua chegando a novos tipos de público. A primeira versão em inglês foi publicada na Índia no início de 2003. Há pouco foi publicada uma edição bilíngüe quéchua-espanhol, destinada às crianças da região de Huancavelica e Ayacucho e proximoamente será distribuída em Cajamarca a oitava edição em espanhol. O caminho continua.—Kevin Benito Healy





www.iaf.gov

Índice

REPORTAGEM ESPECIAL

Os donatários argentinos da IAF: Presos na crise

Paula Durbin

Mobilização das redes de museus comunitários no México—e além

Kevin Benito Healy

Desenvolvimento e gênero na Guatemala

Rosamaría Cruz

SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS

Fórum sobre remessas de fundos: Protagonistas e programas em El Salvador

Salvador Sanabria

Desenvolvimento da indústria de laticínios nos Andes peruanos

Alipio Montes Urday

O preço da preservação florestal e dos pastos do altiplano

Robert Yaguache O.

O desafio da sustentabilidade

Edward Hoyt

NA IAF

A marcha do desenvolvimento

Os donatários nas notícias

Resenha

Padre sol, madre luna: Cuentos del desarrollo de base pluricultural

Olivia Cadaval

Extrato: “Vida ou dignidade”

Charles David Kleymeyer

Recursos

In memoriam